

**UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**Entre o silêncio e o Reconhecimento:
O processo de independência e os movimentos de libertação no
Congo-RDC (1956-60)**

EVELYN ROSA DO NASCIMENTO

Seropédica/RJ
Dezembro, 2015



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Entre o silêncio e o Reconhecimento: o processo de independência e os movimentos de libertação no Congo-RDC (1956-60)

EVELYN ROSA DO NASCIMENTO

Sob a Orientação da Professora
Dr.^a Fabiane Popinigis

e da Co-orientação do Professor
Dr. Alain Pascal Kaly

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em História**, no
Curso de Pós-Graduação em
História, Área de Concentração
Relações de Poder e Cultura

Seropédica, RJ
Dezembro, 2015

960.325

N244e

T

Nascimento, Evelyn Rosa do, 1988-
Entre o silêncio e o
reconhecimento: o processo de
independência e os movimentos de
libertação no Congo-RDC (1956-60) /
Evelyn Rosa do Nascimento - 2015.
118 f.: il.

Orientador: Fabiane Popinigis.
Dissertação (mestrado) -
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Curso de Pós-Graduação
em História.

Bibliografia: f. 102-106.

1. África - História - Séc. XX -
Teses. 2. Congo (República
Democrática) - História - Séc. XX -
Teses. 3. Escravidão - África -
História - Séc. XX - Teses. 4.
Escravidão - Congo (República
Democrática) - História - Séc. XX -
Teses. 5. Movimentos de libertação
nacional - Congo (República
Democrática) - Teses. I. Popinigis,
Fabiane, 19-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro.
Curso de Pós-Graduação em História.
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO**

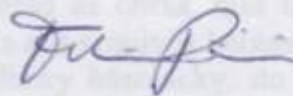
"Entre o silêncio e o reconhecimento: o processo de independência e os movimentos de libertação no Congo/RDC (1956-60)"

EVELYN ROSA DO NASCIMENTO

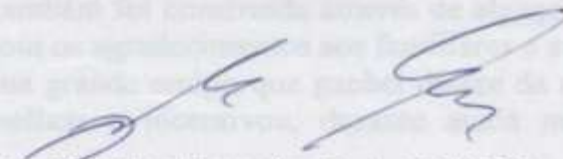
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 01/12/2015

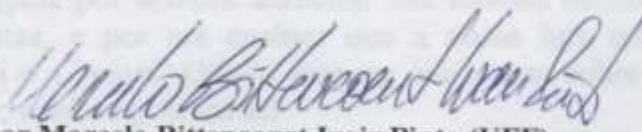
Banca Examinadora:



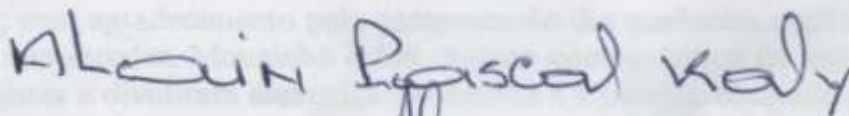
Professora Doutora Fabiane Popinigis (UFRRJ)
Orientadora e Presidente da Banca



Professor Doutor Alexandre Fortes (UFRRJ)
Membro Interno



Professor Doutor Marcelo Bittencourt Ivair Pinto (UFF)
Membro Externo



Professor Doutor Alain Pascal Katy (UFRRJ)
Membro interno

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a todas e todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão dessa etapa e me desculpo pelo eventual esquecimento de nomes que deveriam estar listados.

No âmbito acadêmico, inicio agradecendo aos meus orientadores: Fabiane Popinigis e Alain Kaly.

Fabiane foi generosa e corajosa quando se mostrou disposta a me orientar. Incentivou, aconselhou e também cobrou nos momentos necessários para que eu divagassem menos com minhas abstrações acadêmicas. Gratidão ao seu apoio e a paciência.

Ao Alain, propulsor da minha aventura e inquietação acadêmica pelos Estudos Africanos, agradeço por ensinar em suas aulas os silêncios e falar das “páginas em branco da História” que são tão reproduzidas e pouco contestadas. Nossas conversas sempre dão mais sentido à caminhada. A você minha imensa gratidão.

Agradeço também as discussões do grupo de pesquisa História social no Sul Global, que contribuíram com leitura, críticas e sugestões. Obrigada Antônio e Guilherme pelo incentivo e apontamentos.

Expresso aqui também meu agradecimento e admiração a Jacques Depelchin, que sempre foi uma inspiração. Sou imensamente grata por seu apoio através de livros e textos enviados por correios, indicações de leitura, conversas pelo skype e emails. As palavras não são suficientes para demonstrar minha estima por seu trabalho e engajamento pela História da África e dos africanos no mundo.

Destaco ainda minha gratidão ao Ralph Coeckelberghs e Guy De Boeck, que lá da Bélgica, muitas vezes iluminaram minhas ideias através de seus emails. O trabalho de Guy De Boeck e do CongoForum também foram de grande importância para o avanço desta pesquisa. O portal de documentos e obras da CongoForum possibilita aos estudiosos e interessados na história do Congo ter acesso às obras, que talvez só poderiam ser consultadas através de viagens e consulta pessoais aos arquivos belgas.

Ao pesquisador Jacky Maniacky, do MRCA pelo apoio e incentivo. Cito também meu agradecimento a Larissa Gabarra que incentivou o desenrolar da pesquisa, já na graduação.

Como a pesquisa também foi construída através de abraços aconchegantes, lágrimas e muita paciência seguem com os agradecimentos aos familiares e amigos.

Gustavo Durão, uma grande amigo que ganhei diante da necessidade de aprender o francês, me ajudou, aconselhou e incentivou, durante ainda meus primeiros passos na graduação.

Plena gratidão a minha mãe, que conheceu a maternidade ainda na adolescência e soube superar os desafios de ser mulher negra e mãe solteira, numa sociedade ainda tão tomada pelo preconceito. Obrigada por sempre acreditar nas minhas escolhas, sem mesmo conhecer os caminhos para estas, e por me ensinar que a nossa luta nunca pode parar. Agradeço também ao “vô” Puri e a “vóva” Glória, que me ensinaram sobre minhas origens. Gratidão às mulheres da família, minhas guerreiras!

Agradeço também ao meu amor, companheiro, amigo e clássico capricorniano, Cadu. Sua companhia coloriu os dias mais embaçados dessa caminhada. Obrigada pelo carinho e paciência.

Aos amigos, meu agradecimento pela compreensão das ausências e paciência com o “não posso, vou ter que estudar. Mouzinho e Lei, nossos companheiros de gelada, também comemoraram conquistas e dividiram angústias. Mandinha e Dudinha, obrigada por aturarem a “Fefa sendo Fefa” desde a graduação. Táta e Sheiloca são também grandes amigas que tiveram muita paciência nesse período mais recluso. Um “obrigada” especial para Elis

Kalonji, que se tornou amigo de longas conversas na Rural e que muitas vezes me socorreu com as traduções do francês ou com questões sobre o seu país. Obrigada !!

Gratidão aos amig@s, professor@s e familiares que, direta ou indiretamente, me acompanharam nessa caminhada!

*A luz selvagem do Sol resplandecerá novamente sobre nós,
enxugará as lágrimas e as nossas feições achincalhadas.
Quando romperem estes grilhões, estas pesadas correntes,
dispersar-se-á para sempre o tempo da crueldade, da maldade.
Orgulhoso, o livre Congo se levantará da terra negra.
(Patrice Emery Lumumba)*

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo destacar as diversas manifestações e inquietudes existentes na colônia para exigir e acelerar a oficialização da independência do Congo. O trabalho propõe analisar os congoleses como sujeitos históricos da conquista pela libertação dos africanos e do Congo, destacando o protagonismo congolês diante da agressiva colonização belga. Através da análise do movimento congolês pela libertação a partir de elementos internos ao Congo e da mobilização, impasses e conflitos vivenciados pelos sujeitos do período, destacamos os silêncios sobre as brutalidades cometidas no Congo sob a fachada humanitarista colonial. Acreditamos, desse modo, que essa abordagem nos possibilita reivindicar o conhecimento de outra perspectiva histórica, a qual não negligencia a atuação, negociação, resistência ou conivência desses sujeitos nos processos coloniais e de libertação da história do Congo.

Palavras-chaves: África; Congo-RDC; Independência; Libertação

ABSTRACT

This work aims to highlight the various existing events and concerns in the colony to demand and accelerate the formalization of the independence of Congo- RDC. The work aims to analyze the Congolese as historical subjects of achievement for the liberation of African and Congo, highlighting the Congolese leadership in the face of aggressive Belgian colonization. Through the analysis of the Congolese movement for liberation from internal elements to Congo and mobilization, impasses and conflicts experienced by the subjects of the period, we highlight the silences about the brutalities committed in the Congo under the colonial humanitarista facade. We believe, therefore, that this approach enables us to claim the knowledge of another historical perspective, which does not neglect the work, negotiation, resistance or connivance of these subjects in colonial processes and release in the history of Congo.

Key-Words: Africa; Congo DRC; African decolonization

LISTA DE IMAGENS

Mapa 1.1 – Mapa onde se encontra destacado o território que correspondente ao antigo reino do Kongo, 1900.....	27
Mapa 1.2 - Mapa ampliado da região de Katanga, onde se concentra as grandes empresas de mineração, 1896	39
Mapa 1.3 - Mapa do Estado Livre do Congo, dividido em Províncias, 1896.....	43
Imagem 3.1 – Edição Especial de Independência do Congo-RDC.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 Crescimento da População Branca no Congo, organizada por nacionalidades, 1958.....	37
Tabela 2.1 - Lista e sigla de partidos do Congo-RDC, 1956-60.....	54

SUMÁRIO

Introdução	12
CAPÍTULO I - Contextualizando o Congo-RDC	22
Uma mancha no oceano	22
A Conferência de Berlim e a concessão de Leopoldo II	29
O Congo de Leopoldo II e a colonização belga	31
Breve panorama sobre a sociedade e organização administrativa do Congo em meados do século XX.....	34
O Congo como coração da África: a importância política e econômica da região no contexto internacional.....	44
CAPÍTULO II- O processo de independência e as manifestações anti-coloniais no Congo-RDC	48
Independência, "I presume?".....	48
"Povo congolês, levanta-te !"	50
A ABAKO quer e busca o reconhecimento e proclamação da independência do Congo	52
A crise econômica no Congo e o engajamento dos jovens congolezes nos movimentos anti-coloniais.....	58
A Província de Katanga e o processo de libertação no Congo	64
A visita de Lumumba à Katanga e sua repercussão.....	68
CAPÍTULO III- A independência do Congo e sua repercussão	77
Aos congolezes e congolezas, aos combatentes da independência.....	77
O <i>Remarques Congolaises</i> no movimento pela libertação.....	83
Silêncios e ruídos do 30 de junho de 1960....	86
Vive le gouvernement congolais!.....	88
A repercussão do pronunciamento de Lumumba na cerimônia de independência.....	93
Considerações Finais	101

Bibliografia.....	102
Lista de Fontes.....	105
Anexos.....	107

INTRODUÇÃO

"[...]Et puis s'en vint le Blanc, plus sour nois, plus rusé et rapace
Qui échangeait ton or pour de la pacotille,
Violentant tes femmes, enivrante tes guerriers,
Parquant en ses vaisseaux tes garçons et tes filles.
Le tam-tam bourdonnait de village en village
Portant au loin le deuil, semant le désarroi,
Disant le grand départ pour les lointains rivages
Où le coton est Dieu et le dollar Roi
Condamné au travail forcé, tel une bête de somme
De l'aube au crépuscule sous un soleil de feu
Pour te faire oublier que tu étais un homme
On t'apprit à chanter lês louanges de Dieu.
Et ces divers cantiques, en rythmant ton calvaire
Te donnaient l'espoir en un monde meilleur...
Mais en ton cœur de créature humaine, tu ne demandais guère
Que ton droit à la vie et ta part de bonheur [...]"¹

(Lumumba, Patrice. Pleur, Ô Noir frère bien-aimé, 1959)

Esta dissertação tem por objetivo destacar as diversas manifestações e inquietudes existentes na colônia para exigir e acelerar a oficialização da independência, procurando perceber os congolesees como sujeitos históricos da conquista pela libertação dos africanos e do Congo. Para isso, analisamos o movimento congolês pela libertação a partir de elementos internos ao Congo e da mobilização, dos impasses e dos conflitos vivenciados pelos sujeitos do período. Essa abordagem nos possibilita reivindicar o conhecimento de outra perspectiva histórica que leve em conta a atuação, a negociação, a resistência ou a convivência dos africanos nos processos coloniais e da libertação da história do Congo.

Sobre a delimitação do tema, a dissertação versa sobre a atual República Democrática do Congo, conhecida também como Congo Kinshasa, país francófono, localizado praticamente no centro do continente Africano, pertencente à chamada África Central ou a região da África Subsaariana. Assim, o Congo é chamado, ao longo da dissertação, de Congo-

¹ Tradução livre: "E então veio o branco, mais tortuoso, mais astuto e voraz
Que trocou o tom de ouro para o vulgar,
Violência contra nossas esposas, nossos guerreiros inebriante,
Carregando em navios seus meninos e suas meninas.
Os tambores zumbiam de aldeia em aldeia
No entanto, levando longe o luto, espalhando a desordem
Dizendo que a grande partida para praias distantes
Onde o algodão é o dólar Deus e Rei
Condenado a trabalhos forçados como uma besta de carga
Do amanhecer ao anoitecer sob um sol ardente
Para fazer você esquecer que está um homem
Disseram-lhe para cantar louvores a Deus ali.
E essas várias músicas em ritmo para o seu calvário
Você deu a esperança de um mundo melhor ...
Mas em seu coração do ser humano, você não pediu guerra
Deixe o seu direito à vida e sua quota de felicidade"

RDC, a fim de não confundir o leitor, diante dos diversos nomes que recebeu ao longo de sua história.

Como recorte temporal da pesquisa, compreendem-se os anos de 1956 e 1960, sendo o ano de 1956 considerado o marco da eclosão de manifestações políticas de associações. Entretanto, consideramos o processo de libertação como um movimento de longa duração, cujas raízes não se limitam ao período chamado de descolonização. Nessa perspectiva, tratamos também do período antecedente a esse processo, a fim de compreender o movimento como resultado de um longo encadeamento mais complexo, que não deve ser analisado de forma desassociada.

Acreditamos que a pesquisa dos documentos e das fontes disponíveis, a partir de uma perspectiva da história política e da história social nos permitiram abordar certos fatos essenciais para aprofundar a compreensão do processo histórico, que compreende a independência do Congo.

Temos como preocupação trazer "ao centro da cena, a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados"², a fim de evidenciar a atuação destes militantes críticos ao sistema colonial e engajados na luta pela libertação do Congo e sua interação com os diversos sujeitos e espaços. Evidenciamos, assim, a importância de uma reflexão sobre a experiência histórica desses sujeitos que vivenciaram ou participaram das manifestações anticoloniais ou em prol do colonialismo, durante o processo de independência do Congo. Pois, segundo Thompson, a partir da "experiência", categoria considerada por ele imperfeita, o historiador é capaz de compreender as respostas mentais e emocionais de indivíduos diversos a acontecimentos regulares.³

Desse modo, a dissertação aqui apresentada contribui, ao mesmo tempo, para o enriquecimento da historiografia sobre o continente Africano e, também sobre a história da Bélgica, devido ao seu recorte e à problemática apresentada. Em primeiro lugar, citamos a sua relevância, a partir da aplicabilidade e do desenvolvimento da Lei nº 10.639/03, promulgada em janeiro de 2003, a qual torna obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-descendente em escolas e universidades, a fim de compreendermos a contribuição histórica dos negros e dos africanos na formação das nossas sociedades, por meio da formação de profissionais de História na área, da diversificação das temáticas na área, bem como do aprofundamento destas.

Em segundo lugar, retomando a questão sobre a relevância da temática e sua escolha, destacamos ainda, nesse sentido, que o mérito da pesquisa verifica-se diante do atual movimento de verticalização dos estudos na área da História da África, área que tem se fortalecido bastante nos últimos anos no Brasil, a qual atualmente possui um Grupo de Trabalho de História da África na Associação Nacional de História-ANPUH; e a Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABE-ÁFRICA), fundada em 19/09/2014 na Universidade Federal Fluminense (UFF), durante o III Encontro Internacional de Estudos Africanos. A pesquisa, nesse sentido, tem grande importância para aprofundar e para direcionar as análises sobre países e temas específicos do Continente Africano, não mais tratando a África de forma rasa ou generalizante. Focar a análise nas particularidades do contexto interno de luta pela independência do Congo, não significa excluir o diálogo com análises sobre outras conjunturas africanas.

O terceiro ponto a ser destacado consiste no fato de a pesquisa aqui proposta ser sobre o Congo-RDC, país francófono africano colonizado pela Bélgica. A pesquisa revela sua distinção devido à concentração dos estudos sobre a história da África no Brasil voltarem-se

² LUCA, Tania Regina de. História dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.113-114.

³ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 7.

aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPS), como Moçambique, Angola, Cabo Verde, entre outros; sendo escassas as pesquisas no Brasil a respeito da história contemporânea do Congo-RDC. A historiografia brasileira possui excelentes estudos sobre o império do Congo nos séculos XVI, XVII, XVIII, mas carece de pesquisas do período sobre a história congoleza dos séculos XIX e XX.

A partir de uma perspectiva mais específica, a pesquisa também oferece à historiografia congoleza, nos âmbitos internacional e nacional, uma análise crítica sobre o processo histórico de repressão das pessoas que, como Beatriz Kimpa Vita, Simon Kimbangu, Patrice Lumumba e outras, pouco conhecidas pela historiografia, lutaram pelo direito da liberdade insubordinada às imposições europeias.

Tendo em vista a originalidade da pesquisa aqui apresentada no contexto da produção acadêmica brasileira, é importante destacar a rede de contatos internacionais que foi construída ao longo do estudo desenvolvido durante o mestrado. Aponto, assim, o diálogo constante com intelectuais, como Guy De Boeck, Ralph Coeckelberghs, da Bélgica e o pesquisador congolês Jacques Depelchin que auxiliaram, apoiaram e incentivaram o desenvolvimento desta pesquisa, por meio de conversas, discussões e indicações bibliográficas.

Sobre a estrutura do trabalho, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, buscamos apresentar ao leitor a região atualmente conhecida como República Democrática do Congo ou Congo Kinshasa e analisar a colonização da região, por meio dos relatos de viajantes, dos anuários estatísticos e dos registros coloniais. Para além da contextualização, o capítulo contribui para a compreensão das motivações que impulsionaram as manifestações pela libertação do Congo, bem como descortina o violento passado colonial negado e a atuante importância dos congolezes e do Congo na história.

No segundo capítulo, trabalhamos com o manifesto pela independência da ABAKO, com as cartas de funcionários da administração colonial e com a revista *Bulletin des Séances* para analisar a inquietação colonial e o movimento anticolonial, durante os anos finais da década de 50. O capítulo subdivide-se em duas partes principais: o primeiro momento é composto por uma análise sobre as manifestações de partidos, associações e trabalhadores insatisfeitos com o sistema colonial e em defesa da independência congoleza. E, na segunda parte, voltamos a análise para as disputas e para as tensões do processo de libertação para Katanga, importante Província congoleza do período. O evento abordado na carta e, aqui discutido, reflete a importância política da região do Katanga assim como, lança luz aos embates raciais e étnicos presentes na referida província entre tshokwes, lundas e belgas. Somado a isso, buscamos problematizar a postura contrária à independência de funcionários da administração belga e de grupos étnicos apoiados por eles. Segundo Willame, o conflito também desmistificou que Katanga era um lugar, onde prevalecia a ordem.⁴ Percebemos, no entanto, que ao invés da ordem, a província do Katanga era formada por uma sociedade extremamente segregacionista e comandada pelas empresas internacionais.

O último e terceiro capítulo, a principal fonte de análise foi o hebdomadário africano *Remarques Congolaises* e a sua edição especial sobre a independência, por intermédio da qual, investigamos as repercussões dessa oficialização e os silenciamentos do governo belga, diante das violências coloniais. A partir dos textos publicados pelo periódico, podemos inferir que o teor crítico da fala de Lumumba sobre a empreitada colonizadora, para além de descortinar os silêncios da memória belga sobre a sua história no Congo, apresentava argumentos embasados na experiência histórica dos congolezes. A postura de Lumumba buscava concretizar a soberania da nação congoleza, que, por meio da sua luta, conquistou a

⁴ WILLAME, Jean-Claude . **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p. 171.

independência, e que, a partir daquele momento, deveria ser respeitada nas relações e nos acordos entre a Bélgica e o Congo

Por fim, em relação à questão dos movimentos nacionalistas nos países de Terceiro Mundo, Hobsbawm ressaltou eram pautados em ideais e modelos nacionais do ocidente, mas que, na prática, esses modelos não se sustentavam.⁵ Nesse sentido, destacamos como principais desafios enfrentados: a diversidade linguística, cultural e, sobretudo, os movimentos separatistas localizados dentro desses países em formação, sendo muitos desses conflitos incentivados e apoiados pelas próprias ex-metrópoles. Como bem aponta Hobsbawm, os movimentos nacionalistas de finais do século XX caracterizaram-se pelo viés separatista, já que muitos desses basearam-se nas diferenças linguísticas e “étnicas” para se alavancarem.⁶

Tal reflexão é claramente percebida, quando analisamos as lutas pela libertação de alguns países da África. No caso do Congo, em particular, percebemos que Lumumba possuía um projeto político nacional para alcançar a independência política, econômica e mental para congoleses e africanos, de um modo geral: defendia a luta anticolonial e nacional, a unidade territorial, a igualdade e a harmonia entre os povos africanos, expressando sempre sua preocupação em apaziguar os conflitos étnicos no país.⁷ No entanto, na prática, Lumumba defrontava-se com movimentos separatistas internos que impossibilitavam a concretização desse projeto. Dessa forma, as fontes analisadas trazem elementos importantes para verificarmos os conflitos internos da colônia, durante o estabelecimento da independência. Devemos analisar os congoleses envolvidos na luta pela libertação da colônia como atores sociais que, apesar de apresentarem "ideais pautados nos moldes europeus", tinham suas identidades e mesmo pressupostos diferenciados, os quais foram moldados a partir de sua experiência como colonizados.

Em relação ao caso do Congo belga, observamos que a autoridade de Lumumba não conseguiu se sobrepôr aos poderes locais da província do alto Katanga e aos movimentos separatistas liderados por Moise Tshombe⁸. As cartas que analisamos retratam bem o clima de tensão entre a tentativa de implantação de um poder central no Congo Belga e a não aceitação por parte de autoridades locais do Katanga. Os ocorridos em março de 1960, após visita de Lumumba à Elisabethville, constituem a primeira parte dos conflitos que se seguiram à independência do Congo até a prisão de Patrice Lumumba e o seu assassinato por militares congoleses, autoridades Belgas e norte-americanas, em 1961.⁹

A forma como a colonização belga foi conduzida, por intermédio da hierarquização étnica, da exploração de recursos naturais por multinacionais e da desintegração territorial, desencadeou fatores que fragilizaram a formação do Congo como Estado-nação. A

⁵ HOBBSAWM, “Capítulo VI: O nacionalismo no final do século XX” In: **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.186.

⁶ Idem.

⁷ Les discours prononcés par le Roi Baudouin Ier, le Président Joseph Kasa-Vubu et le Premier Ministre Patrice-Emery Lumumba lors de la cérémonie de l’indépendance du Congo (30 juin 1960) à Léopoldville (actuellement Kinshasa), p.9. Disponível em: http://www.kongo-kinshasa.de/dokumente/lekture/disc_indep.pdf

Ver também o vídeo Lumumba, morte d'un prophete- Indépendance Day, no qual é possível assistir o discurso de Lumumba durante a cerimônia de independência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DGdf7wX-E7g>

⁸ Moise Kapenda Tshombe (10.11.1919 - 29.6.1969) e rival político de Lumumba, era pertencente a uma rica família Lunda de comerciantes no Katanga. Tshombe foi um grande defensor do federalismo e separação do Katanga do território congolês, assim, contrário ao unitarismo e ao nacionalismo defendido por Lumumba, foi líder e responsável pelo movimento de secessão da província de Katanga, organizado durante o processo de independência que eclodiu no dia 11 de julho de 1960, onze dias após o estabelecimento do governo congolês e da independência, agravando a instabilidade do governo.

⁹ Ver vídeo "Qui a tué Lumumba": <https://www.youtube.com/watch?v=dHWTqF-FXX8>

vulnerabilidade dos estados africanos que se formaram na década de 60 é destacada por Frederick Cooper, que discorreu sobre as fragilidades do nacionalismo e da unidade nos países recém independentes¹⁰. O autor menciona como exemplo, o caso da intervenção americana e belga contra Patrice Lumumba, e como os conflitos separatistas que surgiram das áreas rurais, como o movimento separatista do Katanga, contribuíram para a desintegração do desenvolvimento econômico e destruição das estruturas sociais.¹¹ Para Cooper, quando os governantes tentaram estabelecer sua autoridade nas áreas rurais, houve reações diversas, já que, em algumas regiões, essa autoridade não se aplicou aos poderes locais¹²

Algumas reflexões teóricas sobre a pesquisa

Muitas discussões vêm surgindo nos últimos anos a respeito de teorias e metodologias que seriam mais adequadas para a pesquisa sobre o Continente Africano. Sobretudo, depois da obrigatoriedade de ensino sobre História da África e cultura afro-brasileira, a área encontra-se em crescimento nesses últimos anos no Brasil; e é constituída por algumas características que a destacam das demais.¹³ Uma delas refere-se à própria questão espacial, pois o Continente africano foi frequentemente tratado com homogeneidade, apesar de abrigar uma grande diversidade de culturas, línguas e concepções de temporalidade e de história diferentes do mundo ocidental.

Outra característica específica desse campo de estudos deve-se ao seu recente estabelecimento na historiografia, que, durante séculos, concentrou-se na abordagem de países da Europa Ocidental, tendo como principais historiadores e filósofos intelectuais ocidentais. Os debates sobre a marginalização de temas e de sujeitos chamam a atenção para o quanto ainda é preciso avançar nos estudos de gênero e de culturas ditas não-ocidentais. Nossa intenção é, portanto, acompanhar e refletir sobre alguns dos debates sobre essas relações de poder e hierarquias nos estudos acadêmicos sobre a história da África.

De acordo com Feierman, até a década de 1960, investimentos e interesses acerca da história da África eram ínfimos no mundo acadêmico. O autor denuncia a marginalização da história do Continente africano e faz críticas à proposta de “história universal”, caracteristicamente eurocêntrica.¹⁴ Naquele contexto de luta dos movimentos sociais e dos

¹⁰ COOPER, Frederick. **Possibility and constraint: African independence in Historical Perspective**. Cambridge: Journal of African History, 49 (2008), p.187.

¹¹ Idem, 2008, p. 187-188.

¹² Idem, 2008, p.188.

¹³ A lei 10.639 torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, bem como conteúdo programático que aborde a História da África e dos africanos, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Esse ano a lei 10.639 faz dez anos de implementação e a partir de seu estabelecimento impulsionou estudos e estudiosos na área.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

¹⁴ FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (editors). Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities. Chicago: University of Chicago Press, 1993, pp.167-212.

movimentos negros nos países da diáspora, outras interpretações tomaram forma, em oposição à postura eurocêntrica da academia, procurando recolocar a África no centro dos acontecimentos.

O ‘afrocentrismo’, movimento cultural e ideológico da diáspora nos Estados Unidos e no Caribe que procurou sustentar a luta contra o racismo, por meio de uma postura de afirmação das raízes africanas, por intermédio da história, não é, segundo Paulo Fernando de Moraes Farias, uma doutrina monolítica, mas um rótulo que cobre um leque de posturas e propostas...”.¹⁵ Ao longo de sua análise, Farias aponta a variedade de perspectiva acerca do “afrocentrismo”, que é tratado por alguns autores como narrativa universalista, e, por outros, por meio através de uma abordagem relativista.¹⁶

Destacando a perspectiva universalista de alguns autores, Moraes de Faria critica a substituição de “uma arquinarrativa (única, hegemônica, mas universalmente falsa) do passado da humanidade por outra (também única) arquinarrativa incompatível com sua rival mas universalmente aceitável como científica e verdadeira.”¹⁷ Em um contexto de luta anticolonial e pós-independência pela autonomia política dos países recém- independentes, autores e acadêmicos africanos como Cheik Anta Diop, Theophile Obenga e Molefi K. Asante, pioneiros na construção de uma contra-narrativa reabilitadora da África e dos africanos: “A verdade histórica reconstruída, essencial e objetiva é alcançada quando se vira de cabeça abaixo a história identificada como falsa e injusta”¹⁸. Aqueles autores estariam, portanto, mais preocupados em desconstruir o eurocentrismo, travestido de “história universal”, a partir de uma perspectiva afrocêntrica do que com os fatos em si.¹⁹

¹⁵ FARIAS, P.F. De Moraes; “Afrocentrismo: Entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural.” Casa das Áfricas. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003), pp.317. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Afrocentrismo-entre-uma-contranarrativa-historica-universalista-e-o-relativismo-cultural.pdf>

¹⁶ FARIAS, P.F. De Moraes; “Afrocentrismo: Entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural.” Casa das Áfricas. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003). Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Afrocentrismo-entre-uma-contranarrativa-historica-universalista-e-o-relativismo-cultural.pdf>

¹⁷ Idem, pp.332.

¹⁸ Idem, pp.336.

¹⁹ De acordo com Farias: o tipo de narrativa adotado por esses autores “Trata-se de uma contranarrativa reabilitadora, que se contrapõe a uma outra (a opressora narrativa “eurocêntrica”). Nessa polaridade, os dois polos se constroem um ao outro (e excluem tudo o mais, como na oposição que já criticamos no capítulo de Mary R. Lefkowitz no livro Afrocentrismes). No polo afrocêntrico assim concebido, a inversão do enredo da narrativa oposta é a tarefa essencial, e é o que determina as características e o significado dos personagens, acontecimentos e objetos incluídos na história narrada. Tudo o mais é secundário.” C.f FARIAS, P.F. De Moraes; “Afrocentrismo: Entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural.” Casa das Áfricas. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003), pp. 336. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Afrocentrismo-entre-uma-contranarrativa-historica-universalista-e-o-relativismo-cultural.pdf>

De forma semelhante, os autores e autoras ligados aos estudos pós-coloniais expressaram grande preocupação com a recuperação de uma história que destacasse a atuação do "subalterno" em seu próprio destino, perspectiva essa que só poderia ser bem sucedida, por meio dos próprios subalternos, que viveram durante décadas, sendo inferiorizados social e intelectualmente. Nesse sentido, percebemos a importância de explorarmos de forma mais cuidadosa e aprofundada as contribuições de teóricos africanos e estudiosos pós-coloniais, afim de auxiliar nossa pesquisa.

Para Gayatri C. Spivak, a proposta dos *Subaltern Studies* inaugurou a politização do colonizado.²⁰ Este posicionamento, mais uma vez, evidencia o caráter militante desses estudos pelos povos e países subordinados nas relações de poder, na busca em denunciar e desnaturalizar as desigualdades e a construção de hierarquias.

Os chamados pensadores pós-coloniais não constituem um grupo tão homogêneo, quanto costumamos denominá-los. Apesar de apresentarem preocupações políticas similares em relação ao mundo ocidental, esses estudiosos possuem diferentes abordagens teóricas. Alguns autores, como Homi Bhabha, Spivak e Edward Said são mais críticos em relação ao marxismo inglês e as suas propostas para a História da África aproximam-se mais da de Jacques Derrida e Giles Deleuze.²¹ De outro lado, apontamos estudiosos, como Ranjit Guha, do pós-colonialismo, que se aproximam mais do marxismo Thompsoniano. Guha liderou o grupo dos Estudos Subalternos do Sul da Ásia²², fundado em 1982. Segundo Muryatan, “a aproximação desta crítica pós-colonial dos Estudos Subalternos com o marxismo ocidental foi uma marca característica dos primeiros livros do grupo.”²³

Esses pensadores, como um todo, têm como objetivo principal e comum reivindicar a soberania ocidental nas Ciências Humanas e Sociais, por meio de concepções locais, valorizando e mostrando as suas diversidades e as suas particularidades culturais e sociais, que, durante séculos, foram marginalizadas. Dentro dessa preocupação, os *Estudos Subalternos* propõem que a História Social repense a utilização de categorias que não dão conta das particularidades de culturas não ocidentais. Cooper chama atenção para a questão da

²⁰ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. 1988. “Subaltern Studies: Deconstructing Historiography.” In Guha and Spivak 1988, p.3.

²¹ MURYATAN, Santana Barbosa. A Crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo. Bahia: Revista Afro-Ásia, vol 9, 2010, p. 58, 59. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_39_MSBarbosa.pdf

²² Este grupo Estudos Subalternos do Sul da Ásia era constituído por indianos e ingleses, como Shahid Amin, David Arnold, Partha Chatterjee, David Hardiman e Gyanendra Pandey. MURYATAN, Santana Barbosa. A Crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo. Bahia: Revista Afro-Ásia, vol 9, 2010, p. 62. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_39_MSBarbosa.pdf

²³ Idem, p. 63.

análise binária dos indivíduos e das interações existentes entre eles. O autor defende o cuidado de utilização de termos e conceitos que possam reduzir relações complexas de poder existentes no período colonial a binários simplistas que retratam, por um lado, um sujeito repressor dominador e, de outro lado, uma vítima dominada.²⁴ Apesar de os Estudos Subalternos preocuparem-se com categorias que diferenciam valores locais de cada sociedade, a excessiva demonstração de hierarquias e diferenças pode dificultar a compreensão das ambiguidades e complexidades das relações sociais. Cooper aponta que uma das propostas dos estudos subalternos é a de se afastar desse binário, entretanto o autor destaca que o próprio termo “subalterno” guarda o binário. Dessa forma, entendemos também que a demasiada preocupação em criticar e expôr as relações de poder com base em conceitos binários, como superior (ocidental) e subalterno (não ocidental), pode resultar em uma limitação de olhar sobre a própria pluralidade cultural desses povos.

Em outra perspectiva, a autora Meera Nanda critica a forma como pressupostos antirrealistas e relativistas têm sido utilizados na produção acadêmica de sociedades não-ocidentais, apoiando-se nas tradições culturais para deslegitimar e resistir à ciência moderna.²⁵ Para Nanda, um dos principais problemas das teorias desenvolvidas, a partir desses pressupostos é que “corroeram a distinção entre crenças cientificamente justificadas e crenças e/ou ideologias populares”.²⁶ Essas teorias que renegam os pressupostos universais da ciência, também servem para legitimar práticas políticas e culturais despóticas, opressoras e excludentes, como machismo, racismo e sectarismos étnicos e religiosos.

O tema é complexo, pois muitos intelectuais dos países não-ocidentais no pós-guerra associaram a “ciência moderna” às teorias de superioridade e raciais, utilizadas pelo imperialismo europeu. Os pressupostos pós-modernistas estabelecidos, sobretudo, no período pós-colonial apontaram o “universalismo da ciência moderna como um ponto de vista eurocêntrico, um meio de impor ideias euro-americanas de racionalidade e objetividade a outros povos”.²⁷

Assim, os estudos pós-coloniais africanos e indianos têm focado as discussões de sobre como a ciência moderna e mesmo a história dita universal construíram-se, por meio da marginalização do outro (não-ocidental) e da valorização de pressupostos unicamente

²⁴ COOPER, Frederick. *Work, Class na Empire: An African Historian's Retrospective on E. P. Thompson*. *Social History*, Vol. 20, No. 2 (May, 1995), 237.

²⁵ Nanda, Meera. “Contra a destruição/desconstrução da ciência”. In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp.84-85.

²⁶ Idem, pp.85.

²⁷ Idem, pp. 123.

ocidentais até os dias de hoje. Essa subjugação das sociedades não-ocidentais pressupõe o desrespeito a outras formas de concepção do tempo e de interação com o ambiente.

Os trabalhos de Meera Nanda e de Kenan Malik são exemplos de produção acadêmica engajada, não apenas em relação à utilização da ciência, mas também às práticas e teorias científicas nos países do dito Terceiro Mundo e nos países já “desenvolvidos”.²⁸ O ativismo científico desses autores reflete a luta pelo reconhecimento dos bons trabalhos realizados nos países não-ocidentais, embora continue a predominar a percepção de que seus autores somente trabalham com questões específicas dos seus países, restringindo ainda mais a entrada na pauta da academia nos países ditos subdesenvolvidos. No entanto, trabalhos científicos de qualidade e com abordagens diversas, aos poucos, ganham espaço para a rica produção intelectual do mundo não-ocidental, como os autores ligados aos *Subaltern Studies*²⁹ e de historiadores do Continente Africano³⁰.

Ao se partir do pressuposto, apontado por Meera Nanda, de que o conteúdo da ciência é constituído de valores sociais, torna-se evidente o valor científico da história, pois trabalha com as experiências dos sujeitos a partir de seus contextos temporais.³¹ Devido à essa aproximação, frequentemente, a ciência moderna tem sido colocada como inadequada às sociedades não-ocidentais. Nanda aponta ainda o surgimento de ciências nacionalistas, próprias de determinado país ou mesmo grupo regional específico.³² Defendendo a universalidade da ciência, a autora aponta a sua preocupação para com a validade dessas novas ciências tão particulares. A sua proposta de universalidade da ciência, portanto, é a crítica das teorias pós-modernas relativistas que surgiram no mundo não-ocidental como concorrentes obstinadas da ciência moderna, ligada ao modo de pensar que era imposto aos países colonizados. É fundamental, entretanto, verificarmos que o período pós-colonial possibilitou refletir sobre quais tipos de ciência e de pensamento universal foram construídos, disseminados e impostos pelo ocidente.

A discussão que nos parece mais pertinente, portanto, gira em torno do próprio conceito de ciência e, mais ainda, da narrativa mestra da história universal. É nesse sentido

²⁸ NANDA, Meera. “Contra a destruição/desconstrução da ciência”. In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, pp.84-85; MALIK, Kenan. “O espelho da raça: o pós-modernismo e a louvação da diferença”, In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

²⁹ CHAKRABARTY, Dipesh. *Subaltern Studies and the Postcolonial Historiography*. Duke University, 2000. Disponível em: <http://www.libcom.org/files/subaltern.pdf>

³⁰ Issiaka Mandé et Blandine Stefanson (éds). *Les Historiens africains et la mondialisation*. Paris: Karthala, 2005.

³¹ NANDA, Meera. “Contra a destruição/desconstrução da ciência”. In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp.91.

³² NANDA, Meera. “Contra a destruição/desconstrução da ciência”. In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, pp.92-93.

que o período de descolonização do Continente africano e asiático é, pois, um importante marco para a reformulação na historiografia. Segundo Isidore Ndaywel, os estudos a cerca do continente limitavam-se a etnografias, aos estudos sobre a geografia e aos relatos de viajantes, e, foi apenas, a partir das independências de países africanos, em 1960, que a História da África passou a ser discutida nas universidades europeias.³³ Nesse sentido, as independências no Continente africano concederam um status diferente à forma como a história das diversas sociedades africanas seriam discutidas no meio acadêmico. Também Feierman destaca a importância desse período para a reformulação e a expansão nos temas e nas metodologias da pesquisa histórica, para incluir outros sujeitos, como os africanos, as mulheres e os camponeses e redimensionar a sua importância nas discussões acadêmicas.³⁴

Se, de um lado, acreditamos que a ciência moderna (e, dentro dela, a pesquisa histórica) não deve ser interpretada como um instrumento estritamente imperialista, ou, ao menos, que pode instrumentalizar os próprios oprimidos para a luta; por outro, acreditamos na importância da proposta de estudiosos africanos e indianos de ressignificar estruturalmente o próprio conhecimento histórico, a partir de novos pressupostos. Nesse sentido, as teorias relativistas e culturalistas surgidas no dito “Terceiro Mundo” tiveram grande mérito na formulação de críticas contundentes ao caráter universalista da ciência moderna que os países “desenvolvidos” impuseram e dominaram durante a colonização. Acreditamos, entretanto, que teorias desenvolvidas em função de pressupostos antirrealistas, sozinhas, não sejam suficientes para uma análise histórica.

Acreditamos que a pesquisa com documentos e fontes, de uma perspectiva que cruze elementos da história política com a história social, nos permitirá abordar certos fatos essenciais para os desenvolvimentos político e social da independência do Congo. Valorizar a experiência dos sujeitos envolvidos no processo histórico, nos possibilitará trabalhar com a alteridade e com a formação de identidades para percebermos o seu lugar social e as relações de poder, as quais o constitue

³³ Isidore Ndaywel è Nziem, « L’historiographie congolaise », *Civilisations* [En ligne], 54 | 2006, mis en ligne le 01 avril 2009, consulté le 10 octobre 2012, pp.238. URL : <http://civilisations.revues.org/489> ; DOI : 10.4000/civilisations.489

³⁴ FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history | Histórias africanas e a dissolução da história mundial. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (editors). *Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities*. Chicago: University of Chicago Press, 1993, pp. 169.

CAPÍTULO I - Contextualizando o Congo-RDC

Uma mancha no oceano³⁵

"Era o rio Congo. Todo o oceano Atlântico, até onde minha vista alcançava, era o rio Congo. Ao sol brilhante, a água resplandecia como a pele de uma foca; sob os céus nublados da estação das chuvas, era completamente negra."

(Nadine Gordimer, Tempos de reflexão)

Seria pertinente começar este capítulo, tomando como ponto de partida a Conferência de Berlim e a colonização do rei Leopoldo II na região, hoje, conhecida como República Democrática do Congo. Buscou-se, entretanto, ressaltar a importância de uma história que é anterior à presença europeia em terras africanas, e procurou-se compreender o seu processo colonial, sem, no entanto, ter a pretensão de voltar às origens do território e dos seus habitantes. Por isso, o objetivo deste capítulo é apresentar ao leitor a região atualmente conhecida como República Democrática do Congo ou Congo Kinshasa³⁶ e examinar o processo histórico de colonização da região, a partir de bibliografia e de fontes diversas, a saber: relatos de viajantes, anuários estatísticos e registros coloniais.

O continente africano possui uma vasta e diversa história que vai das antigas civilizações da Etiópia e do Egito aos países em desenvolvimento do mundo contemporâneo. Tendo como referência a periodização ocidental, considerou-se importante analisar o período da chegada dos portugueses ao reino do Kongo, como parte do processo de dominação do território, atualmente, conhecido como Congo-RDC. Foi a partir dessa intervenção portuguesa que o tráfico de africanos para o ocidente tornou-se uma importante atividade econômica para o chamado "novo mundo". Assim, o tráfico atlântico de escravos pode ser analisado como uma das fases da história colonial da atual República Democrática do Congo, conhecido também como Congo Kinshasa ou Congo-RDC.³⁷ Concorde-se com o historiador Jaques Depelchin que a colonização do Congo e a ocupação da Bélgica por Leopoldo II, em 1885, deve ser compreendida como continuação de um processo colonial, iniciado com a chegada dos portugueses na África Central e a ampla atividade do comércio atlântico de escravos. Jacques Depelchin destaca que

The matter under discussion is a historical process that has transformed African societies, and that transformation did not start with the Berlin Conference. The Berlin Conference did not arise from thin air. It marked the end of an old phase in the history of the human and material resources of the African continent, as well as the beginning of a new phase.³⁸

O processo colonial é percebido pelos estudiosos, como movimento, cuja definição não se dá apenas pela ocupação física territorial, mas que deve ser analisado como processo, o

³⁵ GORDIMER, Nadine. **Tempos de reflexão: de 1954 a 1989**. São Paulo: Globo, 2012.

³⁶ Ao longo da dissertação utilizaremos a denominação Congo-RDC, a adoção deste termo deve ser destacada devido a série de mudanças de denominações que a região sofreu ao longo de sua história. Para além disso citamos também a necessidade de diferenciá-lo de forma prática e não confusa de seu país vizinho, chamado República do Congo (Congo Brazzaville). Para mais detalhes sobre os nomes do atual Congo-RDC, ver: MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo - RDC**. Casa das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

³⁷ DEPELCHIN, Jacques. **From the Congo Free State to Zaire: How Belgium Privatized the Economy. A History of Belgian Stock Companies in Congo-Zaire from 1885 to 1974**. Trad. Ayi Kwei Armah. Dakar, Senegal: Codesria, 1992.

³⁸ Idem, 1992, p. 35.

qual se explica pela sua intervenção territorial, modificadora da estrutura das sociedades africanas, por meio da exploração humana e dos recursos naturais dessas terras africanas.

Nesse sentido, destaca-se a importância de uma breve análise da forma como a história da África tem sido organizada em relação à colonização³⁹ e das manifestações anticoloniais e dos movimentos de libertação que ocorreram no processo de independência do Congo Kinshasa.

O reino do Kongo, cuja formação data do final do século XIV, era um dos vários reinos existentes no continente africano antes da chegada dos europeus,⁴⁰ como o reino de Gana, o reino do Mali, do Daomé, Gana, entre outros.⁴¹ Composta por cerca de três milhões de pessoas, a federação imperial do reino do Kongo possuía oitocentos quilômetros quadrados.⁴² O reino do Kongo, localizado próximo ao rio Congo, “era formado por grupos bantos e abrangia grande extensão da África Centro-Occidental”,⁴³ seu território corresponde atualmente a uma parte do litoral de Angola, da República Democrática do Congo e da República do Congo como pode ser verificado pelo mapa das páginas seguintes.⁴⁴ O reino do Kongo era considerado “o principal da costa ocidental da África Central” e foi reconhecido pelos portugueses como “Estado sofisticado e bem desenvolvido”.⁴⁵

A escolha do Manikongo era feita pelos líderes das aldeias, por meio de assembleias.⁴⁶ O Manikongo era responsável por administrar todo o reino do Kongo, juntamente com um conselho real, cujos membros eram responsáveis por controlar o recolhimento de taxas, o controle da circulação de moedas e auxiliar na administração.⁴⁷ Segundo Marina de Mello e Souza, o conselho real era composto por cerca de doze nobres que dividiam-se em funções como: secretários reais, coletores de impostos, oficiais militares, juizes e empregados pessoais.⁴⁸

³⁹ “In our view, the colonization, the colonization of the Congo was not limited to the physical occupation of the country by Belgium. Instead, we consider official occupation to have been a continuation of the previous historical phase, that of the Atlantic slave trade. It is a central – and unjustifiable – feature of colonial historiography that it organizes its various phases into hermetically compartmentalized periods. [...] That abstraction is unjustifiable because it imposes on Africa a historical framework based entirely on the political and diplomatic history of European intervention in Africa beginning in 1884-1885.” Ver: DEPELCHIN, Jacques. **From the Congo Free State to Zaire (1885-1974). Towards a Demystification of Economy and Political History.** CODESRIA BOOK SERIES, p. 35.

⁴⁰ Segundo HOSCHILD, o reino do Kongo já existia há 100 anos como sociedade organizada antes mesmo do contato com os europeus a África. HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.17.

⁴¹ COSTA E SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, São Paulo, EDUSP, 1992; GAMAL, Mokhtar(ed.). **História Geral da África, II: África Antiga.** Brasília: UNESCO, 2010; NIANE, Djibril Tamsir (ed). **História Geral da África, IV: História Medieval.** Brasília: UNESCO, 2010.

⁴² HOSCHILD, Adam, op. cit. , 1999, p. 17

⁴³ SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 45.

⁴⁴ O país atualmente chamado de República Democrática do Congo (R. D. Congo) ou Congo Kinshasa, ex-colônia belga, consiste no país, cuja história e processo de independência estão sendo analisados nesta dissertação. A República do Congo, ex-colônia francesa, também é conhecido como Congo Brazzaville. Este nome é utilizado para diferenciá-lo do seu país vizinho República Democrática do Congo ou Congo Kinshasa. Estes dois países são denominados de Congo, devido ao importante rio Congo que corta e divide os dois países, constituindo a fronteira entre eles. MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo - RDC .** Casa das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

⁴⁵ HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 18.

⁴⁶ Idem, 1999, p.17.

⁴⁷ SOUZA, Marina de Mello e. Op. cit., p. 45.

⁴⁸ Idem, 2006, p. 45.

Mbanza Congo, também conhecida como São Salvador, era a capital do reino, onde o Manikongo concentrava o poder do reino e o controlava. O Kongo era um “reinado” muito bem organizado e estruturado. Possuía relações comerciais e diplomáticas bem estabelecidas com outras regiões da África e vasta experiência em comercializar produtos como sal, metais, tecidos e derivados de animais.⁴⁹ Sua economia tinha por base a agricultura e o comércio de ferro e sal.⁵⁰ Havia também outras atividades, como a de artesãos que trabalhavam com cobre, argila, madeira, marfim, além da produção do vinho de palma, da caça, da pesca e da coleta de frutas.⁵¹

Nesse sentido, a região na qual Diogo Cão desembarcara pela primeira vez, em 1482, possuía um Estado organizado, uma história e experiências que precedem largamente a inserção portuguesa nas terras africanas. Apesar de a missão Diogo Cão e a sua expedição terem chegado às margens do rio Congo, em 1482; foi apenas em 1491 o início do contato com os povos que ali viviam, marcando uma nova fase na história dessa região. O reino do Kongo situava-se a cerca de dez dias de caminhada, assim a sua localização, no interior da região, dificultou em um primeiro momento a inserção de estrangeiros no seu território.⁵²

Nesses primeiros contatos havia interesse de ambas as partes em estabelecer negociações, trocas culturais e de mercadorias. A preocupação com a segurança da sociedade local levou à adoção de estratégias comerciais que assegurassem a estabilidade do Estado gerido pelo Manikongo. Por exemplo, o catolicismo levado ao reino do Kongo pelos portugueses teve grande aceitação pelo soberano e pelos chefes de províncias, que viam na religião a possibilidade de fortalecer seu poder no reino.⁵³ Segundo Marina de Mello e Sousa, as relações entre o rei português e o Manikongo eram diplomáticas e comerciais, marcadas pela frequente troca de presentes e de embaixadas entre os que ocupavam postos importantes no Kongo.⁵⁴ A pedido do Manikongo, visando ao seu fortalecimento, foram enviados para o reino armas de fogo, padres, pedreiros e carpinteiros, veludo e cavalos, entre outros, enquanto os portugueses recebiam em troca: dentes de elefante, objetos de marfim e panos de rafia.⁵⁵ No entanto, essas relações diplomáticas foram se aprofundando e tomando caminhos, os quais estavam gerando mais prejuízos que benefícios ao reino do Kongo.

A partir do ano de 1500, com a chegada dos portugueses ao Brasil, a região foi de grande importância para os europeus no abastecimento e na manutenção da escravidão nas Américas. De acordo com Adam Hirsch, do estuário do rio Congo saíam, por volta de 1530, mais de cinco mil africanos escravizados, anualmente, com destino às Américas.⁵⁶ Dessa forma, verifica-se a importância da história dos povos africanos e da África para o entendimento da história de países das Américas. O tráfico de escravos intensificou-se em várias partes do continente africano e era cada vez mais violento e exigente. Hirsch aponta

⁴⁹ Idem, 2006, p. 46-48.

⁵⁰ MAESTRI, Mário. **História da África Negra pré-colonial**. São Paulo: Mercado Aberto, 1988, p.75-76.

⁵¹ Idem.

⁵² HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 17.

⁵³ Marina de Mello e Souza dedicou um capítulo de seu livro ao processo de estabelecimento do catolicismo no reino congolês, detalhando o processo de conversão da corte congoleza e os desdobramentos da presença portuguesa na região. As obras de Alberto da Costa e Silva também analisam as relações entre os portugueses e os africanos que habitavam o reino do Congo. Ver: SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o Libambo: A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

⁵⁴ SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 49.

⁵⁵ COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o Libambo: A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 360-362.

⁵⁶ HOSCHILD, Adam, op. cit., p. 19.

a insatisfação do Manikongo Nzinga Mabembe Afonso, que já não via mais com bons olhos o excessivo tráfico de africanos e a atuação portuguesa nessa região. O Manikongo escreveu uma carta para o rei de Portugal, Dom João III, em 1526, expressando a sua crítica às práticas dos portugueses no reino do Kongo, que não foram devidamente aceitas pelo referido rei português:

Dia a dia, os traficantes estão raptando nosso povo – crianças deste país filhos de nobres e vassalos, até mesmo pessoas de nossa própria família. [...]

Essa forma de corrupção e vício está tão difundida que nossa terra acha-se completamente despovoada. [...] neste nosso reino, só precisamos de padres e professores, nada de mercadorias a menos que sejam vinho e farinha para a Missa. [...]

É nosso desejo que este reino não seja um lugar de tráfico ou de transporte de escravos.⁵⁷

No entanto, a intervenção portuguesa no reino do Kongo já se encontrava tão consolidada, que era tarde demais para frear o comércio de africanos, fugindo ao controle do Manikongo. Os chefes congueses, que antes se beneficiavam da construção de igrejas, de escolas e, com a aquisição de presentes europeus, perceberam que Portugal não queria de fato a troca entre iguais, desejavam, no entanto, estabelecer uma relação de hierarquia e dominação; e, segundo Costa e Silva, utilizar a região e o Manikongo para promover o catolicismo para outras regiões da África. O tráfico de africanos era intenso e desordenado; logo, com o aumento da demanda, eram traficados não só escravos, mas também africanos do próprio reino e parentes dos chefes e do Manikongo.⁵⁸

Existem bastantes estudos sobre os anos posteriores e a questão do catolicismo na região.⁵⁹ Essa religião tornou-se cada vez mais presente, assim como as atividades comerciais de tráfico de escravos, que, paralelo aos conflitos com sociedades vizinhas, contribuíram para uma gradual fragmentação de sua unidade. Durante os séculos seguintes, o Congo sofreu diversas intervenções africanas e europeias, sobre os quais existem muitos estudos já bem estabelecidos no Brasil.⁶⁰

O ano de 1641 marcou um período importante de tentativa de reconsolidação da unidade reino do Congo, por meio da atuação de D. Garcia II, como rei do Kongo, que, apesar dos seus esforços político e religioso, não teve grande êxito.⁶¹ Em finais do século XVII e início do XVIII, destaca-se o surgimento da figura de Beatriz Kimpa Vita, líder do movimento messiânico, inspirado na ressurreição de Santo Antônio. A profeta popularizou-se e ganhou força pela sua busca de reintegração do reino do Kongo, que enfrentava um período de fragmentação política, territorial e social, e por sua tentativa de harmonização das

⁵⁷ Apud HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 22.

⁵⁸ Idem, 1999, p. 23.

⁵⁹ Sobre a temática, podemos citar trabalhos de Robert Slenes, Leila Hernandez, Patrik Manning, Luiz Felipe Alencastro, entre outros.

⁶⁰ Para maior aprofundamento sobre o período, temos vários estudos e pesquisadores bem consolidados na área. SOUZA E MELLO, Marina de, VAINFAS, Ronaldo. **Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII**. Número 6: Escravidão e África Negra, Revista Tempo, 1998; SOUZA, Marina de Mello e. Religião e poder no Congo e Angola, séculos XVI e XVII, universo mental e organização social. In: SOUZA, Laura de Mello e; FURTADO, Júnia Ferreira e BICALHO, Maria Fernanda. (Org.). **O governo dos povos**. São Paulo: Alameda, 2009, v. , p. 263-279. OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília : UNESCO, 2010; COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o Libambo: A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

⁶¹ BIRMINGHAM, David. **A África Central até 1870: Zambézia, Zaire e o Atlântico Sul**. (capítulos da Cambridge History of Africa) Angola: ENDIPU/ UEE (tradução de Jorge Manuel Fragoso), 1981.

sociedades constituintes do reino do Kongo.⁶² Kimpa Vita e os seus pressupostos fortaleceram-se diante da instabilidade do reino e da sua resistência ao tráfico de escravos e à crítica à presença europeia.⁶³ Desse modo, o movimento religioso, pregado por Kimpa Vita, representou um movimento de resistência do reino Kongo em defesa da sua cultura e do seu território. De acordo com Robert Slenes, o culto Antoniano era, ao mesmo tempo, um movimento nativo e uma denúncia à atuação lubrificante das elites dominantes.⁶⁴

Apesar do seu posicionamento crítico à atuação e à imposição religiosa europeia, Kimpa Vita assimilava vários elementos do catolicismo à sua própria religião. Para Antônio Custódio Gonçalves,

Agindo como Santo Antônio, Kimpa Vita retomou os valores e as práticas tradicionais congos, revitalizando-os. Mais ainda, reforçou estas concepções e práticas, assimilando algumas técnicas do cristianismo: 'morria e ressuscitava todas as semanas'; durante a sua morte ia 'ao Céu para discutir com Deus os problemas da restauração do Congo e defender a causa dos Negros', como relatam as narrações dos missionários da época.⁶⁵

A importância da atuação política e social da profeta Kimpa Vita no reino do Kongo é inquestionável. Ela demonstrou aos portugueses não somente seu agenciamento bem organizado, mas também revelou a eles o seu profundo conhecimento sobre o catolicismo e que era possível a utilização de pressupostos católicos para contribuir com o fortalecimento do reino e de suas sociedades, na contramão de uma absorção acrítica do catolicismo e da presença dos europeus na região. A líder religiosa obteve grande popularidade devido ao seu engajamento na causa dos negros e, por realizar milagres, como tornar férteis mulheres com problemas para engravidar.⁶⁶ Sobre o conhecimento de Kimpa Vita sobre o catolicismo e sua crítica e reinterpretação sobre ele, Robert Slenes destaca que "*She knew the Catholic tradition so well that she could radically reinterpret 'from within', even while reading it from a Central-African perspective.*"⁶⁷

O posicionamento de Kimpa Vita, entretanto, foi considerado abusivo aos europeus e ao seu catolicismo. A profetiza, punida por denunciar o consentimento do rei Kongo para a captura de escravos, foi queimada na fogueira, no dia 2 de julho de 1706, como exemplo aos possíveis futuros críticos dessa atividade.⁶⁸ Segundo Jacques Depelchin, a eliminação de

⁶² SLENES, Robert W. Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: "Creolization" and identity politics on the black south Atlantic, c.a 1700/1850. In: BARRY, Bobacar; SOUMONI, Elisée; SANSONE, Livio (Editors). **Africa, Brazil and the construction of Trans-Atlantic Black Identities**. SEPHIS/Africa World Press, Inc, 2008, p. 210-211.

⁶³ THORTHON, John. **The Kongolese Saint Anthony Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706**. Cambridge University Press, 1998.

⁶⁴ SLENES, Robert W. Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: "Creolization" and identity politics on the black south Atlantic, c.a 1700/1850. In: BARRY, Bobacar; SOUMONI, Elisée; SANSONE, Livio (Editors). **Africa, Brazil and the construction of Trans-Atlantic Black Identities**. SEPHIS/Africa World Press, Inc, 2008, p. 211.

⁶⁵ GONÇALVES, Antônio Custódio. Simbolização do processo político e dinamismo sociocultural numa sociedade tradicional: abordagem histórica e sistêmica. **Análise social XX** (84), 1984-5, 683-684, p.677.

⁶⁶ GONÇALVES, Antônio Custódio. **Simbolização do processo político e dinamismo sociocultural numa sociedade tradicional: abordagem histórica e sistêmica**. **Análise social XX** (84), 1984-5, 683-684, p.677.

⁶⁷ SLENES, Robert W. *Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: "Creolization" and identity politics on the black south Atlantic, c.a 1700/1850*. In: BARRY, Bobacar; SOUMONI, Elisée; SANSONE, Livio (Editors). **Africa, Brazil and the construction of Trans-Atlantic Black Identities**. SEPHIS/Africa World Press, Inc, 2008, p. 210.

⁶⁸ DEPELCHIN, Jacques. **Por una recuperación de la historia africana. De África a Haití a Gaza**. Barcelona: OOZEBAP, 2011, p. 75-76.

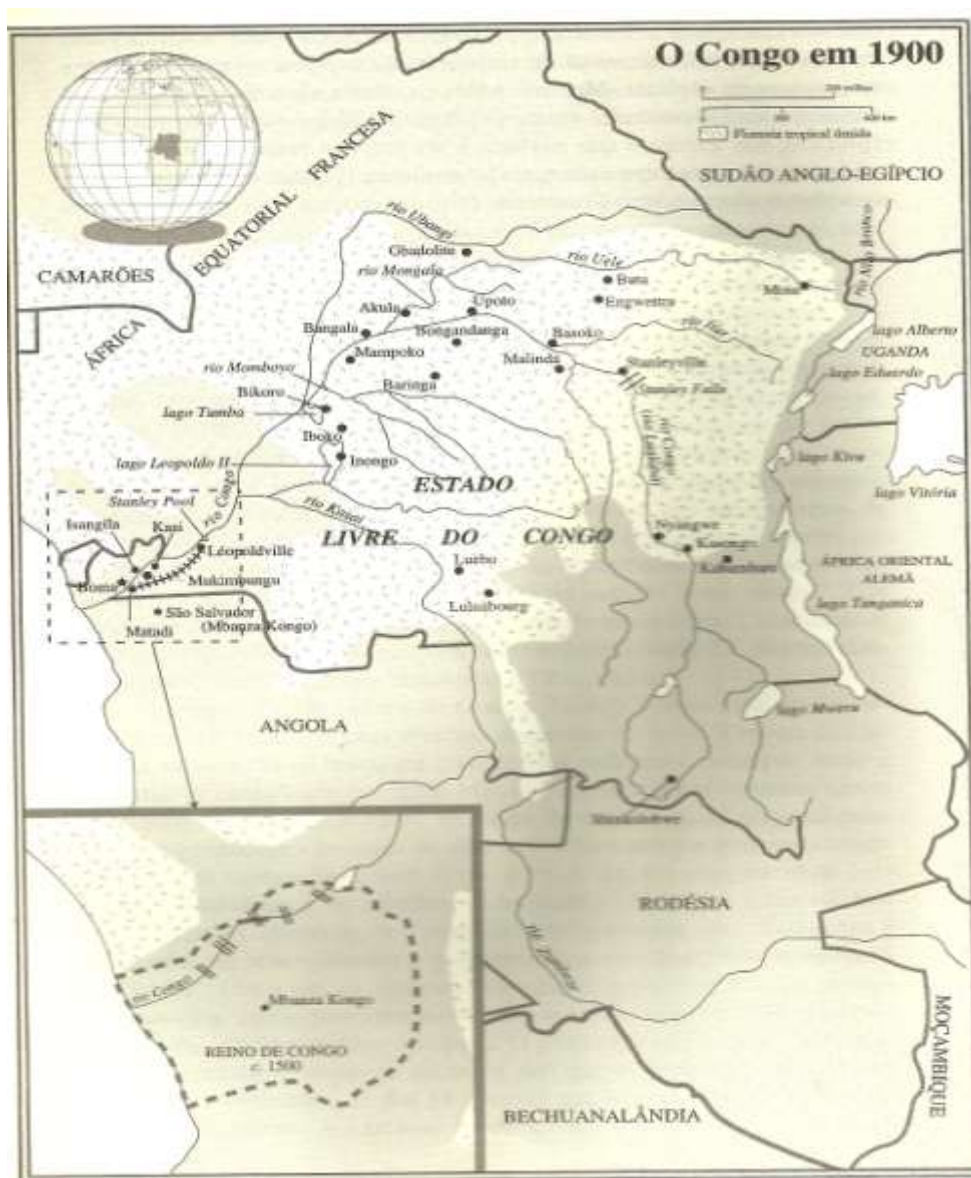
Beatriz Kimpa Vita representou, tal como a posterior exterminação de Simon Kimbangu⁶⁹ e de Patrice Lumumba, que também ocorreu no Congo, a inibição de pessoas que lutaram pelo direito de serem livres insubordinadamente ao preceito da "*ideología fundamentalista, arraigada en la noción de que la libertad económica debe defenderse a toda costa sin importar el rastro genocida que ha dejado en su camino.*"⁷⁰ Assim, a história do reino do Kongo e dos atores sociais que ali viveram, revela-se de grande importância para a compreensão do processo da independência do Congo-RDC.

Nesse sentido, o reino do Kongo representa aqui, para esta pesquisa, um elemento da história do Congo- RDC, pois um pedaço do território ocupado pelo reino do Kongo atualmente pertence à região do Congo-RDC, como pode ser observado no mapa abaixo:

⁶⁹ Simon Kimbangu, nascido em 1887 em N'Kamba, no Bas-Congo , foi fundador e principal responsável pela difusão do movimento religioso étiope Kimbanguismo, criado em 1921. O religioso teve a sua atuação reprimida, sendo preso e executado por profetizar a independência do Congo e a reconstrução do reino Kongo e por difundir o Kimbanguismo, religião considerada profana ao missionários católicos e protestantes que atuavam nesse período no Congo e denunciaram Simon Kimbangu ao rei belga Albert 1er. « Dialogue des Peuples » *Pauvres, mais honnêtes, nous paraissions quand nous pouvons, et notamment le vendredi 26 octobre 2012.* ver também: CHOMÉ, Jules. **La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)**. Présence Africaine, 1959.

⁷⁰ DEPELCHIN, Jacques, op.cit. p. 76.

Mapa 1.1 – Mapa onde se encontra destacado o território que correspondente ao antigo reino do Kongo, 1900.



Fonte: HOSCHILD, Adam. Fantasma do rei Leopoldo II: Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, p.28.

Como se percebe pelo mapa, o território do Reino do Kongo não correspondia totalmente ao Congo-RDC e abrangia também partes de outros países africanos, como os atuais Angola, República do Congo (Congo Brazzaville), República Democrática do Congo (Congo-RDC ou Congo Kinshasa) e Gabão. Por outro lado, grande parte da região que constituía o território do Congo-RDC - geograficamente localizado em uma região bem mais afastada do litoral do Atlântico - passou a ser mais bem conhecida e explorada somente no século XIX, após as viagens do inglês Henry Morton Stanley, período bem posterior à chegada de Diogo Cão e das relações entre o reino de Portugal e o reino do Kongo.⁷¹

⁷¹ MUNANGA, Kanbengele. *A República Democrática do Congo – RDC*. Casa das Áfricas, p. 4. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

A Conferência de Berlim e a concessão de Leopoldo II

Já nas primeiras expedições à África, era frequente a presença de especialistas para estudar a geografia, os animais, as plantas e as pessoas que fossem encontrados nas terras africanas. Anotações e estudos eram feitos, sobretudo, para aproveitarem ao máximo os recursos naturais que aquelas terras lhe pudessem oferecer.⁷² Assim, embora a oficialização da colonização de Leopoldo II tenha ocorrido na Conferência de Berlim, em 1885, Leopoldo II, já há alguns anos, angariava estratégias e recursos para conquistar o Congo como sua colônia.⁷³

Leopoldo II, o segundo Rei dos Belgas, conhecido também como o “rei construtor” por ser responsável por grandes monumentos e obras em Bruxelas, era um jovem ambicioso que almejava dar poder e visibilidade à pequena Bélgica.⁷⁴ Para Leopoldo II, o caminho para o país ganhar expressão política e econômica e aumentar a sua probidade no contexto internacional, e, sobretudo, na Europa, seria a aquisição de uma colônia. É importante destacar que nesse período, a Bélgica, era uma jovem monarquia que se tornou independente em 1830, cujo Rei buscava avidamente estabelecer sua soberania.

Apesar de Leopoldo II não possuir apoio do governo belga sobre a questão da colônia, ele investia e pesquisava incessantemente territórios que pudessem virar lucrativas possessões. O rei belga viu na figura de Stanley⁷⁵, que, à época, foi considerado responsável pelo “maior feito exploratório do século”⁷⁶, por ter descido o rio Congo, a sua possibilidade de conquistar a colônia.

Em 1878, Leopoldo II encontrou-se com Henry Morton Stanley, que já havia viajado pela África, em 1877, para encontrar o missionário e explorador inglês David Livingstone.

Ainda em 1878, no segundo encontro, Leopoldo e Stanley fecharam a negociação para uma expedição que duraria cinco anos. Stanley foi encarregado de descrever a geografia, os povos, os recursos naturais, presentes naquelas terras e, sobretudo, deveria extrair tudo o que fosse economicamente lucrativo. O expedicionário Stanley destacou-se por suas pesquisas geográficas e também por sua atuação como agente europeu, que escrevia livros e artigos sobre suas aventuras pela África.⁷⁷ Para Nkrumah, Stanley era o típico aproveitador e mercenário do século XIX.⁷⁸

⁷² Em um livro de registro sobre o Congo elaborado nos primeiros anos da colonização de Leopoldo II, “Le Congo Illustré”, é relatado que já em 1879 Stanley teria se instalado no Congo. Le Congo Illustré. Voyages et travaux des belges dans l'état indépendant du Congo. Publié sous la direction de A. J. Wauters. Bruxelles, 1892, p. 4. Disponível em: <http://library.si.edu/digital-library/book/lecongoillustr11892brux>

⁷³ Para mais detalhes, ver capítulo 3 “O magnífico Bolo” e 4 “Os tratados tem de nos dar tudo”, onde Hoschild discorre sobre as expedições na região do Congo, a atuação de Stanley nas viagens pela África e a busca de Leopoldo II por uma colônia. HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.57-84.

⁷⁴ HOSCHILD, Adam. Op. Cit., p. 47-48.

⁷⁵ Henry Morton Stanley, por meio de seus escritos e publicações carregados de estereótipos e mitos sobre o continente, eternizou a ideia da África como lugar obscuro e selvagem. Stanley disseminou arquétipos já existentes, combinando o simbolismo da “Darkest Africa” com a ideologia de superioridade européia, por intermédio de formas verbais e visuais. DRIVER, Felix. *Henry Morton Stanley and his critics: geography, Exploration and Empire*” Past and present. In: **Oxford Journals**, nº133, Nov. 1991, p. 138.

⁷⁶ HOSCHILD, Adam, op. cit., p. 67.

⁷⁷ DRIVER, Felix. *Henry Morton Stanley and his critics: geography, Exploration and Empire. Past and present*. In: **Oxford Journals**, nº133, Nov. 1991, p.140

⁷⁸ Kwame Nkrumah atuou à frente da luta pela libertação de Gana, que obteve a sua independência da dominação britânica em 1957. Amigo e conselheiro político de Lumumba, Nkrumah foi o primeiro presidente

Leopoldo II não possuía o apoio da monarquia belga, assim os contratos de Stanley e o investimento do rei belga em expedições pela África eram apresentados para a comunidade belga e internacional como missões “filantrópicas”. Leopoldo II utilizou o trabalho filantrópico como fachada para seus investimentos econômicos, a fim de proteger a sua imagem na Bélgica e, principalmente, para não chamar a atenção de potências europeias também interessadas em colônias africanas.⁷⁹

Durante a Conferência de Berlim (1884-1885) Leopoldo II, o Rei dos Belgas, foi reconhecido oficialmente como proprietário da região, denominada por ele de Estado Independente do Congo, que compreendia uma grande região da África Central.⁸⁰ O acordo foi estabelecido sob a condição de que Leopoldo II mantivesse a baía do Congo livre para o comércio internacional. O Congo seria uma “espécie de colônia internacional”, onde os comerciantes europeus teriam livre circulação.⁸¹ Para Nkhrumah, a estratégia de Leopoldo foi bem sucedida, “porque as potências europeias não queriam enxergar que poderia ter alguém além delas a controlar o Congo”.⁸² Ademais, Henri Brunschwig aponta que a constituição do Congo como um Estado Livre foi a grande jogada de Leopoldo II, pois um Estado Livre não despertaria a cobiça nem a atenção das potências europeias, como França, Inglaterra e Portugal.⁸³ A aquisição do Congo ocorreu em um momento político e tecnológico muito favorável. Leopoldo II teve apoio internacional, oficializado pela Conferência de Berlim e beneficiou-se da existência de aparatos tecnológicos que facilitaram a instalação e a permanência no Congo.⁸⁴

As inovações da época nas diversas áreas científicas, bem como a descoberta do sulfato de quinina no combate à malária, facilitaram a entrada e a permanência dos europeus nas regiões mais afastadas do litoral.⁸⁵ Essa fase colonial beneficiou-se imensamente das demandas da Revolução Industrial. Armas potentes, como rifles de repetição e metralhadoras, foram também utilizados para controlar o trabalho e coagir no sistema colonial de Leopoldo II.⁸⁶ Por meio de barcos a vapor foi possível percorrer trechos importantes e transportar produtos e pessoas na colônia, como bem é relatado no livro de instruções que era dado aos europeus que viajavam ao Congo, o “Manuel du voyageur et résident au Congo”⁸⁷. O transporte de mercadorias e pessoas pelo rio Congo era, nesse período, o meio mais prático e rápido que poderia ser utilizado em uma região, onde ainda não havia estradas ou trilhos.

de Gana e defendia o panafricanismo, como uma das principais bases para libertação da África como um todo. NKURUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: International Publishers, 1967 [70], p. 5.

⁷⁹ HOSCHILD, Adam. Op. Cit., p.88.

⁸⁰ A região que compreendeu o Estado Independente do Congo foi assim denominado por Leopoldo II, durante a sua possessão como colônia. Essa região corresponde atualmente ao Congo Kinshasa. HOSCHILD, Adam. Op.cit., p. 96.

⁸¹ Idem, 1999, p. 96.

⁸² NKURUMAH, Kwame. op. cit. , p. 6.

⁸³ BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006, p. 31.

⁸⁴ HOSCHILD, Adam. Op. Cit., p. 99-100.

⁸⁵ UZOIGWE, Godfrey N. *Partilha europeia e conquista da África*. In: BOAHEN, Albert Adu (org.) **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 44-45

⁸⁶ HOSCHILD, Adam, op. cit. , p. 100.

⁸⁷ “Notre lecteur n'aura d'ordinaire à jouer sur les bateaux à vapeur du Haut-Fleuve d'autre rôle que celui de simple passager. C'est de la sorte qu'il étiqueta le plus souvent le trajet entre Léopoldville et le poste pour lequel il aura été désigné. Actuellement, la voie principale de navigation : Léopoldville-Bumba, est desservie par deux magnifiques vapeurs de 250 tonnes : le Brabant et le Hainaut, très confortablement aménagés.” Manuel du voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Académie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p. 80. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

O Congo de Leopoldo II e a colonização belga

De 1885 a 1908, o Estado Independente do Congo (EIC), também chamado de Estado Livre do Congo, consistiu na colônia particular do rei da Bélgica, Leopoldo II. Diante de um território oitenta vezes maior que a Bélgica, Leopoldo II dividiu as terras da região em três categorias: terras autóctones, terras vacantes e terras concedidas a terceiros⁸⁸. A capital do Estado Independente do Congo era a cidade de Boma, às margens do rio Congo, na beira do Atlântico.⁸⁹ Em Boma, situavam-se os escritórios do governo e moravam muitos funcionários europeus. A Capital contava com certa estrutura para atender a esses europeus, como uma igreja, um hospital, um correio, uma base militar, um hotel de dois andares e um bonde, que levava os funcionários ao hotel.⁹⁰

A principal atividade econômica da colônia, nesse período, era a extração da borracha e do marfim e, em menor escala, a agricultura. A coleta da seiva coagulada da madeira, que viraria borracha tornou-se uma atividade econômica muito lucrativa, que proporcionou fortunas a Leopoldo II.⁹¹ A borracha era altamente consumida pela indústria do século XIX e necessitava de pouco investimento e gastos com equipamentos. Devido à intensa e cruel exploração da população local e da degradação da região do Congo, Leopoldo II acumulou grande patrimônio e realizou grandiosas obras na Bélgica, as quais, atualmente, são pontos turísticos, como o Palácio Real, o castelo de Laeken, onde mora a família real.⁹² A agricultura, outra atividade ampliada durante a colonização de Leopoldo II, pautava-se em grandes plantações de café, cacau, tabaco e baunilha.⁹³

O sistema colonial era desenvolvido em três partes: a corveia (trabalho forçado); o trabalho livre com remuneração e a compra de produtos (l'achat dès produits).⁹⁴ O trabalho forçado exaustivo para a extração da seiva da borracha foi um dos principais impulsionadores do tratamento desumano a que os congolezes eram submetidos. A partir de um sistema militarizado, eles eram controlados pela Force Publique, a polícia colonial, e eram submetidos a violências físicas e até a morte.⁹⁵ O período leopoldiano, caracterizado por uma sangrenta desintegração das sociedades locais, fez com que povos, como os “Bolobo” e os “Irebu”, fossem drasticamente dizimados.⁹⁶ No entanto, o governo belga silenciava as suas práticas violentas em seus escritos e documentos, destacando o seu papel de impedir conflitos entre os nativos e de assegurar a paz e a segurança para os europeus na colônia. “A “Force Publique” e a sua função no Congo foram assim descritas pelo periódico quinzenal ilustrado “Le Congo Illustré”, editado por Alphonse-Jules Wauters, crítico de arte, geógrafo fundador do jornal

⁸⁸ MUNANGA, Kanbengele. **A República Democrática do Congo – RDC**, p. 5. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

⁸⁹ HOSCHILD, Adam, *op. cit.*, p. 126.

⁹⁰ HOSCHILD, Adam. *O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 126.

⁹¹ Idem, p. 171.

⁹² Idem., p. 304.

⁹³ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.128. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

⁹⁴ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.128. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

⁹⁵ HOSCHILD, Adam. *op. cit.*, p. 174-175.

⁹⁶ NKURUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: International Publishers, 1967 [70], p. 6-7.

“Mouvement Geographique” e membro do “Institut National de Géographie”, cuja principal ocupação era promover a propaganda colonial⁹⁷:

Son rôle est d'assurer la tranquillité et la sécurité dans les endroits où se trouvent des Européens, de prévenir ou d'enrayer les luttes intestines entre indigènes, de garantir la liberté des voies de communication, d'exécuter les décisions de la justice, de concourir à la répression de la traite et de rendre effectives les occupations de certaines parties du territoire encore en dehors de l'action immédiate de l'Etat.⁹⁸

Segundo o documento, a “Force Publique” tinha por objetivo manter a tranquilidade e a ordem na colônia. Deveria reprimir os conflitos entre as etnias, assegurar os europeus que habitavam o Congo e garantir o funcionamento e a segurança das instituições coloniais. No entanto, verificam-se as mais diversas estratégias violentas, praticadas pelo sistema colonial, com o objetivo de obrigar os africanos daquela região ao trabalho exaustivo, nas expedições de colheita de borracha ou marfim, nas plantações e no serviço militar. Alguns autores, como Adam Hirsch, já destacaram o sequestro de mulheres, crianças ou anciãos nas tribos para forçar o recrutamento de africanos. No entanto, é importante ressaltar, como já apontou Hirsch, que práticas brutais, como essa, eram, inclusive, recomendadas no “Manuel du voyageur et résident au Congo”, livro de informações e recomendações dado aos viajantes e residentes do Congo.⁹⁹

É importante destacar que, em sua maioria, os europeus, que chegavam ao Congo e, provavelmente, muitas das vezes, virariam soldados da “Force Publique”, eram na Europa homens de baixa instrução e mercenários em busca de dinheiro.¹⁰⁰ Estes, quando chegavam ao Congo, eram destinados, sozinhos ou em dupla, às regiões para controlar determinado grupo de povoados.¹⁰¹ Nesse sentido, verifica-se o despreparo e o perfil violento das pessoas que ocupavam os postos militares. Esse sistema militarizado e violento, estabelecido pela colonização de Leopoldo II, transformou o Congo em um palco de barbáries, marcado pelo genocídio e pela mutilação dos povos dessa região. De acordo com Hirsch,

Quando uma aldeia se recusava a coletar borracha, era costume os soldados do Estado ou de companhias privadas, ou às vezes seus aliados, matar todos os habitantes para que as aldeias vizinhas entendessem logo o recado. Só que alguns oficiais europeus começaram a ficar desconfiados e resolveram tomar precauções. Para cada cartucho entregue a um soldado, passaram a exigir provas de que a bala fora usada para matar alguém, e não ‘desperdiçada’ com caça ou, pior ainda, economizada para algum possível motim. E a prova mais comum era a mão direita de um cadáver.¹⁰²

⁹⁷ HENRY, Elise. **Le Mouvement Géographique, entre géographie et propagande coloniale**. Belgeo [En ligne], 1 | 2008, mis en ligne le 19 octobre 2013, consulté le 09 septembre 2015. Disponível em: <http://belgeo.revues.org/10172>

⁹⁸ Le Congo Illustré: Voyages et travaux des Belges dans l'état indépendant du Congo. Publié sous la direction de A. J. Wauters. Premier année, 1892, Bruxelles, p. 58. Disponível em: <https://ia801506.us.archive.org/12/items/lecongoillustr11892brux/lecongoillustr11892brux.pdf>

⁹⁹ Manuel du voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Académie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.140. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹⁰⁰ NKUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: International Publishers, 1967 [70], p. 7.

¹⁰¹ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Académie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.140. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹⁰² HIRSCH, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 175-176.

Em 1892, a “Force Publique” era composta por 11 capitães, 10 tenentes, 39 subtenentes, 60 sargentos, totalizando 121 agentes. A maior parte destes cargos, principalmente os postos mais altos, era ocupada por belgas. A força armada também era composta por europeus de nacionalidades diversas. Além disso, muitos nativos também foram obrigados a servir como soldados.¹⁰³ O trabalho forçado, o sequestro de mulheres e crianças, a mutilação de mãos e pés e as mortes de africanos, em virtude do intenso esforço físico, caracterizaram o governo de Leopoldo II no Congo. Para escapar e resistir ao recrutamento forçado, houve, no continente, vastos movimentos migratórios para lugares que fossem inacessíveis aos europeus, como o interior das selvas e dos pântanos, onde não havia, muitas vezes, abrigo, nem comida.¹⁰⁴

Entretanto, esses mesmos movimentos acabaram proporcionando um desequilíbrio alimentar e também uma insegurança generalizada.¹⁰⁵ Com o passar dos anos, mais e mais congoleses eram recrutados para ao trabalho militar. Em 1900, a “Force Publique” era composta por 10.000 “milicianos indígenas”, 4.000 “voluntários indígenas” e 1.000 “voluntários da costa”, todos eles comandados por oficiais e suboficiais belgas, em sua maioria.¹⁰⁶ A degradação do Congo, ocasionada pelo regime colonial exploratório devastava a sua população, a fauna e a flora. Além da exploração dos recursos naturais e da mão de obra nativa, a prática da caça era também muito comum no território congolês. Dentre outros, animais, como zebras, serpentes, crocodilos, leopardos, leões, girafas, búfalos, antílopes, rinocerontes, hipopótamos e elefantes eram os alvos prediletos dos caçadores europeus, que tinham essa atividade como hobby e esporte.¹⁰⁷

Leopoldo II, apesar de sua direta intervenção e controle do Congo, nunca havia estado em sua colônia. Para ele, o Congo era um lugar de barbárie, selvagem e afirmava estar levando aos “primitivos” africanos o desenvolvimento. O rei da Bélgica tinha grande orgulho de possuir a colônia, a qual considerava uma conquista sua. Leopoldo II não poupava esforços para exibir seus feitos: 267 africanos do Congo foram expostos na Feira Mundial de Bruxelas, ocorrida em 1897.¹⁰⁸

Apesar de ter havido denúncias sobre as atrocidades praticadas no Congo, ainda em finais do século XIX, como as feitas pelo norte-americano George Washington Williams, somente no século XX, essas violências seriam conhecidas internacionalmente.¹⁰⁹ Edmund Dene Morel, jornalista britânico a serviço da Elder Dempster¹¹⁰, foi figura de grande importância para tornar público e divulgar o desmantelamento que o sistema colonial de Leopoldo causava no Congo e o genocídio que perpetrara.

Os escritos de E. D. Morel foram decisivos para que as violências praticadas no Congo fossem conhecidas na Europa, em virtude da sua habilidade na escrita e cuidadosos trabalhos de pesquisa, que reuniam documentos e provas de suas acusações.¹¹¹ Todavia,

¹⁰³ Le Congo Illustré: Voyages et travaux des Belges dans l'état indépendant du Congo. Publié sous la direction de A. J. Wauters. Premier année, 1892, Bruxelles, p. 59-61. Disponível em:

<https://ia801506.us.archive.org/12/items/lecongoillustr11892brux/lecongoillustr11892brux.pdf>

¹⁰⁴ HOSCHILD, Adam, op. cit., p. 238.

¹⁰⁵ Idem, p. 239.

¹⁰⁶ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Académie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p. 18.

¹⁰⁷ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Académie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p. 171-182.

¹⁰⁸ HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 187.

¹⁰⁹ Idem, p. 120.

¹¹⁰ Elder Dempster era uma empresa de transportes do Reino Unido, fundada em meados do século XIX.

¹¹¹ Edmund Morel denunciou as atrocidades ocorridas no Congo, por meio de jornais, artigos e livros, que relatavam a violência colonial, por intermédio de documentos. Dentre outros, Morel publicou: King Leopold's

segundo Hoschild, apesar da atuação de Morel ter se destacado, é necessário apontar o envolvimento de grupos humanitários e de parlamentares, como Charles Dilke, que também denunciavam as brutalidades na colônia.¹¹² Contudo, as denúncias sobre Leopoldo II tiveram mais relevância, na Europa e na Bélgica, em virtude dos escândalos pessoais e do descumprimento dos acordos internacionais sobre o livre comércio, realizados na Conferência de Berlim do que pela violência praticada pelo sistema colonial. A Europa e os EUA passaram a enxergar o outro lado da atuação “humanitária” de Leopoldo II. Além do cenário degradante do Congo, a imagem pessoal do rei estava muito desgastada na própria Bélgica e também fora do país, em razão dos escândalos e extravagâncias financeiras, envolvendo mulheres.¹¹³

Em 1908, o Estado Independente do Congo deixou de ser propriedade privada do Rei Leopoldo II e passou a pertencer à Bélgica. Sob dominação do governo belga, o Estado Independente do Congo passou a ser chamado de Congo Belga, mantendo-se assim até a sua independência em 1960. Apesar da nova denominação, as transformações na região não avançaram para os povos congolezes. O trabalho forçado, a violenta atuação da “Force Publique” e a exploração intensa dos povos e recursos naturais permaneceram iguais aos do período de Leopoldo II. A passagem da colônia para a administração do governo belga representou, assim, a extensão de uma empreitada colonial iniciada por Leopoldo II.¹¹⁴ A estrutura do sistema colonial manteve-se, assim como permaneceram pessoas nos postos de administração colonial.¹¹⁵

Apesar da maior parte das denúncias e críticas ao sistema colonial terem sido voltadas à atuação de Leopoldo II, as brutalidades cometidas aos congolezes permaneceram presentes e intensas no Congo, sob domínio do Estado belga. Para Nkrumah, o governo belga não possuía interesse e nem meios para reparar a degradação ocorrida no Congo.¹¹⁶ Esses povos continuaram vivendo sob um sistema coercitivo, expostos ao trabalho exaustivo que levava ao esgotamento físico e à morte. Além disso, precisavam da autorização da administração colonial para possuir um pedaço de terra.

Apesar dos discursos coloniais, em contrário, foram praticamente nulos os investimentos que beneficiassem os congolezes ou que pudessem melhorar as suas condições de vida. Segundo Kabengele Munanga, o ensino universitário era inexistente na colônia até a década de 50, pois construir universidades e dar direitos políticos aos negros, para os políticos coloniais belgas, seria favorecer a formação dos descontentes e agitadores.¹¹⁷

Breve panorama sobre a sociedade e a organização administrativa do Congo, em meados do século XX

O Congo era cercado por montanhas e dividido em duas grandes regiões: o “Haut-Congo”, com fuso horário oriental, e o “Bas-Congo”, com fuso horário central. O primeiro

Rule in Africa (1904), Red Rubber - The story of the rubber slave trade that flourished in Congo in the year of grace (1906), The British Case in French Congo. HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.197-198.

¹¹² Idem, 1999 p. 198.

¹¹³ Idem, 1999, p. 231.

¹¹⁴ BENOT, Yves. **La Mort de Lumumba ou la tragédie congolaise**. Collection Afrique Contemporaine (Directeur Ibrahima Baba Kake), Vol. 2. Paris: Éditions Chaka, 1991, p.19.

¹¹⁵ NKUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: INTERNATIONAL PUBLISHERS, 1970, p.10

¹¹⁶ Idem., 1970, p.10

¹¹⁷ MUNANGA, Kanbengele. **A República Democrática do Congo – RDC**. Casa das Áfricas, p. 9. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

estava localizado na parte alta do país a 400 metros acima do nível do mar e possuía vegetação que variava de florestas a pântanos, constituído também de áreas agrícolas.¹¹⁸ No outro extremo, o “Bas-Congo”, não menos diverso e abundante em recursos naturais, localizava-se na parte baixa do Congo, banhada pelo oceano atlântico e possuía variações climáticas equatoriais:¹¹⁹

En résumé, le bassin supérieur de l'Etat Indépendant constitue, Grâce à son origine lacustre, qui lui a préparé une couche d'alluvion considérable, une contrée éminemment propice aux cultures coloniales, qui demandent un sol vierge et riche en humus.¹²⁰

Assim, a fauna da região modificava-se de acordo com o clima e a vegetação ao longo da região, que variava de grandes florestas fechadas com animais alpinistas e ruminantes a savanas tropicais habitadas por rinocerontes, elefantes, zebras, okapis e animais carnívoros, como leopardos e leões.¹²¹

Localizado no centro do continente africano, o Congo-RDC era o terceiro maior país africano, possuindo uma extensão territorial com cerca de 2.350.000 Km², o equivalente a oitenta vezes o tamanho da Bélgica.¹²² O Congo fazia fronteira com nove outros países africanos: Congo Brazzaville, República Centro-Africana, Sudão, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Zâmbia e Angola.¹²³ Possuía abundante riqueza hídrica e exuberante vegetação que variava de acordo com a região do país. O rio Congo, segundo maior do mundo em termos de volume com cerca de 4000 Km², atravessava a região, possibilitando grande diversidade na fauna e flora da região.¹²⁴ Esse conjunto de elementos dava ao Congo condições climáticas, com temperaturas que se mantinham estáveis, favorecendo a estabilidade da atividade agrícola, durante todas as estações do ano.¹²⁵

Nesse sentido, verifica-se que as terras do Congo ofereciam grandiosa diversidade de clima e vegetação, que, além de proporcionar amplo desenvolvimento agrícola, revelava o quanto o Congo era uma colônia produtiva. No entanto, o seu potencial em riquezas naturais completava-se por possuir um subsolo rico em minérios de Sul a leste.¹²⁶ Os principais minérios eram: o carvão, na província do Katanga; o diamante; o mineral pechblenda, que contém o dióxido de urânio, e também de onde é extraído o rádio na Katanga; o ouro no Haut

¹¹⁸Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.9-11. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹¹⁹ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.9-10.

¹²⁰ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p.11. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹²¹ OBENGA, Théophile. Le Zaire. Civilisations traditionnelles et Culture moderne. Paris: Presence Africaine, 1977, p.17.

¹²² Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p. 9. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹²³ MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo - RDC**. Casa das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

¹²⁴ Manuel du Voyageur et résident au Congo. Le depot général de l'ouvrage se trouve à la Société d'Études coloniales. Imprimeur de l'Academie Royale de Belgique, Bruxelles, 1900, p. 9. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/26/manuelduvoyageur01donn/manuelduvoyageur01donn.pdf>

¹²⁵ Os dados estatísticos do “Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge” apontam a temperatura média de 25,6 graus célsius para o Congo durante o ano, o que demonstra a sua estabilidade climática, p. 519.

¹²⁶ OBENGA, Théophile. Le Zaire. **Civilisations traditionnelles et Culture moderne**. Paris: Presence Africaine, 1977, p. 18.

Uele; o estanho, sob a forma de dióxido de estanho na Katanga e no Kivu; o cobre e o cobalto. O Congo possuía variados outros recursos minerais de grande importância para as indústrias e as usinas, além disso, também dispunha de uma rica reserva de energia hidroelétrica, tornando-se, por isso, uma região ainda mais rica e importante.¹²⁷

A partir da observação dos dados estatísticos do “*Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*”, de 1958, observam-se a organização administrativa colonial belga e a conjuntura social e econômica, nas quais os movimentos anticoloniais desenvolviam-se. Compreender como se organizava a colônia, como era a sua população nativa e a estrangeira, as suas atividades econômicas e a organização administrativa, torna-se fundamental para a análise, exame dos movimentos de libertação e dos sujeitos envolvidos das manifestações anticoloniais. A edição que se está examinando, além de compreender o período de intensificação dos movimentos pela independência, foi uma das últimas estatísticas publicadas pela Bélgica. Nesse sentido, o documento traz importantes dados para se compreender o contexto da colônia durante esse processo.¹²⁸

Em 1959, um ano antes de oficializar sua independência, se pode observar a partir de leitura da tabela *Superficie, Population, Divisions administratives et judiciaires au 1^{er} janvier 1959*, a qual se encontra no *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*¹²⁹, que o Congo era organizado em seis grandes províncias, Léopolville, Equateur, Orientale, Kivu, Katanga e Kasai, que eram compostas por vinte e seis distritos ao todo. A **Província de Léopolville**, composta pelos distritos de Léopoldville, Bas-Congo, Kwango, Lac Léopold II, Kwilu e Cataractes, possuía a maior população africana (“indigène”) e, conseqüentemente, a maior população em termos gerais, já que contava com 3.189.286 “indigènes” e 33.578 brancos. A **Província do Equateur**, que possuía os distritos: Ubangi, Tshuapa, Equateur, Mongola. A maior província, em termos de área territorial, era a **Província Oriental** com os distritos: Stanleyville, Bas Uele, Kibali-Ituri e Haut Uele. Havia também a **Província do Kivu** com Nord-Kivu, Sud-Kivu e Maniema e a **Província do Katanga**, que concentrava a maioria da população branca da colônia, com uma média de 1 branco para 48 “indigènes”. Constituída por Elisabethville, Lualaba, Tanganyika, Haut-Lomami e Luapula-Moéro, a Província de Katanga possuía, dessa forma, um número de 1.654.176 “indigènes” e 33.918 brancos, sendo 27.337 de nacionalidade belga. E, por fim, mas não menos importante, a **Província do Kasai**, formada pelos distritos de Kasai, Sankuru, Kabinda e Lulua, cuja população indigène era de 2.158.633 e de 8.935 brancos no total.

Em relação ao perfil da população branca no Congo, o “*Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*” possui tabelas nas quais pode ser observado o perfil dessa população, que era analisada nas estatísticas belgas de forma separada, em termos raciais. A tabela sobre a população de “raça branca” foi organizada por nacionalidade e apresentava o crescimento da população branca entre os anos de 1939 até 1958. Assim, verifica-se que grande parte da população branca do Congo era composta em sua maioria por belgas. Em 1959, ano anterior à oficialização da independência, a colônia possuía uma população total de 13.652.935, ou seja, quase 14 milhões de habitantes, sendo 13.540.182 o total da população

¹²⁷ Idem, 1977, p. 19-21.

¹²⁸ Documento que possui dados quantitativos sobre a vegetação, geografia, população e organizações administrativas foram quantificados e organizados durante a colonização pelo Instituto Nacional de Estatística do Ministério de Operações Econômicas da Bélgica. Os dados populacionais dos distritos e províncias encontram-se na tabela “*Superficie, Population, Divisions administratives et judiciaires au 1er janvier 1958*”, p. 221. *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959. Disponível em: <http://extranet.arch.be/fr/>

¹²⁹ *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p. 531. Disponível: <http://extranet.arch.be/fr/>

de "indigène" e 112.753 brancos estrangeiros, dos quais 88.913 destes brancos eram belgas e os 23.840 restantes, brancos de outras nacionalidades¹³⁰.

Tabela 1.1 - Crescimento da População Branca no Congo, organizada por nacionalidades, 1958.

Population de race blanche à la date du 1^{er} janvier.

Blanke bevolking op 1 januari.

I. Répartition d'après la nationalité. — I. Indeling naar de nationaliteit.

SPECIFICATIONS	1939	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	OPSOMMING
Belges	17,536	36,510	39,006	44,028	51,440	59,978	67,827	69,813	76,164	84,444	86,736	Belgen.
Allemands	55	36	22	29	31	70	99	123	118	152	168	Duitsers.
Américains (E. U.)	658	941	985	1,009	1,048	1,139	1,222	1,425	1,570	1,793	1,692	Amerikanen (V. S.).
Anglais	1,041	2,396	1,662	1,752	1,705	2,051	2,137	2,002	2,070	2,236	2,250	Engelsen.
Danois	15	12	16	22	18	30	27	26	19	46	38	Denen.
Français	415	1,426	805	868	1,088	1,269	1,731	1,955	2,129	2,247	2,267	Fransen.
Hollandais	489	841	761	831	925	1,024	1,223	1,230	1,259	1,357	1,493	Nederlanders.
Italiens	1,483	1,744	1,754	1,945	2,109	2,370	2,802	2,914	3,120	3,364	3,639	Italianen.
Portugais	1,543	3,092	3,290	3,482	3,441	3,991	4,388	4,503	5,126	5,300	4,878	Portugezen.
Suédois	111	144	165	158	156	168	231	192	224	224	207	Zweden.
Norvégiens	23	159	80	81	60	64	63	50	50	79	57	Noren.
Suisses	198	366	340	368	475	502	632	700	725	825	845	Zwitseren.
Grecs	767	1,689	1,706	1,849	1,961	2,336	2,483	2,554	2,889	3,177	3,084	Grieken.
Espagnols	31	55	51	59	61	74	104	102	126	140	155	Spanjaarden.
Luxembourgeois (G.D.) ..	250	379	374	410	503	476	473	536	563	539	575	Luxemburgers (G. H.).
Sud-Africains	135	178	163	156	197	233	228	258	254	263	254	Zuidafrikanen.
Autres nationalités	459	1,671	933	883	860	989	1,026	928	965	1,227	1,119	Andere nationaliteiten.
Total :	25,209	51,639	52,113	57,930	66,078	76,764	86,696	89,311	97,371	107,413	109,457	Total.

Fonte: Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Bruxelles: Institut National de Statistique, 1958, p. 522.

Em outra tabela, na qual a população branca é dividida por ocupação e sexo, apesar dos espaços do ano de 1959 não estarem preenchidos, têm-se os dados de 1958, o que possibilita ter uma referência. Segundo a tabela, a população estrangeira branca no Congo em 1958 era dividida entre 32.155 mulheres, 38.202 homens e 39.100 crianças (tendo como referência a idade abaixo de 18 anos).¹³¹ Esses estrangeiros brancos eram divididos em três grupos na colônia: funcionários, missionários e os que trabalhavam por conta própria ou não

¹³⁰ A grande parte desses brancos, em ordem de representatividade, era de italianos, gregos, portugueses, ingleses, franceses, norte-americanos, entre outros. Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p.531. Disponível em: <http://extranet.arch.be/fr/>

¹³¹ Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p. 532. Disponível em: <http://extranet.arch.be/fr/>

se encaixavam nas duas primeiras denominações, os “particulaires”. Estes eram 92.944 pessoas, representando a maior parte dos brancos que moravam na colônia, os quais viajaram para o Congo e viviam na colônia por conta própria, executavam atividades que não estavam subjugadas à administração colonial e também não eram missionários. Ainda sobre a população branca do Congo, no ano de 1958, verifica-se que houve 4008 nascimentos, 503 casamentos e 453 mortes entre a população.¹³² Infelizmente, não se tem um panorama tão detalhado para a população negra nativa, pois o Anuário traz a maior parte de seus dados e informações voltados para os estrangeiros brancos.

Economia

A base econômica do Congo nesse período era a produção agrícola e a extração de minérios por empresas estrangeiras. Contudo, no Congo havia empresas estrangeiras e “indígenas” em setores diversos. No “Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge”, observam-se duas tabelas, que apontam as empresas industriais europeias e “indígenas”, organizadas por províncias de 1958. A primeira trabalha com a quantidade de empresas existentes nos setores da indústria de Minas e Metalurgia, de Exploração e Indústrias agrícolas, de Indústrias Mecânicas, de Construção e Estruturas e de Têxteis, vestuário, calçado, couro.¹³³ Na outra tabela, as estatísticas referem-se aos setores, denominados como indústria Química; da Eletricidade, água, energia; Indústria Alimentícia; de Transporte e Indústrias diversas.¹³⁴

Em relação à atividade agrícola, a mandioca destaca-se por sua importância na cultura local, pois era largamente produzida e consumida pelos congolezes. Nas grandes plantações voltadas para a exportação, o cultivo de café é apontado como a atividade agrícola de maior importância em termos econômicos, tendo em vista que o Congo exportava café para vários países nesse período. O setor de “Exploração e Indústria agrícola” era o que possuía maior número no Congo, com um total de 12.771 empresas “indígenas” e europeias na colônia. No entanto, a atividade mais lucrativa da colônia era as do setor de Minérios e Metalurgia e tinha grande importância internacional, já que o setor era controlado por empresas europeias.¹³⁵

No setor de Minérios e Metalurgia, as províncias do Kivu e do Katanga, em ordem de importância, são as que concentram essas indústrias. A província do Kivu possuía cento e setenta e cinco -175 - e Katanga, cento e trinta e quatro - 134- indústrias, que atuavam na extração de minérios e na produção metalúrgica. Em 1958, as duas regiões juntas, comportavam praticamente a metade de todas as indústrias do setor metalúrgico do Congo, possuindo um total de seiscentos e vinte e uma - 621 - empresas desse setor, distribuídas nas seis províncias.¹³⁶ Embora o setor de indústria metalúrgica não fosse o que mais possuísse empresas, era de grande importância econômica e política para o Congo. A partir da

¹³² Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p.532. Disponível em: <http://extranet.arch.be/fr/>

¹³³ Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 524.

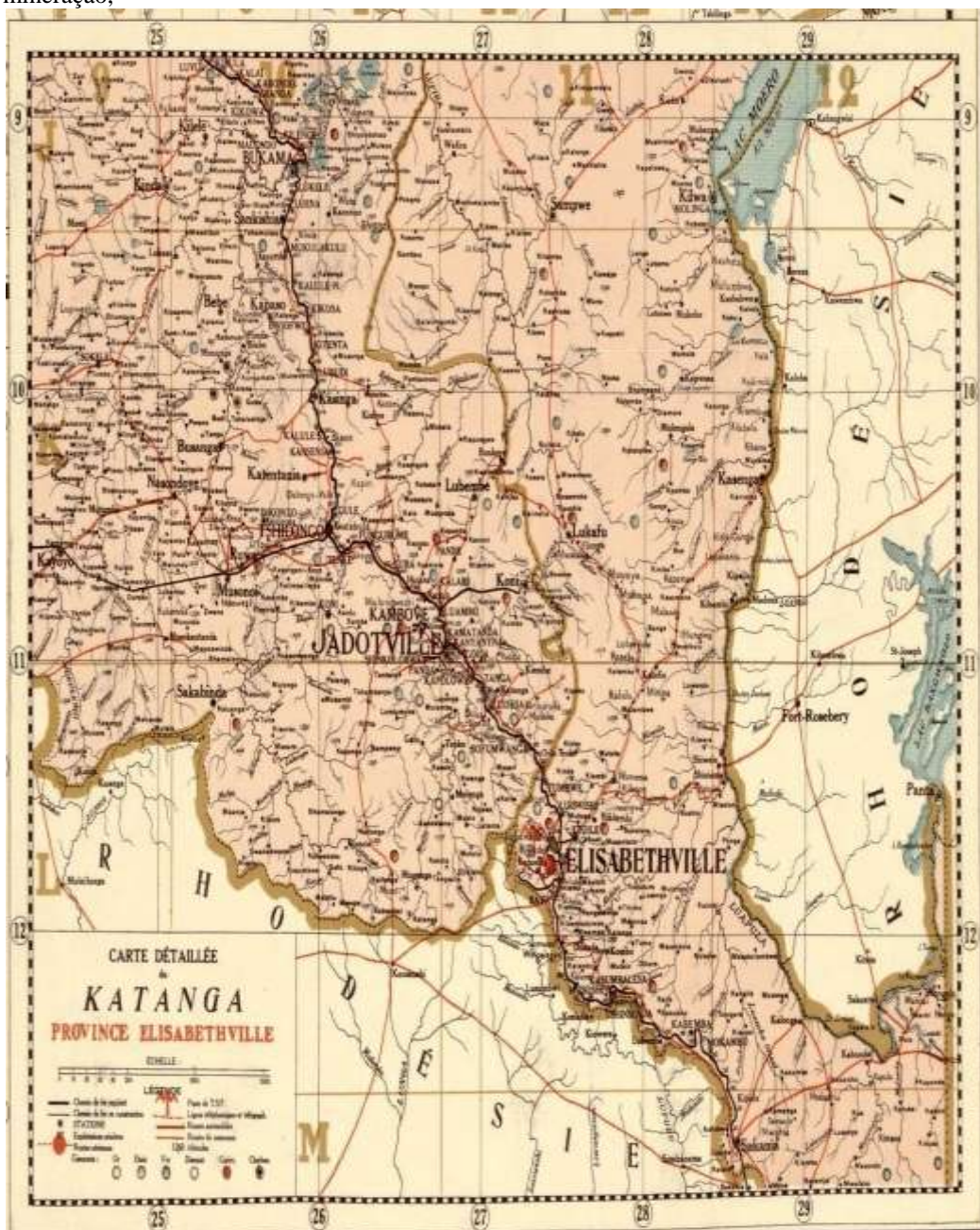
¹³⁴ Ver tabela “Relevé des entreprises industrielles européennes et indigènes par province en 1958”. Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p. 525.

¹³⁵ Ver tabela sobre o “Comércio Exterior da União Aduaneira do Congo Belga e do Ruanda-Urundi em 1958”. Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1959, p. 527.

¹³⁶ Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 524

interpretação da tabela que aponta a distribuição de empresas industriais no país, explicitando sua concentração em cada província, se pode inferir que as de extração de minérios eram, em sua maior parte, empresas europeias que concentravam a atividade de maior importância econômica. Dentre essas empresas metalúrgicas, apenas duas eram “indígenas”.¹³⁷

Mapa 1.2 - Mapa ampliado da região de Katanga, onde se concentra as grandes empresas de mineração, 1896.



Fonte: Carte du Congo Belge (Carte détaillée du Katanga) / éditée par l'Office de publicité, anciens établissements J. Lebègue & Cie. - éditeurs[1986]. Library of Congress Geography and Map Division Washington, D.C. 20540-4650 USA dcu. Disponível em: <http://lccn.loc.gov/2006627676> (acesso em 09/09/14)

A diversidade do Congo também consiste nas variadas etnias que vivem na região. Théophile Obenga aponta a existência de quatorze grandes grupos étnicos: os Ubangi, os

¹³⁷ Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 524

Uele, a etnia da região Itimbiri-Ngiri, os da Bacia Central do Congo, os da região Balese-Komo, a etnia de Maniema, os Kongo, os do Bas-Kasai, os do Kwango-Kasai, os do Kasai-Katanga, os da região Lunda, de Tanganyika-Haut Katanga, os da região dos grandes lagos e as etnias da região do nordeste do Congo.¹³⁸

Alguns aspectos sociais

Em relação aos aspectos sociais, na década de 50, a colônia possuía muitos jornais, periódicos e revistas, como “Kongo-Overzee”, “Zaire. Revue Congolaise”, “Coq Chante”, “Mbandaka”, “La Croix du Congo”, “La voix du Congolais”, entre outros, nos quais eram publicados artigos e matérias de intelectuais congolese.¹³⁹ Nesse período, havia também significativa produção literária e artística, bem como exposições de arte, peças de teatro e espaços culturais.¹⁴⁰

A Igreja Católica destacou-se pelo seu importante papel colonial. Constituíam uma das bases do poder colonial belga e teve papel fundamental na dominação social dos povos africanos e na manutenção da ordem dentro da colônia. Segundo Nkrumah, a Igreja Católica e as grandes empresas tinham o mesmo poder que o governo belga sobre o Congo.¹⁴¹ Para Yves Benoit, a originalidade do sistema belga residia na Igreja Católica, que possuía o monopólio do ensino/formação escolar e também era a colaboradora reconhecida da colonização oficial.¹⁴² Para, além disso, por meio do ensino formal, da formação religiosa e da adoção de costumes europeus, os congolese tinham a possibilidade de obter a *immatriculation (carte d'immatriculé)*¹⁴³ e a *carte de mérite civique*¹⁴⁴, a qual concedia alguns direitos que eram reservados aos europeus da colônia. Estes documentos conferiam certo "grau de civilização" e eram dados apenas aos congolese com certo grau de escolaridade e que adotavam costumes europeus, tais como: roupas, religião, língua, possibilitando a ele obter melhores postos de trabalho e se elevar socialmente¹⁴⁵. Os congolese que recebiam essas certidões, constituíam o pequeno grupo denominada do *évolués*. Esta categoria social é definida como uma classe média indígena, formada por trabalhadores diversos que possuíam escolaridade e condições materiais de vida superior à população em geral, os *évolués* "forment le tout petit groupe des détenteurs de la carte du mérite civique et des 'imatriculés' bénéficiant d'un statut proche de celui des Européens."¹⁴⁶

Tal como ocorreu em outros processos coloniais, a Igreja Católica e a educação eram instrumentos de civilidade e hierarquização das sociedades locais. Assim, os congolese, de um modo geral, eram divididos em duas categorias pela administração colonial: os *évolués* e

¹³⁸ OBENGA, Théophile. *Le Zaire. Civilisations traditionnelles et Culture moderne*. Paris: Presence Africaine, 1977, p. 42- 48.

¹³⁹ Idem, 1977, p. 210-211.

¹⁴⁰ Idem, p. 212-214.

¹⁴¹ NKUMAH, Kwame. *Challenge of the Congo*. New York: INTERNATIONAL PUBLISHERS, 1970, p.11.

¹⁴² BENOT, Yves. *La mort de Lumumba ou la tragédie congolaise*. Collection Afrique Contemporaine (Directeur Ibrahim Baba Kake), Vol. 2. Paris: Éditions Chaka, 1991, p.19-20.

¹⁴³ Segundo Yves Benot a “carte d’immatriculé”, criada em 1952 pela administração colonial, era exigida aos congolese para obtenção de certos postos de trabalho e tinha por finalidade comprovar e verificar que tal congolês vivia como europeu e que possuía boa conduta. No entanto, o autor destaca que o documento até o ano de 1958 foi concedido a somente 217 congolese diante de uma população que se aproximava aos 13 milhões. Idem, p.26-27.

¹⁴⁴ A carta de mérito cívico era um documento que atribuía competência ao congolês certo nível de "europeização", ou seja, de civilidade e reconhecia a possibilidade de ele obter direitos similares, mas não idênticos aos dos europeus. NZUNDU AUGUSTINI, Bitu Lihun. *Missions Catholiques et protestantes face au colonialisme et aux aspirations du peuple autochtone au l'autonomie et à l'indépendance politique au Congo Belge (1908-1960)*. Pontifical Biblical Institute Grigorian/Biblical Press, Roma, 2013, p.246-247.

¹⁴⁵ De acordo com o glossário da Publicação pedagógica do Musée royal d'Afrique Centrale (MRAC), *évolué*

¹⁴⁶ Congo: colonisation/decolonisation: L'histoire par les documents. Publication Pédagogique, MRAC, 2012.

os indigênes; ou seja, os que não se enquadravam na categoria de evolués, a maior parte da população.

Sobre a importância da educação e o papel das missões cristãs no período colonial, John Iliffe aponta que:

A educação foi a principal dinâmica da mudança colonial, não só como reservatório de técnicas mas como fonte de diferenciação social e de conflito político. Comparada com a riqueza, a educação era mais fácil de obter e de transmitir à geração seguinte; por isso, foi a principal geradora de mobilidade e estratificação em África.¹⁴⁷

Em 1957, o Congo possuía um total de 5.649 missionários católicos, enquanto isso, em menor escala, eram 1.556 missionários protestantes, sendo 584 homens e 972 mulheres.¹⁴⁸

Ainda a partir dos anuários, podem ser observadas as divisões sobre o ensino escolar na colônia. Na educação e no sistema de ensino, os números ainda se encontravam bem restritos aos brancos da colônia. A educação no Congo sob regime colonial era dividida em três áreas gerais: o Ensino Geral com 21.023 escolas, o Ensino Técnico com 341 e o Ensino Agrícola com 41 escolas na colônia.¹⁴⁹ Estes setores da Educação eram, de um modo geral, ligados ao ensino primário, secundário ou técnico, compostos por: Escolas oficiais, Escolas oficiais congregacionistas, Escolas subsidiadas e Educação não-subsidiada (divididas em: 1. Missões católicas, 2. Missões protestantes e 3. Escolas de sociedades), todas essas categorias eram subdivididas em muitas outras mais específicas.¹⁵⁰ Além disso, em 1958, havia apenas uma universidade oficial com cento e noventa alunos.¹⁵¹ De acordo com Kabengele Munanga, em 1960, quando o país tornou-se independente, havia o pequeno número de nove congolezes formados no ensino superior.¹⁵²

Yves Benot aponta que, na colonização belga pós-guerra, uma minoria de congolezes adotava modos de vida europeus e escolaridade, a fim de ser tratada em condição de igualdade com os colonos; entretanto, ao longo do tempo, percebiam que nada havia mudado.¹⁵³ Ressalta-se, entretanto, que a insatisfação desses sujeitos com as condições de vida e de exploração não dependia de conhecimento sobre o mundo ocidental, pois revoltas e resistência em torno do trabalho forçado e da forma de dominação colonial existiram durante todo o processo de colonização.¹⁵⁴ Se fosse reduzido o agenciamento dos congolezes às elites coloniais ou ao fato desses congolezes terem formação escolar ocidental, se estaria defendendo que eles se contrapusessem ao regime colonial, devido ao conhecimento proporcionado pela colonização.

¹⁴⁷ ILIFFE, John. **Os Africanos: história dum continente**. Lisboa: Terramar, 1999, p. 288.

¹⁴⁸ Ver tabela referente às Missões no Congo. *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 539.

¹⁴⁹ Tabela sobre o Ensino no Congo. *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p.541-542.

¹⁵⁰ *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 541-542. Disponível: <http://extranet.arch.be/fr/>

¹⁵¹ *Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge*. Royaume de Belgique. Ministère des Affaires Économiques. Institut National de Statistique. Bruxelles, 1958, p. 541. Disponível: <http://extranet.arch.be/fr/>

¹⁵² MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo - RDC**. Casa das Áfricas, p.14. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

¹⁵³ BENOT, Yves. **La mort de Lumumba ou la tragédie congolaise**. Collection d'Histoire Africaine Contemporaine, vol. 2, Paris: Éditions Chaka, 1991, pp. 29.

¹⁵⁴ No livro de Adam Hirsch, é possível verificar uma série de rebeliões e resistências ao trabalho forçado da colonização belga, iniciada por Leopoldo II. HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

No âmbito cultural, a música, os clubes de dança e os esportes eram espaços de lazer onde era constante a interação entre congolese e europeu. Podem ser observadas bandas compostas por congolese e belga que tocavam nesses clubes.¹⁵⁵ Segundo M'Bokolo:

a música popular manifesta-se como um dos pólos mais ativos das práticas sociais heterogêneas que interpelam a sociedade global e uma das linguagens mais fecundas para exprimir as múltiplas aspirações das classes populares.¹⁵⁶

Desse modo, é percebido que, no âmbito cultural, tal como na música e nos esportes, entre os europeus e os congolese, as fronteiras eram borradas, ou seja, não tão definidas e separadas. Em 1952, formou-se um grupo de músicos congolese, como o de Joseph Kabesele (Kallé), Dechaud, Depeussant e Bakis, que, ao tocar algumas vezes com um saxofonista de jazz belga, Fud Candrix, introduziu de vez o sax na música congolese.¹⁵⁷ Além dos clubes, também é possível verificar essa interação, conflituosa ou não, no futebol “interracial”, em que jogavam congolese e belga.¹⁵⁸ Desse modo o esporte, os clubes e a música congolese estabeleciam-se como elementos importantes para ampliar a perspectiva sobre as classes populares, as dinâmicas culturais e trocas entre os diferentes sujeitos no contexto colonial. Apesar de não ter sido possível aprofundar esses aspectos neste trabalho, percebe-se que a análise das diferentes trocas e convívios nesses espaços de dinâmica sócio-cultural possibilita perceber outros aspectos que constituem a complexidade do processo de busca pela formação nacional do Congo.

¹⁵⁵ BRAUN, Ken. Le Grand Kallé: Joseph Kabesele and the creation of modern congolese music. p. 7. Disponível em: http://www.accent-presse.com/IMG/pdf/STCD3059_itunes_Vol-2_Fra.pdf

¹⁵⁶ M'BOKOLO, Elikia. África Negra: história e Civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Bahia: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2011, p. 595.

¹⁵⁷ BRAUN, Ken. Le Grand Kallé: Joseph Kabesele and the creation of modern congolese music. Pp. 7-9. http://www.accent-presse.com/IMG/pdf/STCD3059_itunes_Vol-2_Fra.pdf

¹⁵⁸ Match de football interracial, photographie [1950-1959]. AGR, Archives Sibéka, n° 4994. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=3&sr=4&doc=135&l=fr#anchor>

O Congo como coração da África: a importância política e econômica da região no contexto internacional

A localização, a extensão e a diversidade de riquezas naturais fez do Congo um dos países mais importantes da África Central, em termos estratégicos no âmbito político, militar e econômico. A sua centralidade geográfica atribuiu-lhe grande capacidade de influenciar e de concentrar ideologias e movimentos anticoloniais que se tornavam cada vez mais intensos no período pós-guerra. A luta pela libertação no Congo, intensificada em finais dos anos de 1950, representava também a luta anti-colonial do continente africano. Para Nkrumah, a independência do Congo não se limitava a um caso nacional, mas fazia parte de uma luta ideológica mundial.¹⁵⁹ Dentro dessa perspectiva, verifica-se a independência do Congo, como um processo, tanto interno africano, quanto parte das disputas entre as potências ocidentais na conjuntura internacional do mundo pós-guerra.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Bélgica foi invadida pelos alemães, gerando um desconfortável clima de instabilidade política.¹⁶⁰ O Estado belga, após sofrer a invasão alemã passou a valorizar as declarações sobre os direitos das nações e da população às quais pertenciam. Aproveitando-se do momento, a Bélgica desviou as atenções direcionadas às atrocidades cometidas por ela em suas colônias e transformou-se em vítima, fazendo com que o cruel regime da colonização belga, no Congo, fosse esquecido.¹⁶¹

A Bélgica procurou, dessa forma, superar os impactos da invasão alemã e fortalecer-se como potência colonial, diante do instável cenário europeu, decorrente do contexto das guerras. Diante da conjuntura internacional pós-Guerra Mundial, o sistema colonial belga amparou-se no paternalismo para manter seu controle, segundo Nkrumah. Para este autor, tal reformulação do regime colonial tornou-se necessária devido à necessidade de empregar mão de obra qualificada para a industrialização da colônia que possuía em grandes quantidades diamantes, minerais nobres.¹⁶² Assim, na década de 50, o governo belga criou a Comunidade Internacional do Carvão e do Aço e a Comunidade Econômica Europeia, a fim de restabelecer a economia europeia e fortalecer-se como nação, dentro da comunidade internacional.

A Segunda Guerra Mundial pode ser considerada evento marco da transformação do cenário internacional no século XX, pois representou o declínio da centralidade europeia no sistema de poder mundial. Para Muniz Ferreira, além da Segunda Guerra, dois outros fatores contribuíram para a erosão das bases do colonialismo europeu no mundo. O autor aponta o crescimento do prestígio das concepções e dos movimentos democráticos e progressistas, decorrente da degradação das forças do eixo nazifacista, e a ascensão da URSS e dos EUA, que não possuíam colônias no continente africano, nem asiático e estiveram excluídos da partilha da África.¹⁶³

Na disputa travada com a URSS por “áreas de influências”, os EUA voltaram os seus olhos para a África, a fim de disseminar e de fortalecer o capitalismo no continente, o qual se encontrava imerso em movimentos pela libertação. Além disso, estabelecem parcerias com

¹⁵⁹ NKUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: Internacional Publishers, 1970, p. 14.

¹⁶⁰ Idem., 1970, p.10.

¹⁶¹ Segundo Hoshild “durante e depois da guerra ninguém nos países aliados quis ser lembrado de que, apenas uma década ou duas antes, eram funcionários do Rei dos Belgas que decepavam as mãos. E foi assim que toda a história do regime de Leopoldo no Congo e do movimento que se opôs a ele sumiu da memória europeia, talvez de modo ainda mais rápido e completo do que com outros morticínios em massa ocorridos durante a colonização da África.” HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 307.

¹⁶² NKUMAH, Kwame, op. cit., p.10

¹⁶³ FERREIRA, Muniz Gonçalves. **A África Contemporânea: dilemas e possibilidades**, p.3. Disponível em : http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/africa_contemporanea.pdf

países europeus que exerciam dominação colonial. Como exemplo próximo, se pode citar a intervenção militar belga e o apoio norte-americano, em conjunto com poderes locais, como Moise Tshombe¹⁶⁴ e Joseph Mobutu¹⁶⁵, - que se beneficiariam política e financeiramente desse infortúnio - para a destituição do Primeiro Ministro Lumumba, durante os primeiros meses de seu governo em 1960, e o seu assassinato, decorrente do seu posicionamento nacionalista anticolonial e a aparente adoção de políticas comunistas, afrontando o poder dessas potências.¹⁶⁶

M'Bokolo destaca uma mudança de postura estratégica do regime colonial nos quinze anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, em relação à classe dos "évolués".¹⁶⁷ O autor aponta a aproximação da administração a essa classe e à concessão de direitos, como aumento de salários e um limitado incentivo à "indigenização" da administração.¹⁶⁸ A colonização do Congo ficou conhecida como uma das mais bem sucedidas, recebendo o status de "colônia modelo", em virtude da rentabilidade econômica da colônia.¹⁶⁹ A atuação belga nas colônias também era exaltada nos discursos pronunciados pelo próprio Rei belga Baudouin I, tanto em 1955, quando o Congo ainda era colônia, quanto na cerimônia de oficialização da independência do país africano, quando, mais uma vez, o Rei destacou a empreitada belga, como atos de solidariedade e exemplo de ação civilizadora.¹⁷⁰

Assim, segundo M'Bokolo, a negação e repúdio aos movimentos de libertação nacional foram constantes no processo de descolonização do Congo, bem como o não favorecimento da formação das "elites" congolêsas, como os chamados *evolués*, pequeno grupo de congolêses que possuíam a carta de mérito cívico e a carta de registro¹⁷¹, e eram vistos como uma possível ameaça ao regime colonial.¹⁷²

A partir do novo cenário internacional e interno da colônia, formado por grupos políticos e sociais que se organizavam cada vez mais, Depelchin destaca uma clara mudança nas estratégias coloniais, com a reformulação da postura dos colonizadores em relação ao uso da força física e da violência no sistema de dominação colonial.¹⁷³ O resultado dessa mudança, segundo o autor, evidenciou-se com os Tratados de Amizade surgidos nesse contexto. Esses tratados eram estabelecidos pelas metrópoles para as auxiliarem na

¹⁶⁴ Moise Kapenda Tshombe (10.11.1919 - 29.6.1969) e rival político de Lumumba, era pertencente à rica família Lunda, de comerciantes no Katanga. Tshombe foi um grande defensor do federalismo e separação do Katanga do território congolês, assim, contrário ao unitarismo e ao nacionalismo, defendidos por Lumumba, foi líder e reponsável pelo movimento de secessão da província do Katanga, organizado durante o processo de independência e que eclodiu no dia 11 de julho de 1960, onze dias após o estabelecimento do governo congolês e da independência, agravando a instabilidade do mesmo.

¹⁶⁵ Joseph-Desiré Mobutu, também conhecido como Mobutu Sese Seko, em 1965, assumiu o poder do Congo, por meio de um golpe de estado. Mobutu renomeou o país como Zaire e foi seu presidente de 1965 a 1997;

¹⁶⁶ NKRUH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: Internacional Publishers, 1970.

¹⁶⁷ M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e Civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)**. Bahia: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2011, p.595.

¹⁶⁸ Idem, 2011, p. 587.

¹⁷⁰ O autor também destaca a concepção de "colônia modelo", criada e acreditada pela maioria dos belgas, e a comunicação apresentada, em 1955, pelo jornalista Louis Dumont-Wilden, que discorreu sobre o êxito da colonização belga no território congolês. M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)**. EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2011, p.582.

¹⁷¹ Segundo definição do glossário do livro *Congo: colonisation e décolonisation*, as elites políticas de independência são pertencentes a essa categoria social. De modo geral, os "évolués" eram considerados a "classe média indígena", formavam um grupo social específico e possuíam bens materiais diferenciados da população em geral, das massas. MUSÉE ROYAL DE L'AFRIQUE CENTRALE. **Congo: colonisation e décolonisation. L'histoire par les documents**. Publicação pedagógica, 2012.

¹⁷² M'BOKOLO, Elikia, op. cit. , p.582.

¹⁷³ DEPELCHIN, Jacques. *Silêncios na História Africana. (mimeo)*

manutenção do controle sobre as suas colônias.¹⁷⁴ As estratégias de dominação foram adaptadas, as negociações, as cooperações e as alianças entre belgas e congoleses tornavam-se cada vez mais frequentes nos espaços políticos, sociais, em apoio ou contrário às estruturas coloniais.

Nesse período, também verifica-se uma intensificação de manifestações anti-coloniais e independentistas no Congo-RDC. Tanto os *indigènes*, congoleses que moravam nas zonas rurais e não possuíam a *carte imatriculé*, como as denominadas elites coloniais, os chamados *évolués*, vivenciaram a colonização pautada no paternalismo, humilhação e racismo no Congo ex-belga. Esses sujeitos sociais de condição ambígua, chamados na África francófona de *évolués*, fundamentaram a sua crítica à dominação colonial, a partir da sua própria experiência, que mesclava ideologias e conhecimentos ocidentais e africanos. Esses líderes africanos eram, a um só tempo, críticos do sistema colonial e frutos desse próprio sistema. A atuação política e social ocorrida no Congo, durante o processo de independência, deveu-se à mobilização de uma nova classe de congoleses, a qual se tornaria a “elite” colonial, em construção no período.

Após o governo de Leopoldo II, a partir dos sistemas coloniais implantados durante a colonização belga, um pequeno grupo autóctone ascendeu economicamente, consolidando-se na década de 50. Contando com significativa participação da população congolesa e influenciada pelos movimentos de libertação das colônias vizinhas, os chamados *évolués* desempenharam papel importante na luta pela independência do Congo Belga. Entretanto, deve-se destacar também a atuação de outros sujeitos da sociedade congolesa, como trabalhadores, religiosos e os chamados “indigenes”.

Appiah faz críticas ao posicionamento nacionalista de líderes africanos, os quais defendiam os pressupostos pan-africanistas, como Nkrumah, que, para ele, teriam omitido a diversidade dos povos africanos, por meio desse discurso.¹⁷⁵ Entretanto, em sua crítica ao pensamento panafricanista, Appiah o desconsidera como projeto e estratégia política, fruto de um período específico de luta pela libertação dos estados africanos, onde eram necessários ideais que fortalecessem o movimento anticolonial na África, como um todo. Desse modo, destaca-se a aproximação dos ideais de Nkrumah e de Lumumba, ambos defensores do pan-africanismo como central para a libertação da África, na totalidade. O posicionamento pan-africanista dos dois líderes pode ser verificado, por meio dos seus diversos discursos e escritos, dentre os quais, o livro de Nkrumah, “Africa Must Unite” e o “Le Congo Terre d’avenir est-il menacé?”, de Lumumba.

Segundo Yacouba Zerbo, em 1955, quando ocorreu a Conferência de Bandung, o continente africano encontrava-se dividido entre dois campos ideológicos e já presenciava a efervescência da luta pela independência.¹⁷⁶ Os líderes africanos da ex-colônia Belga, ainda no desabrochar da conquista pela independência, sofreram a pressão da rivalidade entre os EUA e a URSS. Segundo Muniz Ferreira, a aliança com os EUA teria sido imposta prematuramente, e qualquer tipo de posicionamento a favor da URSS foi totalmente reprimido nas colônias africanas, que almejavam a independência. No caso do Congo ex- Belga, o momento mais dramático foi o do afastamento de Lumumba do poder e seu assassinato.¹⁷⁷ Quanto aos fatores internos, foram acentuadas as tensões entre os poderes locais e os

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ APPIAH, Kwame Antony. **Na casa de meu pai: a África na Filosofia da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, (1997) 2010, p. 227.

¹⁷⁶ ZERBO, Yacouba. **La problématique de l'unité africaine (1958-1963), Guerres mondiales et conflits contemporains**, 2003/4 n° 212, p. 113-127. DOI : 10.3917/gmcc.212.0113), p. 121.

¹⁷⁷ Ferreira, Muniz Gonçalves. **A África Contemporânea: dilemas e possibilidades**. Disponível em : http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/africa_contemporanea.pdf

movimentos regionais separatistas, motivadas pela não divisão dos lucros nas regiões de demasiada extração de minerais.

Dessa forma, diante de seu importante papel dentro do continente, as manifestações anticoloniais e os movimentos de libertação representavam, para a Bélgica, a perda de um valioso território, tanto em termos políticos, como em econômicos. No âmbito internacional, a independência do Congo seria muito bem vista e desejada internacionalmente pois possibilitaria uma livre concorrência das potências ocidentais pelas suas riquezas hídricas e minerais do país africano, no qual, como colônia, predominava a presença de empresas belgas e inglesas.¹⁷⁸

No século XX, o Congo tornou-se uma colônia especial para o mundo ocidental. Detentor das maiores reservas de urânio do mundo, passou a ser uma das maiores zonas de disputas da Guerra Fria para o controle dessa matéria prima. Este contexto específico fez com que as lideranças congoleesas tivessem suas liberdades políticas controladas pelas potências ocidentais ligadas à OTAN.¹⁷⁹ Após a segunda guerra mundial, o Congo apresentava um complexo industrial em crescimento econômico ascendente. A indústria manufatureira, setor que começou a ser investido na colônia nos anos de 1920, passava por uma fase otimista de altos rendimentos e índices de desenvolvimento.¹⁸⁰ Entretanto, grande parte do dinheiro gerado pelas relações comerciais do país e pelo desenvolvimento industrial era enviado para Bélgica e pouco era investido no Congo, acarretando sérios problemas de desemprego no país em 1959. Nesse sentido, durante a sua independência, e o período pós-guerra, o Congo era um “campo de batalha, porque não era só sobre as principais fontes de emprego, mas também continuou a ser o ponto de acesso principal por recursos escassos.”¹⁸¹

Levando em conta os aspectos apresentados, a análise sobre o processo colonial, bem como a violenta intervenção europeia sobre as terras e as sociedades do Congo, percebe-se que este primeiro capítulo, não somente, contextualiza e localiza o leitor sobre o processo colonial. Kimpa Vita e Simon Kimbangu ilustram o decurso da hostilidade europeia aos que se opuseram à exploração e à atuação continuada dos sujeitos que se organizaram e lutaram pela libertação. Este texto possibilita a compreensão das motivações impulsionadoras das manifestações pela libertação do Congo, bem como descortina o violento passado colonial negado e a atuante importância dos congolezes e do Congo na história.

¹⁷⁸ NKURUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: Internacional Publishers, 1970, p.13.

¹⁷⁹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi assinada em 1949 e, atualmente, possui seu quartel-general localizado na Bélgica. Fazem parte da OTAN países como, [Alemanha](#), [Bélgica](#), [Canadá](#), [Croácia](#), [Dinamarca](#), [Espanha](#), os [Estados Unidos](#), [Itália](#), [Luxemburgo](#), [Noruega](#), [Portugal](#), [Reino Unido](#) etc. Consultado em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_do_Tratado_do_Atl%C3%A2ntico_Norte

¹⁸⁰ KINSANGANI, Emizet François. **Civil wars in the Democratic Republic of Congo (1960-2010)**. Boulder, CO and London: Lynne Rienner Publishers, 2012, p. 14.

¹⁸¹ Idem, p.14.

CAPÍTULO II: O processo de independência e as manifestações anticoloniais no Congo-RDC

Independência, "I presume?"

A viagem exploratória pelo rio Congo e o "coração da África", liderada pelo jovem ambicioso Henry Morton Stanley, em 1877, traçou o encontro dos destinos da Bélgica e da atual República Democrática do Congo. A partir dessa façanha, da qual um dos objetivos era a busca de Livingstone, um missionário e famoso explorador britânico, Stanley publicou artigos e livros sobre a África e ficou conhecido pela célebre frase "Livingstone, I presume?", que teria dito ao achar o missionário. Esta frase é rememorada até os dias de hoje para se referir à missão exploratória europeia, como por exemplo, dando nome a uma exposição digital do Arquivo do Estado belga, a qual utiliza-se nesta dissertação. Após essa expedição de travessia pela África, Stanley foi contratado por Leopoldo II para iniciar seu processo colonizador no coração da África. A empreitada do rei belga pelas terras do Congo rendeu à Bélgica uma verdadeira fonte de renda, que proporcionaria a formação do Estado belga. Entretanto, junto à década de 50, uma nova fase de mobilizações e ideais permeou as terras congolêsas, inaugurando, na colônia, o "desabrochar" da luta pela independência.

O processo de libertação do Congo, atualmente, conhecido como República Democrática do Congo, foi caracterizado por uma série de acontecimentos: a atuação dos partidos e associações na deflagração do desejo de libertação; a participação do povo congolês para a intensificação do movimento anticolonial; a importância financeira da Província do Katanga para a Economia belga e os movimentos separatistas, elaborados simultaneamente ao processo de libertação nacional. Dessa maneira, é, por intermédio das manifestações na colônia e do agenciamento dos seus habitantes que se compreende o florescer do sentimento nacional no Congo.

Além disso, esse período de eclosão das lutas pela libertação nacional no Congo foi de grande importância não só para os sujeitos que vivenciaram o regime colonial. Esse movimento, tal como outros movimentos anticoloniais e independentistas no Continente Africano, produziu impactos no contexto internacional que se formava durante a Guerra Fria, bem como nas relações diplomáticas, alianças e disputas entre os países.

Não há um processo colonial que possa ser elencado como mais ou menos desumanizador que outro, todos fizeram uso da violência física e/ou psicológica para a manutenção do seu regime. Entretanto, se deve destacar que o sistema colonial belga foi caracterizado pela prática de fazer reféns para o trabalho forçado, de mutilações e do número de pessoas mortas, decorrente das diversas formas de brutalidades e de exploração. Sobre as execuções e o perfil depredador da colonização belga no Congo, Adam Hirsch aponta que: "No Congo, assim como na Rússia, o assassinato em massa teve um ímpeto próprio. A tentação do poder é imensa e, num certo sentido, não há, poder maior do que o de tirar a vida de alguém."¹⁸²

Ademais, a colonização belga, como observado no capítulo anterior, também foi caracterizada por medidas discriminatórias, como: segregação social, separação de regiões, onde somente era permitida a habitação de brancos e a separação e a hierarquização dos postos de trabalho, reservados aos brancos.¹⁸³ Apesar disso, deve ser destacado que, no

¹⁸² HOSCHILD, Adam. Op.cit, p.243

¹⁸³ "De modo geral, a colonização belga é considerada, de acordo com a documentação disponível, a mais cruel e a mais brutal de todas na África negra. Na prática, mesmo a discriminação racial anglo-saxônica, considerada como a mais feroz, nunca produziu tantas leis discriminatórias, nem adotou medidas de segregação tão rígidas como a tutela belga." MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo RDC**. Casa

contexto colonial, também existiram conexões, relações de troca, espaços de barganha e interação, que possibilitaram a ascensão de grupos, como os *evolués*, a conciliação de interesses e as negociações entre os diversos sujeitos e instituições presentes nesse contexto.¹⁸⁴

Segundo Jean-Claude Willame, não se pode reduzir os conflitos internos do Congo à maquinação política belga.¹⁸⁵ Dentro dessa perspectiva, Frederick Cooper chama atenção para a questão da análise binária dos indivíduos e das interações que existem entre eles. O autor defende o cuidado de utilização de termos e de conceitos que possam reduzir relações complexas de poder existentes no período colonial a binários simplistas que retratam, de um lado, um sujeito repressor dominador e, do outro lado, uma vítima dominada.¹⁸⁶ Assim, tendo em vista a complexidade do assunto e os cuidados necessários, percebe-se a necessidade de uma análise crítica ao sistema colonial, desenvolvido no território congolês para compreender o percurso histórico da formação do Estado Belga, bem como o processo de libertação no Congo.

Diante desse contexto colonial, a preocupação dessa pesquisa consiste em analisar o agenciamento dos congolezes, a organização política e a interação entre os diversos sujeitos, durante o movimento pela independência do Congo. Para além do anticolonialismo, é possível perceber os processos de descolonização, como uma busca pelo fim das brutalidades, os quais possibilitaram a conquista da independência política. Ao mesmo tempo, essa luta aventava repensar questões sobre a justiça social, a valorização dos povos negros e africanos e refletir sobre a reformulação das conjunturas internacionais, no sentido de compreender como as independências de países africanos influenciaram os contextos internacionais. Dentro dessa perspectiva, foram analisados os congolezes como atores sociais que possuíam identidades e pressupostos diferenciados, a partir da sua experiência como colonizados, embora, muitas vezes, suas críticas fossem apoiadas em ideais europeus.

Nesse período de descolonização, alguns atores sociais e eventos destacaram-se, constituindo elementos de referência na luta e na conquista desse processo. Assim, como ocorreu na independência de outros países pelo mundo, nos países africanos estabeleceram-se heróis nacionais e acontecimentos-chave para representar a luta contra a colonização e a subjugação. Dentro dessa perspectiva, líderes africanos, como Lumumba, são tratados de forma heróica dentro do processo de independência do Congo. Essa abordagem é oriunda, em grande parte, da necessidade da construção de identidade e de sentimento nacional de países recém-independentes. Neste trabalho, a fim de não silenciar a memória¹⁸⁷ da atuação de outros sujeitos, busca-se, aqui, analisar o processo de independência, procurando acompanhar as ações de militantes, sindicalistas e líderes políticos, que estiveram envolvidos na busca pelo fim do regime colonial e da subjugação do congolês.

Assim, apesar da indiscutível importância da atuação política de Lumumba para os movimentos de independência no continente africano e no Congo, a sua mobilização, a sua atuação e a sua experiência no processo de libertação devem dialogar com a experiência de

das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

¹⁸⁴ COOPER, Frederick. Conflito e Conexão: Repensando a História Colonial da África. **Revista Anos 90/UFRGS**, v.15, n. 27(2008).

¹⁸⁵ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba. La crise congolaise revisitée**. Les Afriques: collection dirigée par Jean François Bayart. Paris: Éditions Karthala, 1990, p.161.

¹⁸⁶ COOPER, Frederick. **Work, Class na Empire: An African Historian's Retrospective on E. P. Thompson**. Social History, Vol. 20, No. 2 (May, 1995), p. 237.

¹⁸⁷ POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf

outros atores sociais. Considera-se relevante a esquivas desta análise da centralização da memória em torno da sua figura, que, de certa forma, deslocou as questões políticas, centradas na atuação de outros atores sociais e dos denominados *évolués*¹⁸⁸. Com esse objetivo de colocar em cena esses outros atores, procurou-se analisar, neste capítulo, os movimentos anticoloniais e a atuação de alguns partidos no Congo.

A principal fonte utilizada para abordar a atuação dos partidos e as associações nesse processo foi o manifesto da *Alliance des Bakongo (ABAKO)* e outros documentos referentes a essas instituições, retirados da exposição de acervo digital, intitulada "*Archives, I presume? / Trace d'un passé coloniale aux Archives de l'État*" (Arquivos, eu presumo? Vestígios de um passado colonial nos Arquivos do Estado)¹⁸⁹, pertencentes ao Archives de l'État. Estes documentos fazem parte de uma exposição digital sobre a atuação colonial belga, na qual podem ser encontrados documentos sobre o Congo, Ruanda e Burundi, tais como cartas, manifestos, fotos, mapas, entre outros documentos que .

Segundo os organizadores do arquivo, o projeto teve o objetivo de facilitar o acesso a alguns documentos de pesquisadores e de interessados no assunto, a fim de demonstrar os impactos da colonização nas sociedades autóctones . Afinal, muitos documentos sobre a colonização belga encontram-se dispersos pela Bélgica e em outros países. A exposição é composta por documentos sobre a atuação colonial belga no Congo-RDC, Ruanda e Burundi, tais como cartas, manifestos, fotos, mapas, entre outros documentos que servem de interessantes fontes para os pesquisadores e os interessados no tema, os quais fazem parte do projeto desenvolvido pelo Archive de l'État¹⁹⁰ e o Musée royal de l'Afrique central (MRAC) para a elaboração do *Guide des archives relatives à l'histoire coloniale de la République Démocratique du Congo (RDC) et l'histoire mandataire du Rwanda et du Burundi, XIXe-XXe siècle*, cuja publicação impressa estava prevista para o ano de 2012.¹⁹¹

"Povo congolês, levanta-te"!!!¹⁹²

Em julho de 1956, em Leopoldville, foi publicado o *Manifesto da Conscience Africaine*¹⁹³, evidenciando a eclosão da "evolução" política e da organização do movimento

¹⁸⁸ Explicando de forma simplificada, sem pretensões de conseguir elucidar a complexidade que o termo carrega em sua definição, podemos dizer que o congolês considerado um "évolué" era aquele que dominava a fala e a escrita da língua do colonizador, que adotava comportamentos, costumes e cultura ocidental e possuía a carta de matrícula, que comprovava essas atribuições citadas e o habilitava a ser empregado em cargos de trabalho mais elevados que os ocupados pelos demais congolezes.

¹⁸⁹ O Arquivo do Estado Belga possui vasto acervo documental. Com mais de mais de 200 quilômetros e 25 quilômetros de livros de arquivo, apenas uma pequena amostra está disponibilizada na exposição digital, com a qual estamos trabalhando, "*Archives, I presume ? / Trace d'un passé coloniale aux Archives de l'État*". Foi organizada em duas grandes temáticas: "125 anniversaire du Traité de Berlin" e "75 ans de présence belge en Afrique centrale". Ambas divididas em outras duas subáreas, a primeira em: *O motivo do lucro* (Le motif lucratif) e *O motivo do fracasso do lucro* (L'échec du motif lucratif) e a segunda em: *A colônia modelo* (La colonie modèle) e *o fracasso da colônia modelo* (L'échec de la colonie modèle). Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=4&l=fr>

¹⁹⁰ O Arquivo do estado Belga é uma instituição científica federal, cujo principal objetivo é conservar documentos produzidos ou gerenciados pelo governo, tais como: registros feitos pelos tribunais, governos, notários entre outros. Consultar: <http://www.expocongo.be/content.php?m=4&l=fr>

¹⁹¹ *Guide des archives relatives à l'histoire coloniale de la République démocratique du Congo (RDC) et l'histoire mandataire du Rwanda et du Burundi, XIXe - XXe siècles*. Ver: <http://www.expocongo.be/content.php?m=3&l=fr>;

¹⁹² A expressão "Peuple Congoalis, debout!!!", com os três pontos de exclamação mesmo, demonstra a convocação do povo congolês no movimento pela libertação do Congo. Refere-se ao chamado da revista número 3 da *Conscience Africaine*, de novembro-dezembro de 1956. Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p. 237. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

anticolonial no Congo. O *Conscience Africaine*, liderado pelo vicário Jopesh Malula, era um grupo católico de estudo, discussão e reflexão sobre questões políticas e sociais, cujos integrantes eram: Joseph Ileo, Albert Nkuli, Dominique Zangabie, Antoine Ngwenza, Victor Njoli, Joseph Ngalula.¹⁹⁴ Fundado em 1951, o grupo, além de reuniões e conferências, também publicava um jornal bimestral, chamado de *Conscience Africaine*, com suas reflexões sobre as questões políticas e sociais no Congo.¹⁹⁵

Segundo Ndaywel, o manifesto foi publicado na edição especial do dia 30 de junho de 1956, com uma tiragem de dez mil exemplares que foram distribuídos por redes de missionários de todo o Congo. Tal documento era direcionado a "colonos de boa fé" e aos congolezes e foi assinado por trinta e sete vigários episcopais, após realização de cinco plenárias¹⁹⁶. O manifesto pode ser destacado por impulsionar o processo interno de luta pela libertação no Congo, pois, a partir dele verifica-se a eclosão de movimentos, partidos, associações que manifestariam críticas ao sistema colonial. De acordo com o *Bulletin de Séances*¹⁹⁷, de 1957, publicado pela Academie Royale des Sciences Coloniales, o manifesto pode ser considerado como a "exteriorização mais marcante da evolução política e reação ao Plano publicado por Van Bilsen."¹⁹⁸ Abaixo, é possível observar um trecho de nota publicada pela *Conscience Africaine* sobre seu manifesto,

Le Manifeste contient uniquement nos idées — lisons-nous dans *Conscience Africaine* de septembre-octobre 1956 — telles que nous les avons mises au point en équipe après de longues discussions. Ces idées expriment les aspirations et les sentiments les plus profonds des Congolais.

L'enthousiasme unanime que le Manifeste a suscité partout au Congo, prouve que nous avons dit tout haut ce que les Congolais pensent tout bas. Nous n'hésitons pas à affirmer qu'aucun Européen n'aurait été capable de rédiger ce manifeste à notre place (1). Il faut être Congolais pour connaître le fond des idées et des sentiments des Congolais. Il faut être Congolais pour les exprimer avec précision», (*Conscience Africaine* n° 2, septembre-octobre 1956, page 2).¹⁹⁹

¹⁹³ O grupo de reflexão *Conscience Africaine*, chamado por Ndaywel à Nziem como "cercle culturel", foi fundado em 1951. Além de reuniões e conferências, o grupo também publicava as suas reflexões sobre as questões políticas e sociais no Congo.

¹⁹⁴ NDAYWEL à NZIEM, Isidore. **Histoire générale du Congo: de l'héritage ancien à la République Démocratique**. Bruxelles: CGRI/Duculot-Afrique Éditions/Agence de la Francophonie, 1998, p. 514.

¹⁹⁵ Idem, 1998, p. 514

¹⁹⁶ NDAYWEL à NZIEM, Isidore. **Histoire du Congo, Des origines à nos jours**. Le CRI/Afrique Éditions, 2009, p. 168

¹⁹⁷ A publicação de "Bulletin de Seances III-1957-2", foi realizada com base na reunião de 27 de Janeiro de 1957 por comissão presidida pelo "Monde missionnaire et religieux" Mgr. Natal De Cleene, o diretor e outros participantes que, assim como Jean Stengers, Van Derlinden, professor e historiador e Jean Jadot do Setor de Negócios, organizada pela Classe das Ciências Morais e Políticas, da Academia Real de Ciências Coloniais, atualmente conhecida como Academia Real de Ciências do Além Mar. A fonte traz reflexões em torno da evolução política no Congo, a partir dos redatores e integrantes da Academia que consideram importante a reflexão sobre a "evolução" política congoleza que teria se iniciado a partir da atuação de Leopoldo II.

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniale. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

¹⁹⁸ Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p.229. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

¹⁹⁹ Tradução livre da autora: "O Manifesto contém apenas as nossas ideias - lemos na Consciência Africana setembro-outubro 1956 - como temos desenvolvido, como uma equipe, depois de longas discussões. Essas ideias expressam as aspirações e sentimentos mais profundos do Congolezes.

O manifesto da *Conscience Africaine*, cujo objetivo era declarar o anseio pela independência nacional, foi o primeiro documento de manifestação pública no Congo sobre o intuito de libertação imediata da colônia, tendo grande importância para o contexto interno de luta anticolonial. Nesse sentido, a partir de 1956, ocorreu o estabelecimento do movimento interno de busca pela libertação do Congo Belga. O documento expressava a sua originalidade congoleza, reforçando que as suas ideias e suas reivindicações eram o resultado do sentimento e da experiência daqueles que viviam o regime colonial e, assim, representavam o povo congolês.

“A ABAKO quer e busca o reconhecimento e a proclamação da independência do Congo”²⁰⁰

A Aliança dos Bakongo no Congo-RDC ²⁰¹, mais conhecida como ABAKO, foi fundada em 1950, como uma associação, cujo objetivo era defender e resguardar a língua e os interesses dos que pertenciam à etnia Kongo e da expansão do língala, língua utilizada pelos colonizadores belgas e pela Force Publique ²⁰². Os povos Kongo, uma das diversas etnias presentes no Congo, faziam parte de um grande e diversificado grupo étnico constituído de vários subgrupos, como os Vili, os Woyo, os Solongo, os Bembe, os Sundi, os Yombe, entre outros.²⁰³ Dessa forma, a proposta da Aliança dos Bakongo era direcionada a um grande público dessa etnia, cujos interesses e ideologias eram bem diversos. Ademais, os trabalhos de Jean Loup Amselle e de M'Bokolo também chamaram a atenção para o cuidado que se deve ter ao utilizar o vocábulo etnia. Ao longo dos processos coloniais, os administradores coloniais inventaram e faziam manipulações políticas desses grupos étnicos, segundo os seus interesses.²⁰⁴

Segundo M'Bokolo, a ABAKO ganhou direcionamento político somente em 1954, quando Joseph Kasa-Vubu assumiu o cargo de liderança e acentuou a politização da associação, por meio da difusão da associação entre os Kongos da capital e da sua inserção nos meios rurais.²⁰⁵ É mister salientar que a sua formação deve ser observada como uma

O entusiasmo unânime que o Manifesto tem gerado no Congo, prova que nós dissemos em voz alta o que os Congolezes estão pensando. Não hesito em dizer que nenhum europeu seria capaz de escrever este manifesto em nosso lugar (1). É preciso ser congolês para conhecer a fundo as idéias e sentimentos dos congolezes. É preciso ser congolês para expressá-los com precisão."

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p.229-230. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

²⁰⁰ Frase retirada do manifesto pela independência, produzido pela Aliança dos Bakongo (ABAKO): "L'ABAKO veut et demande la reconnaissance et la proclamation de l'indépendance du Congo". Manifeste de l'Abako pour l'indépendance, s.d. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19 Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>

²⁰¹ Também existiu Aliança dos Bakongo em Angola, entretanto nossa análise focará na ABAKO do Congo Belga.

²⁰² M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II**, 2ªed. Edições Colibri., p. 528-529.

²⁰³ OBENGA, Théophile. **Le Zaïre: Civilisations traditionnelles et Culture moderne (Archives Culturelles d'Afrique Centrale)**. Paris: Présence Africaine, 1977, p. 44.

²⁰⁴ AMSELLE, Jean Loup e M'BOKOLO, Elikia. **Au Coeur de l'ethnie: ethnologie, tribalisme et Etat en Afrique**. Paris: La Découverte/Poche, 2005.

²⁰⁵ M'BOKOLO, Elikia. **África Negra. História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II**, 2ªed. Edições Colibri., p. 529.

congregação que visava, naquele momento, reequilibrar as forças políticas dos autóctones e, assim, reduzir os privilégios, outorgados pelos colonizadores, aos falantes da língua Lingala.²⁰⁶

Antes de se analisar o manifesto elaborado pelo ABAKO, é considerado, importante situar brevemente o contexto no qual os partidos políticos estabeleceram-se no Congo. Os partidos políticos desempenharam papel importante nos movimentos pela libertação e na difusão do nacionalismo no Congo, segundo M'Bokolo, apesar da existência anterior de alguns partidos, o estabelecimento e o surgimento de grande parte dos partidos, associações ou afins nas colônias da chamada África Francesa e Britânica deu-se no período da Segunda Guerra Mundial (1939-45).²⁰⁷ Entretanto, a formação dos partidos faz parte de longos processos que se diferenciaram de acordo com o contexto local e temporal em que foram fundados e dos sujeitos que o integravam.²⁰⁸

Entre os eventos que tiveram grande importância na expansão do sentimento anticolonial estão a libertação da formação de partidos e a realização da primeira consulta eleitoral, realizada em Léopoldville, Elisabethville e Jadotville em 1957, a Exposição Universal de Bruxelas, a Conferência dos Povos Africanos em Acra e a visita do General De Gaulle, em 1958.²⁰⁹ Para Isidore, "a partir da febre eleitoral, os anos de 1958 e 1959 constituíram-se em um período decisivo para a aceleração do processo de estabelecimento da consciência nacionalista."²¹⁰ Dentro dessa perspectiva, destaca-se que, a partir de 1956, os movimentos anticoloniais ganharam maiores proporções, devido ao surgimento de partidos e de um crescimento da adesão de jovens às associações e manifestações anticoloniais. Somado a isto, as conquistas provenientes dessa mobilização também intensificaram esse processo.

Na intensidade e na rapidez da evolução do processo de independência no Congo, surgiu uma grande quantidade de partidos, com variadas demandas políticas e sociais. É possível dividir esses partidos em quatro grupos: 1) os partidos de "criação circunstancial", formados por integrantes de associações já existentes (MNC e PNP), 2) o grupo dos que surgiram, a partir de uma base federalista étnica ou regional (ABAKO, Balubakat, CONAKAT), 3) partidos, cuja proposta era pan-africana, intercomunitária (CEREA) e 4) o grupo de partidos formados com o objetivo de promover o meio rural, que repudiavam o imperialismo urbano (PNP).²¹¹

A fim de sistematizar o perfil dos principais partidos, elaborou-se um quadro, a partir de informações contidas no "Dossiê sobre a Conferência belgo-congolesa *Table Ronde*"²¹², publicado em 1960 pelo Centro de Pesquisa e de Informação Sociopolítica (CRISP)²¹³. Organizou-se o quadro, visando a que o leitor pudesse visualizar, de forma simplificada, os principais partidos que participaram do processo de independência no Congo. Observando o quadro, podem-se, também, superficialmente, separar os partidos entre unitaristas e federalistas. A maior parte desses partidos foi criada nos anos de 1958-59, período em que

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias)**. Tomo II, 2ª ed. Edições Colibri, 2009 p. 523

²⁰⁸ Idem, 2009, p. 523.

²⁰⁹ NDAYWEL è NZIEM, Isidore. **Histoire du Congo (Des origines à nos jours)**. Belgique/Kinshasa:Le Cri/Afrique Éditions, 2009, p. 175.

²¹⁰ Idem, 2009, p. 171.

²¹¹ Idem, 2009, p. 175- 176.

²¹² A Table Ronde de Bruxelas foi uma conferência organizada entre representantes belgas e líderes congolezes para que fosse estabelecida uma data de oficialização da independência do Congo.

²¹³ J. Gerard-Libois & Benoit VERHAEGEN. Congo 1960. TOME I. **La Table Ronde, pour connaître, pour comprendre tout. Le Dossier du CRISP** (Centre de recherche et d'Informations socio-politiques), p. 17 - 18. Disponível em: <https://sites.google.com/site/lumumbaproject/la-table-ronde-belgo-congolaise> (26/03/15)

houve uma efervescência de manifestações anticoloniais e a independência já se estabelecia como imediata.

Tabela 2.1 – Lista dos Partidos do Congo-RDC que participaram da Conferência da Table Ronde

Partidos	Sigla	Data De Fundação/Local	Presidente	Informações Gerais
Aliances des Bakongo	ABAKO	1956	M. Joseph Kasa-Vubu	Federalista. Ganhou 133 dos 170 assentos nas eleições municipais de Dezembro de 1957, em Léopoldville. A ABAKO ganhou conotação partidária em 1956, mas foi criada como associação cultural em 1950.
Moviment National du Congo	MNC	10 de Outubro de 1958, Leopoldville	Patrice Lumumba	Defensor da unidade congoleza e contrário às tendências de balcanização. Foi dividida em julho de 1959 entre a tendência unitarista de Lumumba (Província Oriental) e a tendência federalista de Kalonji-Ileo-Ngalula-Adoula (Balubadu Kasai).
Parti Solidaire Africain	PSA	Abril de 1959, Leopoldville	A. Gizenga	Federalista. Juntou-se à Abako e o MNC/ Kalonji nas eleições de dezembro de 1959.
Parti National du Progrés	PNP	11 de Novembro de 1959, Coquilhatville	M. Paul Bolya	"Moderado". Cartel de Partidos locais. Considerado como partido que apoiava os interesses da administração belga
Confédération d'associations tribales du Katanga	CONAKAT	11 de Julho de 1959, Katanga	Moise Tshombe	Federalista / "autonomista Katanguês"
CARTEL Balubakat-Fedeka	—	—	Jason Sendwe	Unitarista por oposição ao CONAKAT . O partido possuía base étnica que representava o grupo dos Balubado Katanga, dos "Kasaiens" (vindos do Kasai) e emigrantes do Katanga.
Centre de Regroupement Africaine	CEREA	23 de Outubro de 1958, Bukavu	Anicete Kashamura e M. Bisukiro	Unitarista. Faziam oposição os grupos de colonos do Kivu.
Union Congolaise	U.C.	Dezembro de 1957, Elizabethville	G. Kitenge	Considerado um partido "intertribal"
Parti du Peuple	P.P.	—	A. Nguvulu	Federalista. Membro do cartel Abako-MNC/Kalonji-PSA
Aliance Rurale du Kivu	—	—	—	Partido moderado do Kivu
Union Mongo	UNIMO	1960, Bruxelas	Justin-Marie Bomboko	Tinha por objetivo reagrupar os Mongos do Equador
Association des Ressortissants du Haut-Congo	Assoreco	—	Jean Bolikango	Aliança dos Bangala. Tornou-se depois o partido PUNA (Parti de l'Unite Nationale)

Fonte: J. Gerard-Libois & Benoit VERHAEGEN. Congo 1960. TOME I. **La Table Ronde, pour connaître, pour comprendre tout. Le Dossier du CRISP** (Centre de recherche et d'Information socio-politiques).

É possível notar nesse quadro a pluralidade de partidos e a sua composição, embasada nas regiões a que pertencem. Estes, não, necessariamente, formaram-se e

separaram-se pelo posicionamento político, mas, sim, pelas regiões ou povos étnicos que representavam.

O *Manifeste de l'Abako* é um dos documentos pertencentes ao Arquivo do Estado belga, com os quais se está trabalhando neste capítulo. A partir da sua análise, verifica-se a atuação de um grupo de congolezes, que reivindicavam privilégios para a sua etnia e sentiam-se à margem da sociedade colonial. Para, além disso, ambos os manifestos possibilitam perceber a rapidez com que se organizou e exigiu do movimento pela independência e a diversidade de posicionamentos que a compunha. Assim, o manifesto da *Conscience Africaine* defendia o movimento nacional congolês.

O partido ABAKO, entretanto, apresentava a proposta de um processo de independência que garantisse os interesses direcionados aos Kongos.

Nesse sentido, é fato observar que o manifesto, publicado em 1956, marcou a transição para a atividade político-partidária da ABAKO e teria sido uma resposta ao *Manifesto da Conscience Africaine*, publicado no mesmo ano. Percebe-se, que, de um modo geral, ambos defendiam o fim do regime colonial, a africanização dos quadros administrativos, o repúdio à comunidade Belgo Congolês e o fim da discriminação racial. No entanto, a ABAKO repudiava a questão unitária e sustentava o posicionamento a favor do multipartidarismo e do estabelecimento de um governo federalista.²¹⁴

Apesar de concordar com M'Bokolo sobre a importância do manifesto do ABAKO, como documento que representava a expressão da mobilização política no Congo, se deve destacar que, anteriormente a esse manifesto, o Congo já havia sido palco de outras manifestações políticas e sociais, críticas das condições do regime colonial, tão importantes quanto o manifesto da ABAKO, como o manifesto da *Conscience Africaine* já citado, ou mesmo, outros tipos de manifestações sociais. Por meio da historiografia, é possível observar que, ao longo do processo colonial belga na África Central, os colonizadores enfrentaram diversas formas de resistência, armadas ou passivas, por parte de homens e de mulheres, individual e/ou coletivamente, até as independências. Considera-se que estes movimentos de lutas contra as diversas formas de humilhação e de trabalho forçado, também eram tidos como atos políticos.

Voltando ao documento da ABAKO; no texto, a associação posicionou-se claramente de forma contrária à colonização, retratando a atuação de um grupo de congolezes e o movimento interno do Congo pela independência - colônia considerada pacífica e modelo de ordem, dos quais os belgas orgulhavam-se. No manifesto, o partido Aliança dos Bakongo expressava seu posicionamento anticolonial e a necessidade de efetivar a independência imediata, resguardando os interesses dos povos Kongos. Como se pode observar no trecho do manifesto abaixo, intitulado "L'ABAKO demande l'Indépendance"²¹⁵:

Au moment où la Belgique, fidèle à ses engagements internationaux vis-à-vis du peuple congolais, est décidée à appliquer, au Congo, la déclaration universelle des

²¹⁴ NDAYWEL À NZIEM, Isidore. **Histoire du Congo (Des origines a nous jour)**. Bruxelles/Kinshasa (RDC): LE CRI/AFRICAN EDITIONS, 2009, p.168.

²¹⁵ Tradução livre da autora do trecho retirado da fonte: "No momento em que a Bélgica, fiel aos seus compromissos internacionais diante do povo congolês, decidiu aplicar ao Congo a Declaração Universal dos home humano, tal como definido pela Carta das Nações Unidas, especialmente no seu artigo 73.- Desde que a Bélgica não conteste a sua assinatura da Carta de São Francisco, mas em vez disso ela se prepara para esclarecer seus pensamentos sobre o futuro do Congo, uma vez que a Bélgica está entre os povos livres que proclamaram o seu apoio aos princípios da determinação dos povos, a ABAKO também fiel à sua missão de servir os interesses do Congo e a Bélgica, confirma ao Governo belga, de maneira definitiva e precisa que a posição adotada, que sempre manifestou sobre o futuro do Congo." Para consultar a fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande la Independence. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>

droits de l'home, telle que definie par la Charte des Nations-Unies, specialement en son article 73.-

Etant donné que la Belgique ne renie pas sa signature à la Charte de San Francisco, mais qu'au contraire, elle se prépare à préciser sa pensée en ce qui concerne l'avenir du Congo, attendu que la Belgique compte parmi les peuples libres qui ont proclamé leur indefectable attachement aux principes de la détermination des peuples, l'ABAKO, fidèle également à sa mission de servir les intérêts du Congo et de la Belgique, confirme au Gouvernement Belge, d'une manière définitive et precise la position qu'elle a adoptée et qu'elle a toujours exprimé en ce qui concerne l'avenir du Congo.- (ABAKO, Manifeste de l'Abako pour l'indépendance, 1956)

A Aliança dos Bakongo justificava o seu manifesto, ancorado no artigo 73 da “Carta das Nações Unidas”,²¹⁶ no qual são valorizados os interesses dos habitantes das terras que se encontravam sob a dominação de outros países e o desenvolvimento destes. Este artigo específico, sobre territórios que não possuíam governo próprio e as obrigações dos países que os administram, foi considerado pelo *Instituto Real Colonial Belga*²¹⁷, como “principal elemento jurídico da ação anticolonialista das Nações Unidas”, já que pontua uma série de deveres humanitários para com os povos e os territórios dominados.²¹⁸

Ao se ter em vista a utilização da Carta das Nações Unidas para legitimar a sua exigência pela independência às autoridades belgas, verifica-se o engajamento internacional do partido, além de expressar o desejo e o agenciamento dos congolezes na luta para que o Congo fosse governado pelos próprios congolezes. Outro ponto a ser destacado do trecho acima é o compromisso com que a ABAKO coloca-se fiel em resguardar os interesses do Congo e também da Bélgica. Este posicionamento faz inferir que a ABAKO estaria disposta a estabelecer uma independência não independente dos interesses e da intervenção belga no território congolês.

No manifesto, a ABAKO evidencia “a independência total do território congolês como a única solução pacífica e capaz de harmonizar e de estabilizar as relações entre o Congo e a Bélgica”, e de cessar a onda de revoltas e a inquietação da colônia.²¹⁹

²¹⁶ O artigo 73 da Carta das Nações Unidas relata que: “Os Membros das Nações Unidas, que assumiram ou assumam responsabilidades pela administração de territórios cujos povos não tenham atingido a plena capacidade de se governarem a si mesmos, reconhecem o princípio de que os interesses dos habitantes desses territórios são da mais alta importância, e aceitam, como missão sagrada, a obrigação de promover no mais alto grau, dentro do sistema de paz e segurança internacionais estabelecido na presente Carta, o bem-estar dos habitantes desses territórios...” Ver: Charte des Nations-Unies, p. 19. Disponível em: http://www.unesco.org/education/information/nfsunesco/pdf/CHART_F.PDF

²¹⁷ O Instituto Real Colonial belga foi fundado em 1928 pelo Ministro Henri Jaspar e tinha o seu trabalho voltado apenas para o Congo belga. Atualmente, o instituto foi renomeado em 1954 de Academia Real de Ciências Coloniais, " Academie Royale des Sciences Coloniales", e a partir de 1959 até os dias de hoje o instituto é chamado de Academia Real de Ciências do Além Mar, " Academie Royale des Sciences d'Outre Mer". A Academia Real de Ciências do Além Mar organiza uma ampla gama de atividades que abrangem temas de interesse para territórios ultramarinos ou sobre assuntos mais globais (como a água, a desertificação, o aquecimento global, etc.), que em grande parte são disponibilizados em formato digital para difusão dessas atividades. Um exemplo é a " Commission de la Biographie belge d'Outre-Mer" que tem a tarefa de publicar uma coleção de nota biográfica de belgas e pessoas de outras nacionalidades que trabalhou ou têm contribuído para a reputação da Bélgica. Outra comissão é a "Comité Fontes HistoriaeAfricanae" dedicada à publicação de obras de natureza histórica da África. Disponível em: <http://www.kaowarsom.be/>

²¹⁸ LOUWERS, M. O. L'article 73 de la Charte et l'anticolonialisme de l'Organisation des Nations Unies. Mémoires. — Collection in - 8. Tome XXIX, fasc. 2. SECTION DES SCIENCES MORALES ET POLITIQUES. Bruxelles: Institut Royal Colonial Belge, 1952. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/online_memoirs

²¹⁹ AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande l'indépendance. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>

Por elle, l'Indépendance totale du Territoire congolais est La seule solutions pacifique et capable d'harmoniser et de stabiliser les relations qui pourraient exister entre le Congo et la Belgique.-

Elle est, en outre, persuadée que toute autre solution donné pour résoudre ce problème ne fera que perpétuer l'état d'inquiétude permanent qui affecte, depuis de longues années, ce pays inquiétude provoqué par une politique coloniale dépassé et qui compromet gravement les intérêts de la Belgique.-

Le peuple congolais est, en effet résolument décidé à presider lui-même à ses destinées. C'est dans cette atmosphère de liberté qu'il porra, de l'egal à egal, ouvrir un dialogue valable avec la Belgique par ses leaders.²²⁰

O partido da ABAKO e seus integrantes passaram a ser vistos e tratados pela administração belga como políticos mais flexíveis às propostas do governo belga, confiáveis para manter um diálogo e, sobretudo, candidatos apropriados para gerir o primeiro governo congolês. Nesse sentido, o trecho do documento retrata a proposta da ABAKO de independência, pautada em uma cooperação entre o governo belga, que estaria concedendo a independência, e o partido que governaria o Congo independente, para a formação de uma espécie de aliança entre as partes. Verifica-se também, a partir do trecho abaixo, que a ABAKO mostrava-se disponível a desenvolver parcerias com o governo belga (de igual para igual) para que os interesses dos Kongos fossem resguardados. Desde a sua fundação e como seu próprio nome já diz, a ABAKO voltava as suas preocupações ao grupo dos Kongos, como bem destaca M'Bokolo, a ABAKO tinha como um dos principais objetivos:

defender e promover os interesses dos kongos (ou bakongos), os da província do Baixo Congo e, mais ainda, os que viviam em Léopoldville e que, nomeadamente no plano profissional, se sentiam em posição de inferioridade em relação a 'gente do Alto' (Alto Congo), comumente designados pelo etnónimo colonial de bangalas. O grupo referia-se incessantemente ao antigo reino como a uma idade de ouro, e procurava restaurar a unidade dos Kongos e o seu esplendor cultural e social.²²¹

Dessa forma, a ABAKO consistia em um partido, cujas demandas e posicionamentos políticos eram construídos a partir do interesse dos povos Bakongo. Sua atuação tendia a ser direcionada a um grupo específico do Congo, contrariamente às inclinações nacionais e unitaristas.

Diante das demandas dos Manifestos da *Conscience Africaine* e da ABAKO, em 1956, um decreto foi estabelecido para que fossem realizadas eleições urbanas, a serem fiscalizadas e organizadas pelos colonos. Para Isidore, esse foi o exercício para se alcançar o sufrágio universal direto, em que homens a partir dos vinte e cinco anos pudessem votar, excluindo mulheres, militares, policiais, comandantes e deficientes mentais.²²² Nesse sentido,

²²⁰Tradução livre da autora do trecho retirado da fonte:"Para ela [a Associação], a Independência Total de território congolês é a única das soluções pacíficas capaz de harmonizar e estabilizar as relações que possam existir entre Congo e Belgique.-

Ela está, além disso, convencida de que qualquer solução dada para resolver esse problema só irá perpetuar a condição de inquietude permanente que afeta o país, depois de longos anos de inquietação provocada por uma política colonial desatualizada e que compromete gravemente os interesses da Bélgica.

O povo congolês está, de fato, resolutamente decidido de presidir, ele mesmo, o seu destino. É nesse clima de liberdade que ele, de igual para igual, abre um diálogo significativo com a Bélgica." Para consulta da fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande la Independance. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>

²²¹M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011 p. 529.

²²²NDAYWEL À NZIEM, Isidore. **Histoire du Congo (Des origines anousjour)**. Bruxelles/ Kinshasa(RDC): LE CRI/ AFRICAN EDITIONS, 2009, p.169-170.

diante do manifesto da *Conscience Africaine* e do contra-manifesto da ABAKO, o movimento inicial em busca pela independência surgiu em torno de uma clara proposta nacional, na qual prevalecia a união dos diferentes povos e províncias que constituíam o Congo. Após o posicionamento dos integrantes da *Conscience Africaine*, movimentos de caráter étnico e regional manifestaram-se, a fim de resguardar interesses direcionados a grupos específicos da sociedade. Assim, é possível inferir que o processo de independência do Congo iniciou-se com um movimento nacional, a partir do qual estabeleceram-se manifestações separatistas bem diversificadas em termos de ideologias políticas e sociais, mas que tinham como ponto comum o sentimento anticolonial.

A crise econômica no Congo e o engajamento dos jovens congolezes nos movimentos anticoloniais

Além do clima de instabilidade política e das tensões provocadas por manifestações e greves, o Congo também passava por difícil período econômico. A partir de 1957, uma grave crise econômica, gerada pela queda das cotações mundiais de metais sem ferro, utilizados por indústrias de vários segmentos, afetou diversas regiões do Congo cujo setor mineral era parte importante da economia.²²³ O desemprego, sobretudo em Kowelzi, Elizabethville, Jadotville, entre outras regiões, agravava a situação social naquele momento. De acordo com M'Bokolo:

Em Elisabethville, o número de africanos empregados diminuiu de cerca de 45.900 em 1956 para 37.650 em 1959 [Bustin, 1975, p.182]: a percentagem de desempregados, que, antes da crise, se mantinha nos 4,8% aumentou para 13,6% dos activos, segundo os dados oficiais, e para 20% segundo outros cálculos [Benoît, 1961, p.54]²²⁴

A partir do trecho, verifica-se, em termos numéricos e percentuais, o significativo aumento de desemprego nos anos anteriores à oficialização da independência. Diante desses dados, também se observa o quanto os setores industriais, sobretudo, o setor da mineração, estavam direcionados ao mercado internacional. A extração de minérios, como cobalto, ouro, cobre, cassiterita, urânio, estanho, entre outros, era tão importante para o mercado internacional quanto a economia colonial belga era dependente dele. No que diz respeito aos reflexos da crise mundial no mundo do trabalho da colônia, se podem fazer duas perguntas para reflexão: em primeiro lugar, será que esses reflexos econômicos e sociais do pós-guerra não seriam um dado positivo para os movimentos independentistas? As primeiras vítimas do desemprego eram exclusivamente os trabalhadores congolezes que recebiam os piores salários e desempenhavam as mais insalubres funções. Por conseguinte, esse contexto não seria um elemento aglutinador em torno do qual os desempregados canalizariam as suas reivindicações e críticas ao sistema colonial? Nesse sentido, possivelmente, a crise pós-guerra reverberaria negativamente de forma mais intensa na Bélgica que no Congo, na medida em que a economia da primeira estava fortemente atrelada às riquezas extraídas da colônia. Qualquer movimento de paralisação na colônia afetava duramente a vida econômica e política belga internamente e a sua imagem no contexto internacional.

A energia com que o movimento pela independência desenvolvia-se, era observada cotidianamente, por intermédio das manifestações, das greves, dos motins que ocorriam na colônia e, muitas vezes retratada, por meio de cartas trocadas entre os funcionários da

²²³ M'BOKOLO, Elikia. *O "separatismo catanguês"*. In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.) **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 201.

²²⁴ Idem, 2014, p. 201.

administração colonial. Esta pesquisa utilizou algumas cartas trocadas entre autoridades coloniais para analisar a efervescência política e social na colônia com a finalidade de investigar a atuação dos diversos sujeitos envolvidos nesse processo do movimento pela independência.²²⁵ Duas cartas endereçadas a um certo "Paul"²²⁶, no ano de 1959, destacam a intensidade das manifestações dos congolese pelo fim do regime colonial. A primeira carta, de 20 de julho de 1959, corrobora a vulnerabilidade do regime colonial, diante das diversas demonstrações de insatisfação e a insegurança por parte da administração colonial, evidenciando que:

Il reste difficile de se faire une opinion exacte sur l'état des esprits. Il ya incontestablement une détente, aussi bien chez les européens que chez le noirs (sauf chez les bakongo) - mais dans quelle mesure est-elle stable? Elle me parait cependant suffisante pour que tu puisses envisager d'entreprendre prochainement un voyage avec la certitude que ton passage contribuera à renforcer le moral des habitants de ce pays et à concentrer leurs efforts sur les problèmes économiques. Ces problèmes commencent à serieusement préoccuper beaucoup d'africaines et dans certaines régions, comme le Mayumbe, semblent même être à l'origine d'une certaine méfiance à l'égard des menées des politicien.²²⁷

No trecho acima, é percebido o clima de instabilidade das relações entre europeus e congolese. Todavia, o grupo dos Bakongo é colocado como exceção nesse clima de inquietação na colônia, devido à postura do partido sobre possíveis negociações e diálogos sobre os interesses do governo belga, como já foi evidenciado na análise do manifesto da ABAKO.²²⁸ Isto é, a administração belga não considerava a ABAKO, como uma ameaça aos privilégios do governo belga na colônia. Além disso, "Paul" é retratado como alguém que poderia fortalecer a moral dos europeus, habitantes do Congo e ajudar nos problemas sociais econômicos, o enfrentados pelo regime colonial. A agitação política, que envolvia a colônia, era tratada como problemas sérios, perturbadores da ordem colonial. Segundo a carta, essas contrariedades também afligiram alguns africanos e causavam certa desconfiança sobre as estratégias políticas originárias da região do Mayumbe (Mayombe), na atual Angola, onde ocorria intenso movimento anticolonial.²²⁹

²²⁵ Documentos do acervo *Archives Jean Jadot*, que pertencem a exposição digital realizada pelo Arquivo do Estado belga/Archive de l'Etat, já apresentados no início deste capítulo. Disponível em: <http://expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>

²²⁶ Nessa carta, o remetente não está explicitado. Sabemos apenas o primeiro nome do destinatário, chamado de "Paul". Infelizmente não conseguimos identificar quem era "Paul", pois a ausência de seu exato sobrenome dificultou a realização de uma busca mais precisa. Sabemos apenas que a esposa se chama Madeleine, pois seu nome é mencionado em uma das cartas. Apesar disso, tendo em vista que a carta analisada pertence ao acervo particular de Jean Jadot, acreditamos que "Paul" era um dos correspondentes (autoridade militar ou civil que trabalhava para o governo belga) com quem Jules Cousinou Jean jadot trocava cartas sobre a situação do Congo.

²²⁷ Tradução livre da autora: "É difícil ter uma opinião precisa sobre a situação. Há, sem dúvida, um relaxamento, entre europeus e 'pretos' (exceto entre os Bakongo) - mas até que ponto essa situação é estável? Continua a ser difícil obter um parecer preciso sobre o estado de espírito. Há, sem dúvida, uma expansão, tanto na Europa do que em negros (exceto entre os Bakongo) - mas como é que é estável? No entanto, parece-me suficiente para você considerar em breve uma viagem com a certeza de que a sua passagem vai ajudar a fortalecer o moral das pessoas deste país e de se concentrar em problemas econômicos. Estes problemas estão começando a preocupar seriamente muitos Africano e algumas áreas, tais como Mayumbe parecem mesmo ser a causa de uma certa desconfiança com relação às parcelas de político." Para consulta da fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. *Le problème de la jeunesse désœuvrée 1959*. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=199&l=fr>

²²⁸ Ver: AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande l'indépendance. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr>

²²⁹ Ver: PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.

Outro motivo de preocupação expresso nas cartas é a situação social e econômica da colônia e as altas taxas de desemprego da jovem população congoleza. De acordo com a carta:

Quelques gros problèmes politiques et sociaux se posent d'une manière particulière en ce moment. C'est d'abord le problème de la jeunesse désouvrée. Il est navrant de constater qu'au bout de six mois on n'a pratiquement rien fait et que des milliers de jeunes gens abordent l'âge adulte sans aucun espoir dans la vie. D'ici dix ans ces garçons formeront une masse d'électeurs aigris et révolutionnaires. Il est absolument nécessaire qu'on s'attaque franchement à ce problème à l'échelon Congo tout entier et qu'on cherche à le résoudre en étroite coordination avec le nouveau plan décennal, qui est centré sur la production agricole.²³⁰

Em primeiro lugar, cabe destacar a preocupação em torno da situação econômica e, sobretudo, do desemprego, que tenderia a avultar o movimento anticolonial e a perturbar a ordem na colônia. Pode-se, também, notar elementos silenciados pela administração colonial, como os efeitos negativos da falta de infra-estruturas educacionais e habitacionais, na área da saúde, do trabalho e de saneamento básico, que existiam nos bairros dos brancos. Os referidos jovens congolezes estavam almejando direitos e condições que eram uma exclusividade dos brancos. Para mais, os levantes e manifestações, temidos pela administração representavam a quebra das barreiras racistas que foram construídas, durante a colonização para manter os negros nos seus “lugares”, excluindo-os da política colonial.

Esses jovens são, portanto, descritos como um problema político e social que se apresentam de forma particular para o futuro da colônia.²³¹ O documento também levanta a discussão da proposta do governo belga sobre a implantação do Plano Decenal, uma espécie de reformulação do Plano Trienal de Van Bilsen, de independência gradual para o Congo²³². O trecho sobre o Plano Decenal e sua relação com o engajamento dos jovens e o futuro da colônia destaca mais uma vez a crise de desemprego, presenciada pelo Congo, a partir de 1957, anos anteriores à oficialização da independência. Desataca-se, sobretudo a preocupação de que os jovens congolezes desempregados e insatisfeitos com as suas condições de vida, fortalecessem os movimentos anticoloniais. Segundo M'Bokolo, esses trabalhadores tornaram-se um perigo para o governo colonial, pois "eram susceptíveis de contaminar as massas rurais, consideradas puras, caladas e inertes, com as ideias de contestação e liberdade cuja difusão entre os operários era ilustrada pela agitação constante das cidades mineiras".²³³ Vistos como ameaça ao sistema colonial, muitos deles foram repatriados para as suas cidades natais.

A intensidade e a rapidez da mobilização dos congolezes e outros militantes na colônia, em prol da independência do Congo, pode também ser destacada em outra carta da

²³⁰ "Algumas grandes questões políticas e sociais surgem de uma forma particular no momento. E o principal é o problema da désouvrée juventude. É triste constatar que, após seis meses praticamente nada foi resolvido e que milhares de jovens se aproximam da idade adulta sem esperança na vida. Em dez anos, os meninos formarão uma "électeurs aigris" massa e revolucionários. É absolutamente necessário que se resolva este problema no Congo inteiro, em estreita coordenação com o novo plano Decenal que incide sobre a produção agrícola." Para consulta da fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. *Le problème de la jeunesse désœuvrée 1959*. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=199&l=fr>

²³² Infelizmente, ainda não possuímos muitas informações sobre o "Plano Decenal", citado na carta. Tendo em vista que, em 1956, Van Bilsen publicou o Plano Trienal como proposta de independência gradual, acreditamos que o Plano Decenal mencionado na fonte seja uma reformulação da publicação de Van Bilsen.

²³³ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.) Pelos **Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 201.

administração colonial, endereçada a "Paul", em 29 de dezembro de 1959. Nessa segunda carta, evidencia-se que:

Je te souhaite aussi des tracas moderés. Ton niveau les tracas sont inévitable et nombreux: puissent ils tous trouver assez aisément les solutions convenables. Parmi ces tracas, ceux que soulève le Congo ne sont certes pas les moindres. Les événements ont pris un rythme extrêmement rapide et je ne crois pas qu'il soit encore possible de les arrêter ni même de les freiner beaucoup, au moins sur le plan des principes. Mais je reste persuadé que sur le plan des réalisations pratiques, sur le plan de la mise en oeuvre des institutions nouvelles autorités politiques permettra à ce pays de continuer à marcher dans la voie du progrès. Ce sera sans doute moins facile qu'auparavant, car il faudra expliquer, discuter, convaincre, et au début il faudra vaincre beaucoup de préventions.²³⁴

Escrito seis meses antes da oficialização da independência, o documento revelava, mais uma vez, a preocupação das autoridades belgas e de seus colonos com a movimentação interna da colonial pela independência. Para eles, esses acontecimentos podiam interferir de forma negativa no futuro do Congo e tirá-lo do seu caminho de progresso. Caminho, este, traçado e orientado pelo governo belga. Os acontecimentos estavam se desenrolando de forma tão repentina que, dificilmente, a administração colonial conseguiria interromper a efetivação da emancipação do Congo. Apesar disso, a carta retrata o desejo e a esperança de que a concretização da independência pudesse se dar, por meio de instituições ou autoridades políticas.

Por outro lado, a partir da análise desses documentos, é possível, também, perceber a insatisfação dos congolezes com o regime colonial e a pressão com que a Bélgica deparou-se para agilizar a emancipação da colônia, diante das tentativas de prolongar a sua dominação. Os exemplos dessas tentativas mencionaram a vinda do Rei Baudouin I à colônia, com a pretensão de melhorar a aproximação entre a Bélgica e o Congo, e de convencer o povo congolês a aceitar uma independência gradual. De acordo com a carta:

O Rei causa grande impressão em todos aqueles que se aproximam. Mas eu duvido que o projeto acalentado por alguns, de que uma aproximação pessoal do Soberano resolveria a atual relação entre a Bélgica e o Congo fosse aceito pela comunidade e políticos africanos.²³⁵

A visita do Rei Baudouin I, em 1955, é considerada como evento que acalorou o período de descolonização do Congo, já que, ao invés de aproximar as relações Bélgica-Congo, provocou ainda mais o sentimento anticolonial.²³⁶ Por meio da carta, verifica-se o insucesso na tentativa de conter as manifestações anticoloniais com a visita do Rei à colônia, tendo em vista a intensidade dos movimentos e das mobilizações pela independência.

²³⁴ Tradução livre da autora: " Eu lhe desejo também preocupações moderadas. Os seus aborrecimentos são inevitáveis e numerosos: mas para todos eles podemos achar soluções adequadas. Entre essas dificuldades, os apontadas no Congo certamente não são as menores. Os eventos tomaram um ritmo extremamente rápido e eu acho que não mais é possível parar ou mesmo diminuir muito, pelo menos a princípio. Mas eu continuo convencido de que, em termos de realizações práticas, em termos de construção de novas Instituições de autoridades políticas que permitam que este país possa continuar a andar no caminho do progresso. Este será sem dúvida mais difícil do que antes, porque ele vai explicar, discutir, "convaincre", e no início ele vai superar muitos preconceitos." Para consulta da fonte na íntegra, ver anexo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Minute d'une lettre, 1959. Disponível em: <http://expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=198&l=fr>

²³⁵ AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Minute d'une lettre, 1959. Disponível em: <http://expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=198&l=fr>

²³⁶ MUNANGA, Kanbengele. **A República Democrática do Congo – RDC**. Casa das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

Em outra carta²³⁷, desta vez escrita por Jean Koeckx, é possível observar que uma onda de manifestações sociais e de movimentos anticoloniais, no final da década de 50, fez com que, cada vez mais, a administração colonial temesse a intensificação do processo de independência. Jean Koeckx era diretor da Société Minière du Bécéka em Katanga, grande sociedade produtora de diamantes, fundada durante a colonização do rei belga Leopoldo II, em 1906.²³⁸ Ocupou também o cargo de secretário e coordenador do Comitê colonial, que agrupava as empresas, sociedades dependentes desta, e participou como conselheiro na Universidade de Louvain. Koeckx construiu uma trajetória ativa com importantes funções no governo belga. Aposentou-se em maio de 1970, recebendo o título de administrador-diretor honorário pela Assembleia geral da SIBEKA e, sendo também administrador honorário da Diamant Boart (filial da Mineradora BECEKA), da BECEKA-Manganése, da Compagnie Foncière du Katanga e da Société Immobilière du Kasai²³⁹.

A carta trocada entre Jean Koeckx, diretor da Société Minière du Bécéka (Sociedade Mineradora de Beceka),²⁴⁰ datada de 8 de Janeiro de 1959 e endereçada a Jean Jadot, Capelão Geral da Force Publique, discorreu sobre a complicada situação econômica e sobre a instabilidade política do Congo, no período de descolonização.²⁴¹ Na carta, Koeckx demonstrava a sua apreensão em relação ao contexto de inquietação anticolonial no Congo:

Je suis heureux que la Société Minière du Bécéka ait pu continuer, malgré la situation économique, à apporter quelque appui à votre programme de construction de chapelles. Nous sommes en effet conscients de la nécessité, dans les circonstances présentes, de soutenir le moral de la Force Publique et nous ne doutons pas que vos efforts inlassables en ce sens contribuent grandement à redresser certains influences délétères.

A cet égard, votre opinion sur les effets néfastes de voyages de Congolais en Belgique est également la mienne. Il est en effet regrettable que les noirs aient malheureusement pu y voir autre chose... que le spectacle des femmes au travail dans les usines. Dans la plupart des cas, ces voyages n'ont pas été préparés ni encadrés assez soigneusement et leurs bénéficiaires n'ont pu dégager de leur séjour dans la métropole que des impressions superficielles et faussées. J'admets volontiers que, depuis leur retour en Afrique, cette impression fâcheuse sur la conduite de certains milieux belges ait pu être corrigés, mais il est dommage que ce redressement se soit révélé nécessaire.

Vos remarques judicieuses sur la situation à Leopoldville et la plaie sociale des jeunes sans travail n'ont pas tardé à trouver une confirmation tragique dans les faits. Nous attendons maintenant les déclarations imminentes du Ministre du Congo sur le programme "audacieux et généreux" que le gouvernement se propose de mettre en oeuvre. On peut néanmoins préférer que, dans l'ambiance actuelle de menace, il fasse preuve d'une audace prudente car je suis convaincu que toute concession spectaculaire faite, en ce moment, aux Congolais dans la voie de l'émancipation

²³⁷ Lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=197&l=fr#anchor>

²³⁸ Inventaire des Archives de la Société Minière du Katanga. /2007/531/051. Numéro de commande: Publ. 4597. Archives Générales du Royaume. Odile DE BRUYN. Association pour la Valorisation des Archives d'Entreprises. Bruxelles, 2007. Disponível em: <http://www.avae-vvba.be/PDF/Sibeka.pdf>

²³⁹ Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer, Tomo VII-C, 1989, col.231. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/notices_koeckx_jean (acesso em 21/11/14)

²⁴⁰ Inventaire des Archives de la Société Minière du Katanga. /2007/531/051. Numéro de commande: Publ. 4597. Archives Générales du Royaume. Odile DE BRUYN. Association pour la Valorisation des Archives d'Entreprises. Bruxelles, 2007. Disponível em: <http://www.avae-vvba.be/PDF/Sibeka.pdf>

²⁴¹ Lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. *Les effets néfastes de voyages de Congolais en Belgique*, EXPO 58. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=197&l=fr#anchor>

politique sera en deçà de leurs revendications et ne servira qu'à exarcerber celles-ei.²⁴²

Jean Koeckx mencionou a sua preocupação com a ordem do regime colonial, expressando o seu total apoio à atuação da “Force Publique” para afastar as influências “deletérias”, que pudessem atingir à colônia. A partir da carta, também se pode observar o agenciamento dos congolese em prol da libertação do Congo, tendo em vista que Koeckx destaca a repercussão política da viagem de congolese à Bélgica. Esta viagem refere-se à Exposição Universal da Bélgica, em 1958 (Expo 58), a qual, pela primeira, vez proporcionou o contato dos representantes de diversas sociedades e dos setores sociais das regiões do Congo, Ruanda e Burundi. O evento ocorrido entre os meses de abril e outubro de 1958 foi a primeira grande Exposição Mundial, realizada depois da Segunda Guerra Mundial e possibilitou a circulação das manifestações e das ideias de líderes políticos por toda a colônia, alcançando os habitantes do campo. Segundo Kabenguele Munanga, nesse encontro, estavam presentes os chefes de etnias, os líderes políticos, os sindicalistas e os jovens professores primários de diferentes províncias e regiões e, também, os habitantes das áreas rurais, que "sentiram o choque sensibilizante e conscientizador das idéias desenvolvidas pelos líderes das cidades"²⁴³.

A sua carta também retoma a questão da atuação dos jovens congolese em manifestações anticoloniais e a ameaça desses na disseminação do anticolonialismo. Essas "más influências", a que Koeckx também refere-se, podem estar relacionadas aos ideais socialistas e pan-africanistas que circulavam entre os militantes congolese, engajados no processo de independência.

J. Koeckx também destaca a sua preocupação, em relação à questão econômica da colônia, mencionando a sua satisfação com a permanência de construções de capelas pela empresa “Société Minière du Becéka”, apesar de saber que a situação financeira da colônia não era das melhores.²⁴⁴ A carta de Koeckx demonstra a preocupação da administração belga de resguardar a integridade da Force Publique, para que mantivesse a ordem na colônia. Observa-se, dessa forma, que, no período de descolonização, o Congo belga passava por problemas econômicos em conjunto ao desemprego dos jovens congolese, caracterizando a atmosfera de instabilidade, apontada por J. Koeckx, em um quadro mais geral de instabilidade política e econômica do contexto internacional do pós-guerra.

A Force Publique, fundada durante o regime colonial do rei Leopoldo II, era utilizada para controlar o trabalho forçado, como meio de garantir a ordem na colônia e evitar rebeliões

²⁴² Tradução livre da autora: " Estou feliz que a Société Minière du Bécéka possa continuar, apesar da situação econômica, a fornecer algum apoio para seu programa de construção de capelas. Estamos realmente cientes da necessidade, nessas circunstâncias, de elevar o moral da Force Publique e estamos confiantes de que seus esforços incansáveis neste sentido contribuem muito para corrigir algumas influências deletérias.

A este respeito, concordo com o seu ponto de vista sobre os efeitos nefastos do congolês em viagens à Bélgica. É realmente lamentável que os negros têm infelizmente sido capazes de ver qualquer coisa ... que o espetáculo de mulheres para trabalhar em fábricas. Na maioria dos casos, essas viagens não estavam preparadas com cuidado suficiente e seus beneficiários não puderam passar muito tempo na cidade o que ocasionou em impressões superficiais e distorcidas. Admito que, desde o seu regresso à África, essa impressão infeliz sobre a conduta de certos meios de comunicação belgas poderia ser corrigido, mas é lamentável que esta recuperação se revele necessária."Para consulta da fonte íntegra ver anexo. Lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. "Les visites effectuées par des Congolais en Belgique dans le cadre de leurs études, de stages ou durant l'Expo '58". Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=197&l=fr#anchor>

²⁴³ MUNANGA, Kabenguele. **A república Democrática do Congo - RDC**. São Paulo. Casa das Áfricas, p.13. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf> (acesso em 13 de abril, 2015)

²⁴⁴ Lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=197&l=fr#anchor>

contra o regime do rei belga.²⁴⁵ De acordo com Hoschild, o trabalho forçado era utilizado extensiva e intensivamente em Katanga e em outras regiões do Congo, podendo-se destacar a existência de um posto de recrutamento de carregadores, apelidado de "Baka Baka", que significaria "capturar, capturar".²⁴⁶ O autor aponta que:

Ao contrário dos missionários protestantes e de alguns comerciantes privados, que contratavam os carregadores usados nessa rota [extremo sul de Katanga] e negociavam com eles o salário, o Estado do Congo- por ordens específicas de Leopoldo- usava o trabalho forçado.²⁴⁷

Assim, observa-se que a Force Publique exerceu, durante a colonização belga, o papel de exército de ocupação e de força policial de trabalho, além de ter sido utilizada para conter as manifestações anticoloniais e possíveis motins que afetariam a ordem colonial, em meio ao processo de emancipação do Congo.

Apesar de apontar os conflitos locais, como fatores internos ao Congo, deve-se salientar que não podem ser resumidos a conflitos étnicos "naturais" ao Congo. Estes devem ser entendidos dentro de um processo histórico complexo, com ênfase na colonização violenta, pautada na diferença e na hierarquização. Yacouba Zerbo destaca que a Bélgica incentivava e semeava os conflitos nas regiões mais ricas, como Kasai e Katanga, para que o Congo, caso conseguisse a independência, não concretizasse a união necessária para a formação de um Estado coeso.²⁴⁸ Aliás, a libertação do Congo proporcionaria repercussões negativas na Bélgica nos âmbitos econômico, social, e político, tendo em vista a dependência da sua economia, vinculada à extração dos recursos naturais congolezes. Nesse sentido, percebe-se o quanto os conflitos internos e a dificuldade do Congo em criar uma agenda política própria foram limitados pela intervenção das suas antigas metrópoles, aliadas à disputa da Guerra Fria.

A Província do Katanga e o processo de libertação no Congo

As manifestações políticas e sociais na província do Katanga durante o processo de independência do Congo influenciaram e interferiram no movimento de libertação de cunho nacional, como será visto, por meio da análise de uma carta trocada entre dois funcionários da administração colonial belga, poucos meses antes da oficialização da independência.²⁴⁹

A província do Katanga, local onde Lumumba²⁵⁰ foi assassinado em janeiro de 1961, possuía grande relevância para o território do Congo e, conseqüentemente, para a administração belga, pois concentrava grande quantidade de minérios, e era uma das mais ricas e importantes províncias do Congo no período colonial. A sua trajetória foi

²⁴⁵HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Central**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.134-135.

²⁴⁶ Idem, 1999, p. 135

²⁴⁷ Idem., 1999, p. 135

²⁴⁸ YACOUBA, Zerbo. La problématique de l'unité africaine » (1958-1963). **Guerres mondiales et conflits contemporains**, 2003/4 n° 212, p. 113-127.DOI : 10.3917/gmcc.212.0113, p.113.

²⁴⁹ La Guerre froi de touche aussi le Congo... Lettre, 1960. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

²⁵⁰ Crítico do colonialismo belga e assassinado em 1961, por ser considerado uma ameaça à dominação belga, Patrice EmeryLumumba foi o primeiro Primeiro-Ministro e um dos principais líderes do movimento pela libertação do Congo Kinshasa. Nascido no dia 2 de julho de 1925, pertencia a uma família católica, foi batizado e educado nos moldes dos europeus.

particularizada, devido à história que antecedeu a presença belga, de disputa territorial entre os lubas, os lundas e os tshokwes.²⁵¹

A região do Katanga, que segundo M'Bokolo, foi fundada por volta de 1600 por Nkongolo, Mbidi, kiluwe e Kalala Ilunga, heróis fundadores Lubas, carrega, em sua história pré-colonial, uma trajetória de disputas de poderes "tribais", que moldaram a forma de colonização belga na região.²⁵² O autor apontou que tradições orais, juntamente com estudos arqueológicos, comprovaram que a região do Katanga possuiu origem Luba:

Os Luba foram os primeiros chefes: as tradições históricas oficiais e os mitos de origem engendaram laços de parentela e de solidariedade entre os descendentes reais ou hipotéticos dos heróis fundadores, os chefes locais mais importantes e os sacerdotes adivinhos e outros detentores de poderes mágicos.²⁵³

O autor destacou que a região foi historicamente palco de vários conflitos étnicos, que reivindicavam a ocupação de origem do território²⁵⁴. Entretanto, essas disputas devem ser analisadas, também, a partir do valor econômico e da importância social e política que esse território representava para esses povos, por sua grande abundância em minérios nobres. Assim, considera-se que a região possuiu um histórico de disputas de poder pela sua dominação que tomou outras formas e integrou vários sujeitos, a partir do processo colonial.

No período colonial, a extração de minérios e a sua lucratividade em Katanga tornou-se intensa, principalmente na década de 50, quando a província era responsável por aproximadamente oitenta por cento do valor total de minérios extraídos no Congo.²⁵⁵ Assim, a maior parte da lucratividade belga vinha dessa região.

Para ilustrar a sua importância política, destaca-se que durante as primeiras eleições municipais do Congo, ocorridas em 1957, a província do katanga teve duas (Elisabethville e Jadotville), das três cidades selecionadas para realização das eleições.²⁵⁶ Essa região, assim possuía grande peso político, social e econômico para administração colonial. Ademais, na década de 50, Katanga concentrava um terço da população branca europeia de todo o Congo.²⁵⁷ Para René Lemarchand, "a distribuição ocupacional da população de colonos, embora, indicando uma proporção pesada de comerciantes e industriais, bem como uma pitada generosa de trabalhos profissionais, manteve-se bastante diversificada".²⁵⁸ Essa concentração europeia, devia-se ao potencial econômico da região, que proporcionava muitas oportunidades de trabalho no comércio, nas indústrias e em setores informais. No entanto, a

²⁵¹ Ver: M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedago e Ed. Mulemba, 2014.

²⁵² Idem, 2014, p.182.

²⁵³ Idem, 2014, p.181.

²⁵⁴ Idem, 2014, p.183.

²⁵⁵ Dados para 1957. LEMARCHAND, René. Limits of Self-Determination: The Case of the Katanga Secession', **American Political Science Review**, lvi, no. 2 (June 1962), p. 405, pp. 404-416. (acesso: 13/12/2014) Disponível em:

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1952375?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104845477241>

²⁵⁶ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedago e Ed. Mulemba, 2014, p.202.

²⁵⁷ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". IN: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedago e Ed. Mulemba, 2014, p.189.

²⁵⁸ LEMARCHAND, René. op. cit. , p. 407.

majoritária presença de brancos na província foi acompanhada de um sistema colonial fortemente racializado, de hierarquização étnica.²⁵⁹

É importante destacar que, devido à presença de grandes empresas mineradoras estrangeiras e a demanda internacional por minérios como: cobalto, urânio, coltan, tântalo, estanho, a presença europeia na Província do Katanga cresceu ainda mais, após a Segunda Guerra Mundial. Esse aumento reflete a importância internacional dos recursos congolese e a influência desse fator na disputa de zonas de influência entre EUA e URSS, bem como demonstra que a fartura em minérios refletiu em uma significativa imigração europeia para a colônia. Este movimento pode ser observado na tabela 1.1 "Crescimento da População Branca no Congo, organizada por nacionalidades, 1958", trazida no primeiro capítulo.²⁶⁰

Desse modo, a colonização do Congo contribuiu bastante para a resolução dos problemas sociais na Europa do pós Segunda Guerra Mundial. A colônia era um espaço de oportunidades e muitos jovens em idade de trabalho, como também famílias belgas, ou de outros lugares da Europa, arruinadas pela Guerra, migraram para a colônia. Nesse sentido, é possível observar como a exploração dos recursos naturais de colônias africanas, como o próprio Congo possibilitou às potências reerguerem-se, mesmo com os efeitos da Segunda Guerra.

Na província, havia elementos peculiares que contribuiriam para a sua não adesão ao movimento de independência do Congo: o problema fundiário entre os tshokwe, os lundas e a administração colonial, e o "essencialismo catanguês".²⁶¹ Esses elementos apontados, representam a disputa econômica sobre o território rico em recursos minérios e hidroelétricos. Esses bens eram tão necessários e lucrativos que seriam constitutivos da especificidade da composição social e política da região. Segundo Jean Claude Willame, a Província do Katanga era praticamente uma entidade à parte no território do Congo, uma vez que o poder de controle social sobre a região era das grandes mineradoras, representadas pela União de Mineração do Haut-Katanga (UMNHK).²⁶² Outra característica marcante era a forte organização dos colonos e de uma "pequena classe média", constituída por chefes locais, évolués da região e brancos europeus, que ocupavam altos cargos.²⁶³

A intensificação de movimentos contrários à independência imediata do Congo em Katanga ocorreu, a partir do fortalecimento de identidades étnicas, que pretendiam legitimar o pertencimento de um grupo específico àquela região por sua origem. Possivelmente, esse sentimento e a busca da identidade "original" Katanguesa estabeleceram-se no contexto de uma sociedade formada por significativos números de brancos europeus e de africanos de

²⁵⁹ Ao nos referirmos ao termo "etnia" ou "étnicos", nos pautamos nas considerações de Jean-Loup Amselle que aponta a existência de uma estreita relação entre a noção de "etnia" e de "raça", tendo em vista que ambas as definições estão subjugadas ao pensamento colonial e ligadas ao etnocentrismo e ao significado europeu de Estado-nação. IN: AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO, Elikia. **Au coeur de l'ethnie: ethnologie, tribalisme et Etat en Afrique**. La Découverte, 1985, p.18.

²⁶⁰ Annuaire Statistique de la Belgique et du Congo Belge. Royaume de Belgique. Ministère des affaires Économiques. Bruxelles: Institut National de Statistique, 1958, p.522. Disponível em: [http://extranet.arch.be/BIB_A4P131/BIB_A4P131_1958.pdf#search=%22annuaire du Congo%22](http://extranet.arch.be/BIB_A4P131/BIB_A4P131_1958.pdf#search=%22annuaire%20du%20Congo%22)

²⁶¹ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014.

²⁶² A UMHK, União Mineira do Haut Katanga, foi fundada em 1906 pela Tanganyika Concession e a Société Générale de Belgique, responsável pela extração de recursos minerais, especialmente cobre e estanho, possuindo intensa atividade mineira na região do Katanga. A UMHK, teve grande importância econômica no Congo, devido a sua importância econômica e ao grande número de trabalhadores que ela empregava da região de Katanga e de outras regiões como Rodésia. Ver: JOUAN, Quentin. *Recruter au Katanga. réalités et discours de la Bourse du Travail du Katanga (1914-1922)*. Travail Final de l'UCL (Université Catholique de Louvain). Disponível em: <https://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/cehec/documents/travailfinalquentinjouhan.pdf>;

²⁶³ WILLAME, Jean-Claude. *Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée*. Paris: Karthala, 1990, p. 164.

outras regiões. O desenvolvimento do setor mineiro e a decorrente necessidade de mão de obra, sobretudo a partir de 1920, fez com que trabalhadores migrassem de regiões, como o Norte do Kasai, do Katanga, Rodésia.²⁶⁴ Dessa forma, a Província foi composta por autóctones, por negros africanos não-autóctones e por brancos europeus, vindos de países diversos. A partir desse arranjo, chefes locais, industriais e colonos sustentaram um sistema racializado e hierarquizado, que beneficiava o setor mineiro e os supostos "catanguês autênticos".

Além da riqueza mineral de seu solo, a especificidade da Província do Katanga também se constituiu pela ocupação tardia da colonização belga. Embora a oficialização do Estado Independente do Congo tenha ocorrido em 1885, por meio da Conferência de Berlim, apenas, anos depois, houve a ocupação da região do Katanga. Segundo M'Bokolo a colonização belga era inexpressiva até os anos de 1910, predominando a ocupação da região por grandes empresas, que visavam à exploração dos minérios, como a Companhia do Katanga, criada em 1891 e o Comitê Especial do Katanga (CSK).²⁶⁵

Por tudo isso, a Província do Katanga teria um importante papel nos atritos políticos e sociais que o Congo enfrentou durante seu processo de independência. Para conceber melhor o contexto de disputas políticas internas ao Congo, é elementar pontuar a atuação política do partido CONAKAT e do seu líder Moise Tshombe para apreender o movimento contrário ao projeto de unidade nacional de emancipação do Congo. A Confederação das Associações de Katanga, mais conhecida como CONAKAT, foi fundada, em 1957, pelos jovens "evolúes" Katanguês Godefroid Munongo, funcionário da administração Colonial, Evariste Kimba²⁶⁶, Albert Nyembo²⁶⁷ e Rodolphe Yav, Ministro de Assuntos Econômicos (Affaires économiques), que possuíam estreitas relações com Tshombe.²⁶⁸ De acordo com M'Bokolo, a coligação partidária, reunia diversas associações tribais do Sul do Katanga e tinha como principais aliados a chefaria, o campesinato lunda e yeke, contando também com o apoio de colonos europeus, adeptos do "Union Catanguês".²⁶⁹

Pertencente a uma rica família Lunda de comerciantes no Katanga, o lunda Moise Kapenda Tshombe, possuía grande influência na Província do Katanga. Moise Tshombe, assim como seu pai, trabalhava nos negócios comerciais. No entanto, após a morte paterna, em 1950, voltou às suas habilidades de negociante para a política. No período de 1951 a 1953 foi membro do Conselho Provincial, tornando-se, em seguida, membro do Conselho Governamental. Devido à sua ascendência e prestígio na província foi nomeado à presidência

²⁶⁴ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord..). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 191.

²⁶⁵ M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord..). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 185

²⁶⁶ Evariste Kimba Mutombo, era um muluba de Katanga, que se separou do partido Baluba dos Katanga (Balubakat) para trabalhar com Moise Tshombe no projeto de secessão de Katanga. Integrou, representando o partido CONAKAT, a composição do governo de Lumumba, em 1960. Kimba também foi ministro das Relações Exteriores do governoseparatista. No final de secessão em janeiro de 1963, ele se juntou a sua família para chefiar o Balukabat que estava sendo liderado por Jason Sendwe. Ver: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=29486&Congofiche=selected>

²⁶⁷ Albert Nyembo, integrante da CONAKAT, ao lado de Evariste Kimba foi Secretário de Defesa do Estado, representando a CONAKAT, no governo congolês sob liderança de Lumumba e Kasavubu. Ver: <http://congovoice.blogspot.com.br/2012/09/june-1960-congos-government.html?q=Nyembo>

²⁶⁸ Biographie Belge d'Outre Mer, T. VII-A, 1973, col. 462-476. Academie Royale des Sciences d'Outre Mer. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/bbom/Tome_VIIa/Tshombe.Moise_Kapenda.pdf

²⁶⁹ M'BOKOLO, Elikia, op. cit. , p. 204.

da Confederação das Associações do Katanga em 1959.²⁷⁰ Tshombe, grande defensor do federalismo e da separação do Katanga do território congolês, defendeu durante a Table Ronde, em 1960, reunião organizada entre representantes belgas e congolese para decidir sobre a data da independência, a ideia de uma Confederação de Estados Congolese, como projeto, apoiado pelos membros da Confederação das Associações do Katanga.²⁷¹ Tendo em vista a breve trajetória política do katanguês, que foi apresentada aqui, é possível inferir que o seu perfil encaixava-se no retrato desejado pelo governo belga. De acordo com M'Bokolo:

Moise Tshombe reunia na sua pessoa as novas aptidões intelectuais valorizadas pela situação colonial, a rica herança de uma linhagem de comerciantes e plantadores, e as suas relações familiares com o grande chefe dos lunda de quem era simultaneamente genro e primo [Tshombe,1975,pp.11-38]; (Apud Mutamba-Makombo, 1977, pp.195-1998) ²⁷²

O governo belga passou a investir e a negociar em Tshombe, a fim de assegurar os seus privilégios e os seus interesses, com o estabelecimento da libertação do Congo. Dentro dessa perspectiva, a agitação contrária à independência nacional do Congo, apoiado pela CONAKAT e, liderado por Moise Tshombe, avançaria rapidamente a secessão da Província katanguesa, no momento pós-oficialização da independência. No dia 11 de julho de 1960, onze dias após a oficialização da independência, Tshombe, apoiado pelo governo belga, declarou a separação da província de Katanga da então independente República do Congo, confirmando o seu desejo de autonomia econômica e política.²⁷³ Nesse sentido, percebe-se que, concomitante, ao processo de independência intensificou-se o projeto de separatista de Tshombe, contrário não só à formação do país, mas que também se opunha à unidade territorial, à estabilidade política e à crítica da colonização belga.

A visita de Lumumba à Katanga e sua repercussão

A carta escrita por Jules Cousin, no dia 14 de março de 1960, tratava da visita de Lumumba em 11 de março à Élisabethville, o que teria gerado conflitos nessa cidade, em Jadotville e em Kolwezi.²⁷⁴ Segundo Claude Willame, a visita de Lumumba e a ocorrência de "eventos sangrentos"²⁷⁵, que seriam os primeiros eventos significativos, após a "Table Ronde Belgo-Congolaise" e a definição da data de independência. A Table Ronde foi uma grande reunião, realizada de janeiro a fevereiro de 1960, em Bruxelas, para que questões e demandas sobre a independência do Congo fosse discutidas por congolese e belgas.²⁷⁶ O Congo contou com uma delegação de quarenta e cinco membros efetivos e quarenta e oito suplentes, divididos em líderes dos principais partidos existentes no período e "chefs coutumiers", e a Bélgica foi representada pelo seu Governo e o Parlamento.²⁷⁷ Assim, a partir da forte pressão popular e dos representantes congolese, foi assegurado que o Congo, como colônia, teria seu

²⁷⁰ Biographie Belge d'Outre Mer, T. VII-A, 1973, col. 462-476. Academie Royale des Sciences d'Outre Mer. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/bbom/Tome_VIIa/Tshombe.Moise_Kapenda.pdf

²⁷¹ Biographie Belge d'Outre Mer, T. VII-A, 1973, col. 462-476. Academie Royale des Sciences d'Outre Mer. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/bbom/Tome_VIIa/Tshombe.Moise_Kapenda.pdf

²⁷² M'BOKOLO, Elikia. *O "separatismo catanguês"*. IN: J.-L.Amselle&E.M'Bokolo (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismoe Estado em África**. Portugal: Edições Mulemba e Edições Padago, 2014, p. 205.

²⁷³ M'BOKOLO, Elikia, op. cit., p. 207.

²⁷⁴ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p. 170.

²⁷⁵ Idem, p. 170.

²⁷⁶ MBU-MPUTU, Norbert Xson. **Patrice Emery Lumumba : discours, lettres, textes**, Newport, Editions Mediacomx, 2010, Paperback, 204 pages, ISBN 978-1-4092-9381-1, 2010, p.137.

²⁷⁷ Idem, 2010, p.137.

fim no dia 30 de junho de 1960, nascendo então o novo país independente, denominado como República do Congo.

Começa-se, então, por pontuar o autor e destinatário da carta.

Na carta, J. Cousin escreveu para informar a "Jean", nome escrito sem o sobrenome, a respeito dos acontecimentos em Elizabethville.²⁷⁸ Acredita-se que o "Jean" para quem Cousin enviou a carta seja o diretor da Société Minière du Bécéka, tendo em vista os cargos ocupados por ele.²⁷⁹ Jules Cousin e Jean Koeckx²⁸⁰ eram funcionários belgas em cargos importantes da administração colonial, que tiveram a sua atuação reconhecida, como relevante na construção da Bélgica, a partir da sua possessão no além-mar. A atuação dos dois funcionários é destacada em notas biográficas e biografias realizadas pela *Academie Royale de Science d'Outre Mer*²⁸¹, e ambos parecem ser bem conhecidos pela produção acadêmica belga e congoleza, cujo acesso ainda é muito limitado no Brasil. A relação desses funcionários com o sistema colonial e as suas trajetórias estão diretamente ligados ao posicionamento contrário à libertação colonial.

A família do autor da carta, Jules Cousin, considerado como um dos principais homens responsáveis pela expansão belga no além-mar,²⁸² teve grande presença no processo de colonização do Congo, tendo contribuído significativamente para tal, ação, por meio da violência contra os nativos da região. O pai de J. Cousin fundou, durante a colonização, uma importante empresa de trabalhos públicos muito estimada na Bélgica, a "Jean Cousin et Frères".²⁸³ Jules Cousin era engenheiro das minas e administrador da União Mineral do Alto Katanga (U.H.M.K.) e tinha estreitas relações com a família Jadot, que possuía renomada reputação na Bélgica por sua atuação na engenharia²⁸⁴. Cousin passou grande parte da sua vida no Congo, principalmente na Província do Katanga, onde trabalhou e criou, em 22 de outubro de 1944, o instituto cristão Ste. Marguerite, voltado para a educação de "meninas

²⁷⁸ Lettre, 1960. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Lumumba Petit Hitler. La Guerre froide touche aussi le Congo. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

²⁷⁹ Localizada em Katanga, a *Société Minière du Bécéka* a partir de 1960 passou a ser chamada de SIBEKA.

²⁸⁰ Além de ser diretor da Société Minière du Bécéka em Katanga, Jean Koeckx, a quem a carta parece ter sido destinada, ocupou também o cargo de secretário e coordenador do Comitê colonial, que agrupava as empresas sociedades dependentes a esta e participou como conselheiro na Universidade de Louvain e Louvainum. Jean Koeckx construiu uma trajetória ativa com importantes funções no governo belga. Aposentou-se em maio de 1970, recebendo título de administrador-diretor honorário pela Assembleia geral da SIBEKA e sendo também administrador honorário da Diamant Boart, da BECEKA-Manganése, da Compagnie Foncière du Katanga e da Société Immobilière du Kasai. *Academie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer*, Tomo VII-C, 1989, col.231. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/notices_koeckx_jean (acesso em 21/11/14).

²⁸¹ VAN DER STRAETEN, Edgar. Jules Cousin: Pioneer, chef d'entreprise et homme de bien (1884-1965). *Academie Royale des Sciences d'Outre Mer. Classes des Sciences Morale et Politiques*, N. S., XXXVIII-2, Bruxelles, 1969, p.3. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/MEMOIRES_VERHANDELINGEN/Sciences_morales_politique/Hum.Sc.%28NS%29_T.XXXVIII,2_VAN%20DER%20STRAETEN%20E._Jules%20Cousin,%20pionnier,%20chef%20d%27entrEprise%20et%20homme%20de%20bien%20%281884-1965%29_1969.pdf

²⁸² VAN DER STRAETEN, Edgar. Jules Cousin: Pioneer, chef d'entreprise et homme de bien (1884-1965). *Academie Royale des Sciences d'Outre Mer. Classes des Sciences Morale et Politiques*, N. S., XXXVIII-2, Bruxelles, 1969, p.3. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/MEMOIRES_VERHANDELINGEN/Sciences_morales_politique/Hum.Sc.%28NS%29_T.XXXVIII,2_VAN%20DER%20STRAETEN%20E._Jules%20Cousin,%20pionnier,%20chef%20d%27entrEprise%20et%20homme%20de%20bien%20%281884-1965%29_1969.pdf

²⁸³ *Biographie Belge d'Outre-Mer. Tome VI (XXV-1230 col., in-8°, 1968). Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer*, T. VI, 1968, col.241-246. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/bbom/Tome_VI/Cousin.Jules.pdf

²⁸⁴ *Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer. Tomo VI, 1968, col. 241-246.* Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/notices_cousin_jules

indígenas".²⁸⁵ Cousin, por intermédio desse registro, possibilita analisar a sua impressão pessoal sobre os acontecimentos, como observa-se na carta abaixo:

Au sujet des bagares qui ont eu lieu durant le week-end entre les partisans de la CONAKAT (fédéralistes) et les partisans du Cartel (Congo uni), il est à noter que les seules victimes sont des partisans de la CONAKAT. Le massacre a été organisé par des commandos, exactement suivant la formule communiste. Nous savons d'ailleurs qu'à Kolwezi, les gens du Kasai avaient formé des cellules. Je suppose qu'il en a été de même à Elisabethville. Ces commandos avaient reçu des instructions d'incendier les habitations des principaux leaders de la CONAKAT.

A l'heure actuelle, on ignore le nombre de morts. Le Gouvernement s'efforce de diminuer les résultats de ces bagares, mais je crois qu'en réalité, il y a au moins 30 morts et 150 blessés.

Il n'y a pas de doute que c'est la présence de Lumumba à Elisabethville qui a provoqué ces incidents tragiques. Cet individu, qui est protégé d'une manière scandaleuse par le Gouvernement, a une influence formidable sur les masses. Certains le considèrent comme un petit Hitler et, personnellement, je suis convaincu que c'est un communiste 100% et que les méthodes qu'il emploie sont des méthodes qui lui ont été apprises par les communistes. Je crois même qu'il est assisté par des communistes européens et noirs, des gens qui ont été formés à Moscou et à Prague.

Dans la période pré-électorale, il se montre très prudent, et a l'air de prêcher le calme et l'entente entre Belges et congolais, mais je sais de source certaine que lorsqu'il est allé à Kipushi, il a tenu des propos tout différents. Il a annoncé à son auditoire de Congolais que dans 6 ans il n'y aurait plus d'européens au Congo et que tous les congolais auraient leur voiture. Il est à remarquer que c'est exactement ce qu'Hitler déclarait aux Allemands avant la guerre et c'est alors qu'il a créé les usines devant fabriquer les Volkswagen.

Du fait que dans les centres extra-coutumiers ce sont les partisans de CONAKAT qui ont été victimes, il en résulte une irritation très grande à l'intérieur, c'est-à-dire dans les régions coutumières et ils sont décidés non seulement à boycotter, mais même à chasser tous les indigènes d'origine Kasai et même les Baluba du Katanga qu'ils considèrent comme des étrangers dans le haut-Katanga.²⁸⁶

²⁸⁵ Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer. Tomo VI, 1968, col. 241-246. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/en/notices_cousin_jules

²⁸⁶ Tradução livre da autora: " Sobre os eventos violentos que ocorreram durante o fim de semana entre os partidários de CONAKAT (federalistas) e aliados do Cartel (Congo unido), observa-se que as únicas vítimas são apoiantes do CONAKAT. O massacre foi organizado por grupos, exatamente como manda a fórmula comunista. Além disso, sabemos que em Kolwezi, pessoas do Kasai havia formado células (grupos). Acredito que o mesmo tenha ocorrido em Elisabethville. Estes grupos foram instruídos a queimar as casas dos principais líderes do CONAKAT.

No momento, não está claro o número de mortos. o governo está se esforçando para reduzir os resultados destes incidentes, mas acho que, na realidade, existem pelo menos 30 mortos e 150 feridos.

Não há dúvida de que é a presença de Lumumba para Elisabethville que causou esses incidentes trágicos. Este indivíduo, que é protegido de uma forma escandalosa pelo Governo, tem uma enorme influência sobre as massas. Alguns consideram um pequeno Hitler, e pessoalmente estou convencido de que ele é 100% comunista e que seus métodos de trabalho foram ensinados a ele, pelos comunistas. Acredito que ele seja assistido por Europeus e negros Comunistas que foram treinados em Moscou e Praga.

No período pré-eleitoral, ele (LUMUMBA) mostra muito cuidado, prega a paz e a compreensão entre Belgas e Congolezes, mas eu sei de fonte segura que, quando ele foi para Kipushi, ele fez propostas diferentes. Ele anunciou aos congolezes que em 6 anos não haveria mais europeu no Congo e todos os congolezes teria seus próprios carros. Nota-se que isto (a fala de Lumumba) é exatamente o que Hitler disse aos alemães antes da guerra e, em seguida, ele criou indústrias para a fabricação de Volkswagen." Para consulta da fonte íntegra ver anexo.

Lettre, 1960. La Guerre froide touche aussi le Congo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

Na carta, Cousin realiza uma espécie de relatório, descrevendo os conflitos ocorridos entre o partido federalista CONAKAT (Confederação das associações tribais do Katanga) e o unitarista “Cartel (Congo Uni)”.²⁸⁷ Os partidos CONAKAT e o Congo Uni, segundo o autor Hubert Ngoy-Kangoy²⁸⁸, pertenciam à segunda geração de partidos. Esta geração de partidos, para o autor, era composta por grupos políticos que se estabeleceram antes de janeiro de 1959, como a CONAKAT, a União Congoleza e o MNC. Já a terceira geração de partidos seria composta por aqueles, que possuíam base étnica ou regional e que não existiram durante muito tempo.²⁸⁹ É interessante destacar que a maior parte dos partidos criados nesse período de independência possuía caráter regional ou étnico. O autor salienta que apenas o MNC (Movimento Nacional Congolês) e o PNP (Partido Nacional do Progresso) tinham perfil nacional. Sabe-se, entretanto, que a questão étnica dentro das organizações no período de luta pela libertação nacional é observada também em outros países da África, como, por exemplo, Angola.²⁹⁰ Além disso, talvez se possa pressupor que essa disposição étnica dos partidos reproduza as longas divisões operadas pela administração colonial para melhor controlar os povos daquela colônia.

Além disso, o autor aponta que Crawford Young distinguiu os partidos em quatro tipos: as uniões, as associações de ex-alunos, os clubes de *évolués* e as associações tribais”.²⁹¹ A Confederação das associações tribais do Katanga (CONAKAT), que integrava diversas associações do Sul do Katanga, foi criada em outubro de 1958 e o seu principal apoio vinha das chefarias, do campesinato lunda e yeke²⁹². Formavam a sua base social a “pequena burguesia” congoleza, os trabalhadores assalariados e os colonos (representados pela adesão do partido Union catanguese).²⁹³ O partido da CONAKAT possuía forte perfil regional e étnico, tinha como seu principal líder Moise Tshombe, que não apoiava o movimento unitarista liderado por Lumumba, e expressava grande interesse em manter a autonomia econômica do Katanga. Moise Kapend Tshombe²⁹⁴ considerava as riquezas minerais e as

²⁸⁷ O partido citado como “Congo Uni” no documento acreditamos se referir ao partido Congolese Union., Ver:Ngoy-Kangoy, H. Kabungulu. **Parties and political transition in the Democratic Republic of Congo**. South Africa: EISA RESEARCH REPORT N°20, 2006, p.16-17. Disponível em: <http://www.africaportal.org/dspace/articles/parties-and-political-transition-democratic-republic-congo>

²⁸⁸ O autor Kabungulu também afirma que o aparecimento desses partidos pode ser separado em três principais grupos. O primeiro é constituído Associação dos Bakongo (Abako), o Movimento de Solidariedade Muluba (MSM), o Movimento para BasongyeUnity (MUB), a União do Bateke (Unibat), o Mongo União (Unimo), a União Warega (Unerega), a Associação de Baluba de Katanga (Balubakat) entre outros. O segundo grupo seria formado por federações e uniões interétnicas, como: Associação de Tshokwe do Congo, Angola e Rodésia (Atcar), Confederação das Associações tribal de Katanga (CONAKAT), o Kasai Coalition (Coaka), a Associação da Alta Congo Nationals (Assoreco), União Kwangolese pela independência e Liberdade (Luka), o Rally Democrática do Lago Leopold II e do Kwango-Kwilu (RDLK). O ultimo grupo seriam poucos diversos como: Reagrupamento Centre (Cerea) em Kivu, o Partido Africano de Solidariedade (PSA) em Kwilueo Nacional UnityParty (Puna).

²⁸⁹ Ngoy-Kangoy, H. Kabungulu, op.cit., p. 16-17.

²⁹⁰ O problema também é evidenciado por Bittencourt ao analisar a luta pela libertação de Angola, segundo o autor: “Os argumentos de ordem étnica e racial, presentes nas acusações e nos discursos elaborados pelos movimentos de libertação, produziram uma visão limitada no tocante às filiações e aos objetivos dos diferentes grupos angolanos envolvidos na luta anticolonial.” Cf. BITTENCOURT, Marcelo. **Fissuras na luta pela libertação angolana**. MÉTIS: história & cultura, v.10 n.19, 2012, pp. 238. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1747/1110>

²⁹¹ NGOY-KANGOY, H. Kabungulu, op. cit., p.17.

²⁹² M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catangues". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 204.

²⁹³ Idem, 2014, p.205.

²⁹⁴ Moise Kapend Tshombe era líder do partido federalista CONAKAT e, considerado como um dos envolvidos no assassinato de Patrice Lumumba em 196. Liderou também o movimento de secessão da província de Katanga,

fontes hidroelétricas, como pertencentes aos povos Bantus e, para ele, estas deviam servir apenas aos povos daquela região. Por isso opunha-se à centralização do poder e à unidade nacional proposta pelo Congo Uni²⁹⁵. Concomitante ao fortalecimento da Confederação das associações tribais do Katanga, a CONAKAT, intensificou-se, sobretudo, por meio dos discursos de Moise Tshombe, na construção de uma identidade Katanguesa.²⁹⁶ Em 1959 houve significativa expansão dos partidos no Congo, em virtude da oportunidade, estabelecida em 20 de janeiro, de participar da “Table Ronde”, em Bruxelas, na qual discutiram questões sobre a independência e decidiram a data para sua oficialização.²⁹⁷

As discordâncias políticas e pessoais entre a CONAKAT e Lumumba eram bem definidas e intensas diante da luta pela libertação do Congo. Segundo o cientista político Jean-Claude Willame, o "antagonismo entre o bloco ariano 'Katangês' - CONAKAT e Lumumba crescia mês a mês com a chegada da independência"²⁹⁸. Em carta, Jules Cousin²⁹⁹ apontou a visita de Lumumba à Elisabethville, no dia 11 de março, como responsável pelo "massacre" ocorrido em Elisabethville, Jadotville e Kolwezi. Segundo o funcionário colonial Cousin, "células" do partido unitarista, que seriam lideradas por Lumumba, originárias de Elisabethville, teriam recebido instruções para que as casas dos principais líderes da Confederação das associações do Katanga (CONAKAT) fossem incendiadas. Cousin menciona o conflito entre o partido da federalista CONAKAT e a proposta unitarista e relaciona os eventos ocorridos à presença de Lumumba. Entretanto, de acordo com o autor Willame, os conflitos "tribais" e os eventos violentos não possuem nenhuma relação com Lumumba. Nesse sentido, associando os eventos violentos aos unitaristas, Cousin, como representante da administração colonial belga, pretendia desqualificar a luta anticolonial de Lumumba e as suas propostas políticas de união territorial e de independência total e imediata. O posicionamento contrário à independência da colônia é demonstrado pela incitação à violência e à conturbação no processo de estabelecimento da libertação imediata do Congo.

O antagonismo entre as propostas era tão forte que refletiu uma oposição política, a qual, segundo Jean Claude Willame, aproximava-se ao âmbito pessoal³⁰⁰. Havia uma clara oposição de interesses políticos e pessoais sobre o Congo entre os "Katangueses autênticos" da CONAKAT e Lumumba, considerado muito radical pelo governo belga para ser o futuro Primeiro Ministro³⁰¹. No entanto, se deve destacar que Lumumba e seu posicionamento nacionalista anticolonial era apoiado pela maioria dos partidos, que, segundo M'Bokolo, considerava o federalismo da CONAKAT uma tentativa de estabelecer políticas segregacionistas pautadas no essencialismo katanguês.³⁰²

J. Cousin relata um conflito entre partidários da CONAKAT (Confederação das Associações Tribais do Katanga) de caráter federalista e os partidários do “Cartel (Congo

desenvolvido em 1960 em oposição ao governo congolês que estabelecido, sendo eleito como presidente de Katanga no mesmo ano. M. Tshombe nasceu em 1919 na região sul do Katanga. Seu pai foi dito ser o primeiro milionário congolês, acumulando uma fortuna através de uma variedade de empreendimentos comerciais. Ver: <http://www.blackpast.org/gah/tshombe-moise-kapenda-1919-1969#sthash.gvk6atWt.dpuf>

²⁹⁵ OMASOMBO, Jean Tshonda; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: acteur politique: de la prison aux portes du pouvoir**. Paris: Harmattan; Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale, 2005, p. 349.

²⁹⁶ M'BOKOLO, Elikia, op. cit., 2014, p. 205.

²⁹⁷ Cornevin Robert. Le Congo ex-belge. In: **Revue française d'histoire d'outre-mer**, tome 49, n°175, deuxième trimestre 1962. pp.262-279. p. 270. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3406/outre.1962.1355>

²⁹⁸ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p.170.

²⁹⁹ Idem, 1990, p.171.

³⁰⁰ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p.170.

³⁰¹ Idem, 1990, p.170.

³⁰² M'BOKOLO, Elikia. *O "separatismo catanguês"*. IN: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal: Ed. Pedagogo e Ed. Mulemba, 2014, p. 204.

uni)”, dos quais, a maior parte das vítimas foi do CONAKAT. De acordo com Cousin, o massacre teria sido organizado por comandos “exatamente de acordo com a fórmula comunista”. Ao afirmar que o conflito teve caráter comunista, Cousin referia-se a Lumumba e a "seus amigos", descrevendo o comunismo como algo degradante para a colônia.

A partir do relato de Cousin, portanto, pode-se perceber, também, como os embates internacionais entre EUA e URSS em torno das zonas de influências estavam presentes e interferiam em questões internas à colônia belga. Desse modo, destaca-se a importância de pôr em diálogo as questões internas e internacionais. O posicionamento crítico e anticolonial de Lumumba era frequentemente caracterizado como subversivo e pró-soviético por aqueles que não apoiavam a independência.³⁰³ Assim, como ocorreu no Congo, era comum também em outras colônias do continente africano, como Moçambique e Angola, o posicionamento anti-colonial ser desqualificado pelos interessados na manutenção do regime colonial, como radical, subversivo, contra-ordem e atrelado ao comunismo³⁰⁴. As lutas pela libertação e o pan-africanismo, que se expressavam nas manifestações e organizações anti-coloniais, foram amplamente combatidas pela administração colonial.³⁰⁵ No caso do Congo, o sistema colonial belga contava com a atuação da *Force Publique*, responsável por conter motins e garantir a segurança dos europeus que viviam na colônia.

Sobre os eventos, envolvendo o partido CONAKAT e o Congo Uni, Cousin relata que o número de mortos não tinha sido oficialmente divulgado, mas que ele acreditava haver trinta mortes e cento e cinquenta feridos. Entretanto, em seu livro, o autor Jean Claude Willame aponta que, oficialmente, foram sete mortos e mais de cento e quarenta feridos. Apesar do número de vítimas demonstrar a proporção do conflito ocorrido, isto não constitui a principal preocupação dessa análise, mas, sim, destacar o quanto Cousin mostrava-se convicto da liderança de Lumumba por trás dos ataques, das casas incendiadas e de toda a violência. Na carta, Cousin afirmou não ter dúvidas de que a presença de Lumumba em Elisabethville³⁰⁶ teria sido responsável por tal tragédia. É surpreendente que, para Cousin, Patrice Lumumba fosse protegido "de forma escandalosa" pelo Governo belga. Ao mesmo tempo em que Cousin desqualificava a figura de Lumumba, percebe-se o amplo apoio dos congolese àquele líder, e a sua popularidade entre os trabalhadores congolese. Dessa forma, para homens, como Cousin, comprometidos com o colonialismo belga, Lumumba e os seus apoiadores deveriam ser combatidos, pois iam contra os interesses econômicos da Bélgica.

Ao serem analisadas as palavras utilizadas por Jules Cousin para referir-se a Lumumba, e, mesmo a forma como Cousin o descreve, observa-se um claro posicionamento crítico de Cousin para com as atitudes de Lumumba e, também, com relação ao seu posicionamento político-ideológico. Por meio da carta de Cousin, para quem Lumumba tinha

³⁰³ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p. 171.

³⁰⁴ Ver: CABAÇO, José Luís. Colonização e racialização. In: **Moçambique. Identidade, colonialismo e libertação**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, USP, 2007; BITTENCOURT, Marcelo. A criação do MPLA. **Estudos Afro-Asiáticos**, 32:p. 185- 208, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, dezembro de 1997.

³⁰⁵ Como já mencionamos, a influência do comunismo na luta pela libertação nacional também pode ser observada em outras colônias africanas, como Moçambique. De acordo com Peter Fry, com a independência de Moçambique em 1975, por meio da atuação da FRELIMO, o país se auto-declarou um estado “marxista-leninista”, no qual seus jovens militantes desejavam mudanças na estrutura capitalista. Cf. FRY, Peter. Culturas Da Diferença: Sequelas das Políticas Coloniais Portuguesas e Britânicas na África Austral. **Afro-Ásia**, Edição: 29-30 (2003), p. 291.

³⁰⁶ Elisabethville corresponde à cidade que atualmente é chamada de Lubumbashi, capital e maior cidade da província do Alto Katanga.

“uma formidável influência sobre as massas”³⁰⁷, é percebida a popularidade do líder congolês com a população e a sua habilidade discursiva.

Na carta, Cousin afirma que algumas pessoas consideravam Lumumba como “100% comunista”, acreditando que seus “métodos comunistas” eram ensinados em segredo por “comunistas europeus e negros”, que teriam se formado em Moscou e Praga. Destacando o posicionamento político de Lumumba, Cousin o associa a práticas subversivas e violentas para desqualificar o comunismo e a luta pela libertação africana. Quando Cousin refere-se à comunistas negros e europeus, se pode inferir que estes sejam Kwame Nkrumah e Sekou Touré, pois o governo de ambos fora apoiado pela URSS e possuíam uma trajetória bem sucedida na luta anti-colonial. O líder congolês, assim como Nkrumah e Sekou Touré, estava engajado na concretização do pensamento pan-africanista e na luta contra o racismo e o imperialismo na África. Em 1961, Sekou Touré ganhou o Prêmio Lênin da Paz e, um ano depois, foi a vez de Nkrumah, devido à atuação política dos líderes nacionalistas. Segundo Willame, Lumumba acreditava fortemente que poderia e deveria opor-se à administração e ao Governo para a implantação dos modelos comunistas de Nkrumah e Sekou Touré aos “bons negros” do Congo.³⁰⁸

De acordo com a carta, Lumumba, chamado por Cousin de “petit Hitler”, teria anunciado ao povo congolês que, em seis anos, não haveria mais europeus no Congo e que todos os congoleses teriam carros. Segundo Cousin, esse discurso de Lumumba seria semelhante ao de Hitler, que o teria feito em defesa de uma “raça” no momento da criação das fábricas da Volkswagen na Alemanha, em 1938.

No entanto, é possível perceber o discurso de Lumumba, como expressão da sua crítica à atuação europeia dentro das terras congolesas e o seu posicionamento anti-colonial. O administrador Cousin acreditava que Lumumba representava uma ameaça à soberania e à estabilidade do Estado belga, assim como Hitler o fora durante a Segunda Guerra Mundial. O trauma e a insegurança gerados pela Guerra ainda eram fortes lembranças para Cousin, pois em 10 de maio de 1940, a Bélgica, juntamente com a Holanda e Luxemburgo foram ocupados pelas tropas alemãs.³⁰⁹ Observa-se, assim, que Cousin expressava uma memória recente, relacionada à invasão da Bélgica pelo exército alemão, comandado por Hitler.

Entretanto, essa menção a Hitler, talvez, seja, também, apenas mais uma forma de desqualificar o agenciamento de Lumumba, sem qualquer lógica com o posicionamento político em si. Ademais, destaca-se, mais uma vez, a popularidade de Lumumba nas províncias do Congo, apesar de não ser tão bem quisto na Província do Katanga, onde partidos e movimentos contrários à sua proposta de independência eram intensos. Na carta, Cousin relata que, no período pré-eleitoral, Patrice Lumumba mostrava-se muito prudente e calmo, sem discordâncias com belgas ou congoleses. No entanto, afirmava saber de fonte segura que, tendo ido Lumumba a Kipushi, cidade localizada na Província do Katanga, teve perspectivas diferentes, pois não tinha boas relações com as autoridades dessa região.³¹⁰

Cousin relatou que nos centros urbanos do Alto Katanga, as vítimas do incidente descrito por ele eram partidárias da CONAKAT, o que teria provocado uma irritação enorme nas áreas rurais, nas regiões autóctones. Dessa forma, de acordo com J. Cousin, esses seguidores da CONAKAT teriam decidido “não somente boicotar, mas também caçar todos os

³⁰⁷ Lettre, 1960. Lumumba Petit Hitler. La Guerre froide touche aussi le Congo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

³⁰⁸ WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba: La crise congolaise revisitée**. Paris: Karthala, 1990, p. 54.

³⁰⁹ BEEL, G. Histoire du Congo. **Formation de la Nation Congolaise. Destinée aux élèves d'écoles du Congo**. Maison d'éditions AD.WESMAEL-CHARLIER (S.A) NAMUR - Belgique. 1963, p.74. Disponível em: <http://www.congoforum.be/upldocs/HISTbeel.pdf>

³¹⁰ OMASOMBO, Jean Tshonda ; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: acteur politique: de la prison aux portes du pouvoir**. Paris : Harmattan; Tervuren : Musée Royal de l'Afrique Centrale, 2005, p. 348-349.

indígenas originados do Kasai e até mesmo os Baluba do Katanga, que também eram considerados estrangeiros dentro do Alto Katanga"³¹¹. Dessa forma, é percebida a intensificação de um conflito, localizado no Katanga, fortemente embasado pela premissa do "catanguês autêntico", que acentuava o movimento de secessão, liderado por Moise Tshombe e apoiado por belgas, os quais tinham grande interesse econômico na região. Além disso, verifica-se, também, disputas e rivalidades existentes entre os grupos étnicos que habitavam aquele mesmo território.

Lumumba e Moise Tshombe tinham posicionamentos diferentes em relação à independência da colônia: enquanto o líder da CONAKAT possuía interesses étnicos e regionais, considerando que os recursos da Província não deveriam ser divididos com o restante do país; Lumumba, o líder do MNC, propunha a unidade dos povos e a unidade territorial, como fator principal no processo de independência.³¹²

Ao final de 1959, houve o que alguns autores chamaram de "radicalização" da postura de Lumumba, pois nesse ano, por não aceitar a forma como o processo de independência estava se desenvolvendo, ele teria rompido as relações com o Governo Belga.³¹³ Lumumba não concordava com a forma com que as eleições de 1959, anunciadas em Outubro pelo Ministro Auguste DeSchryver para que ocorressem em Dezembro, estavam sendo organizadas pelo Governo Belga.³¹⁴ Para ele, as eleições estabelecidas às pressas beneficiariam apenas à administração colonial e aos partidos locais, apoiados por ela, já que não haveria tempo para realizar a divulgação do MNC nas regiões rurais e mais afastadas das centros das Provinciais. O futuro Primeiro-Ministro desejava a formação de um governo provisório, a fim de preparar o país para a independência e pretendia o adiamento das eleições, que ocorreram em 1959.³¹⁵ Como as eleições seriam realizadas em nível municipal e territorial, Lumumba sabia que partidos étnicos e regionais teriam mais vantagens, além da influência das administrações provinciais e, por isso, solicitou que fossem postergadas as eleições para que seu partido, Movimento Nacional Congolês (MNC), pudesse ser divulgado no interior do Congo.³¹⁶

Nesse período, Lumumba notou a existência de alianças entre chefes autóctones/tribais e colonos belgas que administravam províncias, localizadas nas áreas rurais. Além disso, o não estabelecimento de um governo provisório e o veto ao adiamento das eleições fez com que ele percebesse as diversas estratégias forjadas pelas autoridades belgas, com o apoio de chefes autóctones (que, segundo ele, eram corrompidos pelo dinheiro oferecido pela administração), para desestruturarem o seu projeto de formação de uma nação congolês.³¹⁷ Diante desses e outros ocorridos, houve uma ruptura do frágil equilíbrio entre os seus interesses e os do Governo belga na condução do processo de independência.

Ao mesmo tempo, as relações entre o poder central, representado por Lumumba, e o local, representado pela Província do Katanga e a delegação, liderada por Moise Tshombe, estavam desgastadas. Em fevereiro de 1960, Lumumba havia se indisposto com a proposta federalista de Tshombe, em relação à divisão dos lucros da mineração produzida na província, pois não concordavam sobre a divisão e administração a ser estabelecida no Congo.³¹⁸ Em um debate sobre os poderes reservados ao poder central, Tshombe expressou formalmente, em

³¹¹Lettre, 1960.Lumumba Petit Hitler.La Guerre froide touche aussi le Congo. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

³¹²OMASOMBO, Jean Tshonda ; VERHAEGEN, Op. Cit. , p. 349.

³¹³Idem, p. 312.

³¹⁴Idem, p.312.

³¹⁵Idem, 2005, p.313.

³¹⁶Idem.

³¹⁷Idem.

³¹⁸Idem, 2005, p. 349-350.

nome da CONAKAT, a sua opinião sobre a concentração das riquezas da mineração e das fontes hidroelétricas e a sua permanência na província.³¹⁹ É interessante destacar que o posicionamento nacionalista de Lumumba refletiu sua avidez em manter a união territorial e em estabelecer um poder centralizado. Para ele, naquele momento, o controle do poder centralizado mostrava-se indispensável para formação nacional do Congo.³²⁰ No entanto, o projeto nacional de Lumumba incluía a manutenção de algumas estruturas do período colonial, como a união e os limites territoriais. Assim, o Congo deparava-se não só com desafios políticos externos, como o conturbado contexto de pós-guerra e Guerra Fria, como também com questões internas que tornavam o processo ainda mais delicado.

Patrice Lumumba buscava a união, a justiça e a dignidade dos povos africanos na luta pela libertação nacional, assim como a valorização dos africanos, o pan-africanismo e a cooperação com brancos que viviam no Congo. Seu posicionamento nacionalista e pan-africanista, assim como os ideais políticos de Nkrumah em Gana, eram facilmente notados em seus discursos políticos.³²¹

Percebe-se, assim, a relevância de verificar como as lutas pela independência e as revoltas internas no Congo belga, radicalizadas pelo separatismo katanguês, influenciaram o processo de descolonização como um todo e no contexto internacional de disputas por zonas de influência da Guerra Fria. Buscou-se também analisar como o contexto político e social do continente africano interferiram na Guerra Fria e na postura de autoridades ocidentais, diante das suas colônias africanas. Apesar da heterogeneidade dos partidos, dos ideais e das opiniões a cerca do sistema colonial, os grupos que participaram do movimento de independência tinham um sentimento em comum: o anti-colonialismo. É possível perceber que, líderes africanos, como Kwame Nkrumah³²² e Lumumba³²³ apropriaram-se de ideais ocidentais e adaptaram-nos às suas realidades sociais, em seus projetos de construção de “nação” e de libertação, diretamente relacionados à crítica da exploração colonial por potências ocidentais. No entanto, se deve ressaltar que, diante do contexto de disputas entre os EUA e a URSS, a Bélgica e, por conseguinte, as autoridades coloniais belgas estavam aliadas ao capitalismo dos EUA e, logo, tudo o que subvertesse a ordem colonial estaria relacionado ao comunismo. Nesse sentido, importa indicar que a luta contra a colonização e a exploração da mão de obra africana caracterizou a formação dos estados independentes africanos, que construíram, por meio através das suas próprias experiências, estratégias e sentimentos nacionais, impulsionadores das lutas pela libertação.

³¹⁹Idem, 2005, p.349.

³²⁰OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN, Benoit. **Patrice Lumumba: acteur politique: de laprisonaux portes du pouvoir**. Paris: Harmattan; Tervuren : Musée Royal de l'AfriqueCentrale, 2005, p. 348.

³²¹Para análise mais profunda dos discursos de Patrice Lumumba, ao longo de sua vida política, ver: VAN LIERDE, Jean. *La pensée politique de Patrice Lumumba*. Paris Ed.: Éditions Presence Africaine, [1963] 2010.

³²²Kwame Nkrumah foi o líder do processo de independência Gana e o primeiro presidente do país já independente da Inglaterra em 1957.

³²³ Patrice Emery Lumumba participou ativamente do processo de independência do Congo Belga e foi o primeiro Primeiro-Ministro do país. No entanto, o seu posicionamento crítico ao sistema colonial belga, considerado subversivo e radical por alguns, o levou a ser deposto do Cargo de Primeiro Ministro e assinado em 1961.

CAPÍTULO III – A independência do Congo e a sua repercussão

"Car cette indépendance du Congo, si elle est proclamée aujourd'hui dans l'entente avec la Belgique, pays ami avec qui nous traitons d'égal à égal, nul Congolais digne de ce nom ne pourra jamais oublier cependant que c'est par la lutte qu'elle a été conquise, une lutte de tous les jours, une lutte ardente et idéaliste, une lutte dans laquelle nous n'avons ménagé ni nos forces, ni nos privations, ni nos souffrances, ni notre sang. C'est une lutte qui fut de larmes, de feu et de sang, nous en sommes fiers jusqu'au plus profond de nous-mêmes, car ce fut une lutte noble et juste, une lutte indispensable pour mettre fin à l'humiliant esclavage qui nous était imposé par la force."³²⁴

(Patrice Emery Lumumba, 1960, trecho do discurso proferido durante a cerimônia de independência do Congo)

"Aos congoleses e congolesas, aos combatentes da independência."³²⁵

Nos primeiros meses do ano de 1960, entre os dias 20 de janeiro e 20 de fevereiro, ocorreu a Conferência da "Table Ronde" belgo-congolesa, em Bruxelas, onde foi acordado o dia 30 de junho, do mesmo ano, para oficialização da independência do Congo.³²⁶ A data da cerimônia de independência simbolizava apenas um marco para homenagear um longo processo de luta, negociações e agenciamento dos congoleses diante da colonização belga. No entanto, o evento tornou-se emblemático para o Congo, para a Bélgica e para a comunidade internacional, uma vez que foi televisionado e transmitido pelas rádios. Lumumba, como Primeiro Ministro do governo independente do Congo, posicionou-se de forma crítica à atuação colonial belga e ao discurso do Rei Baudouin I de valorização da presença belga para o desenvolvimento do Congo. Lumumba discursou em prol da dignidade humana, da luta pela justiça social e em defesa das relações políticas e comerciais estabelecidas na base do respeito entre africanos e europeus. Desse modo, a oficialização da independência do Congo e sua repercussão interna, na África e no âmbito internacional, devem ser examinadas, a partir de aspectos diversos, cuja origem está no desejo pelo reconhecimento do agenciamento dos africanos no processo de libertação congolês.

Neste capítulo, serão analisados os silenciamentos do discurso oficial sobre a atuação dos congoleses na luta anticolonial e na conquista da libertação do Congo. Tem-se como preocupação central, evidenciar a atuação desses militantes críticos ao sistema colonial e engajados na luta pela libertação política e econômica do Congo e a sua interação com os diversos sujeitos e espaços.³²⁷ Para atingir tal objetivo analisar-se-á o hebdomadário

³²⁴ Tradução livre da autora: Esta independência do Congo, se hoje foi proclamada, em acordo com a Bélgica, país amigo com quem nós tratamos como iguais, nenhum congolês digno deste nome jamais poderá esquecer que esta foi conquistada por meio da luta, uma luta diária, uma luta ardente e idealista, uma luta na qual não nos foi poupado força, dificuldades, nem o nosso sofrimento, nem o nosso sangue. Esta é uma luta de lágrimas, fogo e sangue, com a qual somos profundamente orgulhosos de nós mesmos, porque foi uma luta nobre e justa, uma luta essencial para acabar com a escravidão humilhante que nos foi imposta pela força. Discurso do Primeiro-Ministro Lumumba durante a cerimônia de independência.

Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³²⁵ Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 288.

Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³²⁶ J. Gerard-Libois & Benoit VERHAEGEN.. TOME I. **La Table Ronde, pour connaître, pour comprendre tout. Le Dossier du CRISP** (Centre de recherche et d'Information socio-politiques), Congo 1960, p. 17 - 18.

³²⁷ Buscamos trazer "ao centro da cena, a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados", por meio dessa perspectiva, vamos analisar a mobilização de sujeitos e os movimentos pela libertação do Congo,

"Remarques Congolaises" e as edições da revista trimestral, publicada pela "Academie Royale des Sciences d'Outre Mer", "Bulletin des Séances", publicações com as quais se teve contato, e que forneceram evidências, sobre o movimento anti-colonial e a atuação dos congolese para a efetivação da independência.

Ao pesquisar nos impressos as discussões que ponderaram sobre a oficialização da independência, depara-se com essas duas interessantes fontes que, de formas distintas, apresentam reflexões e a repercussão sobre a formação do primeiro governo congolês e a cerimônia da independência, na qual o discurso de Primeiro- Ministro Lumumba foi o centro das atenções. De um lado, representando o engajamento pela libertação e a crítica ao sistema colonial, temos a "Remarques Congolaises", a qual se destacou no âmbito congolês e belga, e, posteriormente, difundiu-se pelo continente africano. Sob outra perspectiva, de um âmbito acadêmico, se pode citar o "Bulletin des Séances" da "Academie Royale des Sciences d'Outre Mer"³²⁸, cujo objetivo era promover o conhecimento e o desenvolvimento científico no país em que se estava atuando e na própria Bélgica.

É interessante destacar que, apesar do perfil acadêmico do "Bulletin des Séances", era esperado encontrar textos sobre o evento da independência e a sua relevância para os países da Bélgica e do Congo. Entretanto, não foram encontrados artigos, nas publicações dos anos de 1959 e de 1960, às quais se teve acesso, que refletissem sobre a conquista e a concretização da independência congolês em si. O posicionamento da *Académie Royale des Sciences d'Outre Mer* omite o triunfo do movimento anti-colonial nacionalista e, paralelo a isso, a sua postura também se diferencia da *Remarques Congolaises*, diante da administração colonial, pois em suas publicações do ano de 1960 até o de 1961 não direcionam as discussões sobre a conquista da independência.

Tanto a "Remarques Congolaises", quanto o "Bulletin des Séances" tiveram importante papel na formação de memórias e olhares sobre o processo de busca pela libertação no Congo. Por meio da sua organização, do seu posicionamento político e da sua representação social, discorriam sobre os embates sociais e políticos que a colônia presenciava naquele período. As duas publicações, portanto, foram responsáveis para a formação da memória e da identidade nacional, construída no período, tendo em vista que uma das principais funções da memória comum é reforçar a coesão social de um grupo que, no caso desse estudo, é representado pelos congolese e pelos sujeitos que buscavam a libertação do Congo.³²⁹

protagonizados pelos congolese. LUCA, Tania Regina de. História dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.113-114.

³²⁸A atual *Academie Royale des Sciences d'Outre Mer* foi fundada em 1928 e inaugurada em 1929, pelo Ministro Henri Jaspar, sob o nome de *Institut Royal Colonial Belge* e teve durante muitos anos seu trabalho direcionada ao continente africano, sobretudo ao então chamado Congo belga. O instituto foi renomeado, em 1954, como *Academie Royale des Sciences Coloniale*, e, a partir de 1959 até os dias de hoje, o instituto é chamado de *Academie Royale des Sciences d'Outre Mer*. Atualmente a Academia organiza uma gama de atividades científicas e publicações que abrangem temas de interesse para territórios ultramarinos ou sobre assuntos mais globais, possuindo parcerias com outros institutos científicos como *Instituto de Investigação Científica Tropical*, de Portugal, a *World Academy of Sciences*, na Itália e a *Academia nacional de Ciencias*, na Bolívia. Dentre as atividades realizadas pela Academia, destacamos as publicações de trabalhos científicos que são divididos em: *Les Bulletin des Séances*, *Les Memoires*, *Les Actes*, *La Biographie belge d'Outre Mer*, *Fontes Historiae Africanae*. O *Bulletin des Séances*, fonte em que estamos trabalhando especificamente, neste e no segundo capítulo, é uma revista trimestral da Academia, formada geralmente por quatro volumes: a primeira edição, o *l'Annuaire*, com a composição da comissão e apresentação da edição e as outras três edições com as atas das reuniões e os textos das apresentações orais.

³²⁹ POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

Dessa forma, se busca analisar nessas publicações, as tensões entre a tentativa de construção de uma identidade nacional, pautada na valorização da experiência congoleza e a desvalorização dessa prática, por parte do governo belga. A partir da omissão de alguns fatos e do destaque de outros, os textos publicados nesses periódicos foram responsáveis por inflamar as manifestações anti-coloniais e disseminar a eferescência política no Congo e fora dele.

Tendo em conta a multiplicidade de sentidos da história do Congo e a sua conexão com o continente africano e o mundo internacional, antes de trabalhar diretamente com as fontes em si, devem ser analisados os contextos políticos e sociais internos e externos desse processo de libertação para melhor compreender as tensões e conflitos em torno da oficialização da independência do Congo. Ademais, analisar-se-á separadamente e, em seguida, realizar-se-á o cruzamento das fontes citadas acima, discorrendo sobre a sua atuação, o seu posicionamento político, os sujeitos sociais envolvidos e o contexto internacional, no qual essas publicações influenciaram e foram influenciadas.

Como já apontado no primeiro capítulo, o Congo era dotado de uma estratégica posição central no Continente Africano e possuía importantes minérios (coltan, urânio, cobalto), que foram utilizados para a fabricação da primeira bomba atômica, fatores que conferiam grande interesse internacional, principalmente, da própria Bélgica em mantê-lo, como colônia. Devido à compreensão da importância e a repercussão internacional dos acontecimentos no Congo, observa-se o contexto de manifestações anti-coloniais e a busca pela independência na África, como irradiador político de grande importância para as reformulações das potências internacionais, sobretudo, diante do contexto de internacional da Guerra Fria. Os movimentos de libertação na África proporcionaram novas alianças entre as potências europeias e os EUA, com a finalidade de afastar as colônias africanas das influências soviéticas e anti-colonialistas. De acordo com Muniz Ferreira:

Nestas novas condições, a opção pelo desenvolvimento de uma política de contenção da influência soviética na África reaproximou os EUA das antigas potências coloniais européias e os colocou na contramão dos movimentos de libertação nacional do continente, sobretudo daqueles cuja radicalidade anticolonial e ênfase nas definições anti-imperialistas contribuíram para uma aproximação com as posições soviéticas.³³⁰

O que ocorreu no Congo e em outros países africanos, que vivenciavam a busca pela emancipação, influenciou diretamente no cenário internacional. É possível citar como exemplo de alianças e de construções de estratégias políticas, o estreitamento das relações entre a Bélgica e os EUA, durante o chamado período de descolonização do Congo. O governo belga, fortalecido pelo apoio dos EUA, interveio, a partir de várias estratégias, sociais, políticas e militares, no processo de independência do Congo.³³¹

A década de 60 - ano em que o Congo oficializou a sua independência- distinguiu-se como o período das independências dos países africanos. Os movimentos de libertação africana iniciaram-se nos anos 50, com a Tunísia, e perduraram até 1990, com a independência da Namíbia.³³² As potências europeias, a partir da década de 50, além de estarem se recuperando das sequelas da Segunda Guerra Mundial, nas quais se utilizaram

³³⁰ FERREIRA, Muniz. **A África contemporânea: dilemas e possibilidades**. Secretaria de educação de Salvador. Disponível em: http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/africa_contemporanea.pdf

³³¹ DEPELCHIN, Jacques. **Por una recuperación de la historia africana: De África a Haití a Gaza**. Barcelona: Oozebapp, 2011, p. 17.

³³² FERREIRA, Muniz. **A África contemporânea: dilemas e possibilidades**, p.4. Disponível em: http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/africa_contemporanea.pdf

muitas vezes de soldados africanos em suas batalhas³³³, enfrentaram ainda a ameaça e a perda das suas colônias africanas. A perda desses territórios representava o enfraquecimento político e econômico das potências ocidentais. Por outro lado, revelava-se a luta pelos direitos civis e o resgate da dignidade da humanidade, nos quais líderes africanos, como Lumumba e Nkrumah, estavam engajados. Essa luta denunciava também as atrocidades cometidas em terras africanas pelos europeus que, décadas depois, ficaram surpresos com a tirania e a violência de Hitler³³⁴.

O processo de luta pela libertação do Congo, liderado por Lumumba, não foi o primeiro, nem o único movimento nacionalista de caráter anti-colonial no continente Africano; países, como a Etiópia, Gana e a República da Guiné Conacri já eram independentes, quando o Congo oficializou a sua independência. Os líderes políticos destes países apoiaram e, sobretudo, lutaram para fortalecer um movimento maior de resgate da humanidade dos negros e povos africanos, por meio do pan-africanismo e da união do continente para a sua libertação como um todo. Nesse sentido, a independência do Congo foi uma luta nacionalista, representativa do posicionamento político- ideológico da África no Mundo, a partir da sua vivência colonial. A luta pela libertação no Congo associou o anti-colonialismo interno, a partir da sua experiência a um movimento continental, do qual Lumumba e Kwame Nkrumah³³⁵, então Primeiro Ministro de Gana, eram figuras centrais.

Foi em 1958, na Conferência dos Povos, ocorrida na capital ganense Accra, que os dois líderes políticos conheceram-se e, a partir de então, o líder ganense concretizou o seu apoio à ação de Lumumba na libertação nacional do Congo. Tanto Nkrumah, quanto Lumumba almejavam a libertação política, econômica e a reconquista da dignidade, bem como a libertação da África, como um todo e possuíam críticas contundentes ao sistema colonial. Segundo Nkrumah, o movimento de libertação do Congo refletia, para todos os africanos de todos os lugares, independente de onde morassem, um componente da luta pela libertação do continente Africano.³³⁶

Nessa perspectiva, é analisada a reorganização do contexto internacional do pós-guerra, impactado pelos movimentos de libertação que eclodiram no continente Africano e as estratégias das grandes potências para a manutenção da dominação em suas colônias na África. Procurar-se-á, portanto, compreender este período de luta pela libertação da perspectiva de suas lutas internas e da sua irradiação para o âmbito internacional.

A longa duração desse processo representou, de um lado, o complicado contexto político, no qual as lutas de independência estavam inseridas, tendo em vista a questão da Guerra Fria e a resistência das metrópoles. E por outro, os embates internos das colônias sobre a independência, dos grupos com opiniões, desejos e projetos diversos e divergentes sobre a emancipação da colônia.

Por meio de uma perspectiva mais específica sobre esse período, Alain Kaly apontou que as independências na África iniciaram-se, de fato, com a queda do Muro de Berlim e o desmantelamento do socialismo, tendo em vista que o contexto da Guerra Fria, período no

³³³ MAZRUI, Ali A. ; WONDJI, Christophe (Ed.). **História Geral da África**. VOL.VIII. África desde 1935. Sessão I. Brasília: UNESCO, 2010, p.120.

³³⁴ De acordo com HOSCHILD, embora não haja um recenseamento preciso do período, aproximadamente 10 milhões da população do Congo morreram durante a dominação de Leopoldo II até a década de 1920. Era recorrente presenciar "Aldeias incendiadas, reféns famintos, refugiados aterrorizados morrendo nos pântano, ordens de 'extermínio'.....O autor destaca que " No Congo, assim como na Rússia, o assassinato em massa teve um ímpeto próprio." HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 242-243.

³³⁵ Kwame Nkrumah, pan-africanista e grande liderança política na luta anti-colonial do primeiro país a conquistar independência na chamada África subsaariana. Nkrumah foi o primeiro Primeiro-Ministro da República de Gana e, depois, tornou-se presidente do país de 1960 até 1966.

³³⁶ NKURUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: International Publishers, 1970, p. 14.

qual a maior parte dos países realizou as suas cerimônias de independência - consistiu em uma atmosfera de difícil mobilidade política e econômica para os países recém-independentes.³³⁷ Nesse sentido, Kaly destacou a queda do muro de Berlim, como fato que contribuiu, tanto para o fim da Guerra Fria, como para a dissolução de um dos últimos pilares do colonialismo na África: o *apartheid* na África do Sul, com a saída de Nelson Mandela da prisão, cuja trajetória foi marcada pela luta contra o discurso de inferioridade do negro.³³⁸

Sobre as relações entre as colônias e as suas metrópoles, para o historiador Jacques Depelchin, no período de descolonização, foi decidida a preparação de uma era pós-colonial nos moldes de um colonialismo mais gentil e complacente, em benefício da imagem da Europa. O autor destacou o estabelecimento de "tratados de amizade" surgidos nesse contexto, que não previam o investimento no ensino superior e, conseqüentemente, a formação de quadros administrativos qualificados. Estes elementos ilustraram o desinteresse em preparar o Congo para a independência. Depelchin explica que esse "colonialismo mais gentil" consistiu em uma nova fase de depredação das riquezas naturais e imposições de presidentes, com a finalidade de manter o controle dos interesses das ex-potências, mesmo após a independência desses países. A partir dessas estratégias, imputavam-se os diversos fracassos políticos e econômicos que assolavam grande parte dos estados, exclusivamente, aos próprios dirigentes africanos, os quais receberam as atribuições políticas e as funções, antes geridas pelo governo belga.³³⁹

A formulação de um colonialismo menos violento e mais benevolente, como aponta Depelchin, fez com que os colonizadores disseminassem a ideia de uma falsa parceria altruísta entre metrópoles e colônias.³⁴⁰ Esta estratégia teria se pautado na imagem de um apoio voluntário das metrópoles ao desenvolvimento das suas colônias, em processo de independência. O pressuposto humanitário da colonização belga foi largamente defendido por seus representantes, tal como pode ser evidenciado, por intermédio da análise do pronunciamento do rei belga, Baudouin I, na cerimônia de independência do Congo.³⁴¹

Em seu discurso, Baudouin I alegou ser a Bélgica e o Congo países amigos, que deveriam manter as suas relações estreitas, explicitando, assim, o seu desejo de manter o domínio na colônia, após a independência. Dentro dessa perspectiva, além do caráter paternalista da colonização belga³⁴², é importante apontar o peso do contexto político sobre a independência. Diante do contexto de polarização e de instabilidade mundial do pós-guerra e da Guerra Fria, era essencial para a Bélgica, tendo em vista os recursos naturais, controlar economicamente a região. De acordo com ele:

Dorénavant, la Belgique et le Congo se trouvent côte à côte comme deux Etats souverains, et liés par l'amitié et décidés à s'entr'aider. Aussi, nous remettons aujourd'hui entre vos mains tous les services administratifs, économiques, techniques et sociaux, ainsi que l'organisation juridique, sans lesquels un Etat

³³⁷ KALY, Alain Pascal. O ensino da História da África no Brasil: o início de um processo de reconciliação psicológica de uma nação? In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Org). **Ensino de história e culturais Afro-Brasileira e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 155-214.

³³⁸ Idem.

³³⁹ DEPELCHIN, Jacques. Versão em português de Silences in African History. (MIMEO)

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Idem.

³⁴² "Le paternalisme avait pour origine un sentiment de supériorité des Européens face aux Africaines. les Africaines étaient considérés comme des primitifs, ou au mieux comme des enfants. A ce titre ils devaient être à la fois éduqués et protégés." DEMBOUR, Marie-Bénédicte, "La peine durant la colonisation belge" dans *La peine, Quatrième partie = Punishment - Fourth Part*, Bruxelles: De Boeck, 1991, 514 p. aux p.67-95, (Collection; Recueils de la Société Jean Bodin; vol. 58), (series; Transactions of the Jean Bodin Society for Comparative Institutional History; vol. 58)

moderne n'est pas viable. Les agents belges sont prêts à vous apporter une collaboration loyale et éclairée.

Votre tâche est immense et vous êtes les premiers à vous en rendre compte. Les dangers principaux qui vous menacent sont: l'inexpérience des populations à se gouverner, les luttes tribales qui, jadis ont fait tant mal et qui, à aucun prix, ne doivent reprendre, l'attraction que peuvent exercer sur certaines régions des puissances étrangères prêtes à profiter de la moindre défaillance.³⁴³

Assim, o rei belga expressou claramente o interesse do governo em sustentar os laços com a sua ex-colônia, colocando os agentes belgas à disposição para auxiliar os dirigentes congolezes nas tarefas administrativas do país. Em tom de conselho, o Rei Baudouin I frisou os desafios que o governo congolês enfrentaria diante da inexperiência dos dirigentes africanos e dos conflitos étnicos. Desse modo, o Rei demonstrou a intenção de tutela do governo belga com o recente país, a partir da sua subjugação sobre a capacidade do congolezes administrarem o Congo, sem o amparo belga.

Considera-se que Bandouin I silenciou sobre a resistência do governo belga ao seu processo de independência, pois o pequeno país europeu dependia da exploração dos recursos congolezes para a estabilidade da sua economia e, inclusive política, diante do contexto pós-guerra. Afinal, o Congo era uma colônia rica em recursos hídricos e minerais de grande importância para Bélgica e demais potências ocidentais da época. Nesse período, as terras do Congo tornaram-se ainda mais interessantes, já que eram ricas em minérios, como ouro, carvão, cobalto, diamante, entre outros, mas, principalmente, o urânio, elemento essencial na fabricação da bomba atômica, lançada pelos EUA nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. Assim, perder uma colônia, como o Congo, significava um grande desfalque político e econômico em um momento tão delicado, como o da Guerra Fria. As tentativas de acordos e concessões pré-independência exemplificavam como esses mecanismos eram utilizados, como estratégia pela potência colonial para manter o controle sob o território congolês.³⁴⁴

Outra razão para o silenciamento das lutas contra a exploração, pode ser observada, em função do estabelecimento de uma imagem humanitarista da Bélgica; outro elemento presente na fala do rei belga. De acordo com Depelchin, o sentimento de "Irmandade universal", surgido no contexto da descolonização, evidenciava a tentativa de apagar um passado colonial, mergulhado no terror de genocídios e violência, para a construção de uma história, cujos países estabeleceram-se sob as atrocidades coloniais e, assim, pudessem ser representados como defensores da liberdade e protagonistas do progresso.³⁴⁵ Dessa maneira, a recusa da metrópole em assumir um passado, pautado na violência do sistema colonial, era verificada como uma estratégia, pois, a partir desse esquecimento proposital, as potências europeias buscaram legitimar uma imagem altruísta, diante das lutas e dos movimentos pela independência, realizados na África por suas colônias.

³⁴³ Tradução livre da autora: Daí em diante, a Bélgica e Congo estão lado a lado como dois Estados soberanos, e ligados por amizade decidiram ajudar um ao outro. Então, hoje estamos de mãos dadas na nos serviços administrativos, econômicos, técnica e social e na organização jurídica, sem as quais um Estado moderno não é viável. As autoridades belgas estão prontas para lhe trazer uma colaboração leal e instruída (sábia, clara em termos de conhecimento).

A tarefa é imensa e vocês serão os primeiros a perceberem. As principais perigos são: a inexperiência do povo para governar, lutas tribais que já fizeram tanto mal e que a qualquer preço não deve ser retomada, e a possível atração de potências estrangeiras, prontas para tomar vantagem da menor falha, sobre algumas regiões do país." Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 286-287. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁴⁴ DEPELCHIN, Jacques. Silences (MIMEO)

³⁴⁵ Idem.

Dessa maneira, a análise do movimento congolês pela libertação, a partir dos elementos intrínsecos ao Congo e da mobilização, dos impasses e dos conflitos vivenciados pelos sujeitos do período, possibilita reivindicar o conhecimento de outra perspectiva histórica. A história de atuação, negociação, resistência ou conivência nos processos coloniais e de libertação da história do Congo precisa ser compreendida e reconhecida, por meio do protagonismo desses atores sociais, que foi, sistematicamente, negligenciado. Tendo em vista a dificuldade ao acesso das fontes produzidas e deixadas por esses sujeitos, o periódico engajado "Remarques Congolaises" revelou-se de grande importância para resgatar a atuação dos congolese na formação do seu país.

O *Remarques Congolaises* no movimento pela libertação

O periódico africano, fundado em 1959 e dirigido por J. Ceulemans e Jules Chomé, além de possuir edições quinzenais, também publicava livros sobre a história do Congo e a questão do movimento anti-colonial no continente africano. Buscou-se analisar o *Remarques Congolaises* para os aspectos cotidianos, verificando a forma com que o periódico atuou na causa pela independência e os impasses políticos e sociais que ocorriam no Congo, durante esse processo. Por meio das edições de finais dos anos de 1959, é possível verificar a participação de militantes anti-coloniais, verificando as discussões sociais e políticas, presentes no território congolês neste período.

Apesar da sede administrativa ser na Bélgica, o periódico focava as suas discussões e os artigos em questões acerca dos movimentos anti-coloniais na sociedade congolese e no continente africano. Os periódicos analisados neste capítulo encontram-se disponíveis em formato digital no "site-portal" da associação *CongoForum*³⁴⁶, formada por belgas e congolese³⁴⁷, que se auto identificam como organização de caráter "pluralista" e "multi-setorial". A *CongoForum*, que neste ano completa dez anos de atuação, tem por principal objetivo possibilitar o acesso aos documentos, tanto quanto sensibilizar, informar, incentivar a atuação de pesquisadores e interessados no Congo (RDC), por intermédio de uma plataforma de documentos, obras e informações sobre o país. Além disso, a *CongoForum*, atualmente, possui um jornal de notícias sobre o Congo, chamada *Revue de la presse Congolaise*, que oferece uma opção de informação complementar à imprensa tradicional. A associação possui em seu portal um eminente acervo digitalizado com grande valor histórico, com obras do século XX, periódicos, mídias, mapas e outros impressos da época. Vale destacar a relevância desse projeto, em virtude da democratização do alcance à essa documentação, que se encontra, em grande parte, em instituições, como o *Musée royal de l'Afrique centrale (MRCA)* e *Centro de recherche e d'information socio-politique (CRISP)*, nos quais os documentos estão disponíveis apenas para consulta local.

O *Remarques Congolaises /Revue africaine hebdomadaire d'information et documentation congolaise*, que, posteriormente, foi renomeado de *Remarques Africaines*, teve suas primeiras edições marcadas pela luta, já em estado intenso, pela independência do Congo. Este periódico foi fruto do engajamento de militantes belgas e do seu apoio ao movimento dos congolese contra o sistema colonial, trazendo, assim, um conteúdo crítico e contrário ao interesse da grande mídia belga, empresas e representantes da administração colonial. Dessa forma, o periódico destacou-se por seu perfil contrário à colonização belga e - como consequência da lógica desse período de bipolarização internacional entre EUA e URSS - considerada comunista. O periódico foi criado em 1959 e produzido artesanalmente.

³⁴⁶ Ver portal em: <http://www.congoforum.be/fr/showpage.asp?page=about> (acesso em 19/02/2015)

³⁴⁷ O CongoForum é composto pelo conselho administrativo: *Denis Bouwen, Guy De Boeck, Hélène Madinda, Godet Mati Latita, Paulin Mwaku-Muloshi, Klaas Vanhalst.*

Durante os primeiros meses, o periódico era distribuído, oficialmente, apenas para a Bélgica/Europa.³⁴⁸ Este passou a ser distribuído no Congo, somente após a oficialização da independência (30/06/1960), já que antes enfrentava a censura da administração colonial belga, devido ao seu conteúdo crítico ao colonialismo. No entanto, isso não impedia que o seu conteúdo chegasse aos congoleses, pois a interação do movimento anti-colonial entre os pares fazia com que o periódico, tal como informações, livros e ideais, circulasse entre os que estavam engajados na militância pela independência. Deve-se destacar também o contato direto que o fundador do *hebdomadaire africaine Remarques Congolaises* e militante anti-colonial, Jules Chomé possuía com líderes políticos congoleses, como Lumumba e Antoine Tshimanga.³⁴⁹ Apesar do seu posicionamento crítico ter sofrido repressões tanto na Bélgica quanto no Congo, o periódico manteve as suas edições, durante o processo de independência e, a partir de 1962, período em que passou a ser editado em duas versões: uma para Europa, com publicidades específicas, e, a outra, para ser distribuída na África. As edições destinadas ao continente africano possuíam o termo *avion*, em destaque, impresso na capa principal para que pudesse ser transportado pelo correio aéreo.

O *Remarques Congolaises* teve como um dos principais responsáveis, Jules Chomé e Jacques Ceulemans, este, frequentemente, utilizava o pseudônimo de Mupenda Bantu,³⁵⁰ ambos com a trajetória marcada pelo engajamento político e social contrário ao colonialismo. Julés Chomé, um democrata advogado belga, escreveu e foi autor de vários livros³⁵¹ sobre o Congo, nos quais expressou a sua militância nas causas políticas e humanitárias em que era engajado.³⁵² Participou como conselheiro da reunião da Table Ronde, ao lado de Lumumba e Tshimanga, defendendo os seus ideais sob a posição de presidente da *Association belges de juristes démocrates* e como vice-presidente da *Association internationale des juristes démocrates*.³⁵³ Anterior ao seu engajamento na causa pela libertação do Congo, J. Chomé, em 1935, aderiu ao movimento «Renaissance judiciaire», em Bruxelase e foi vice-presidente da *Association belges de juristes démocrates*.³⁵⁴

Foi a partir de 1956, após retornar de uma estadia militante na China Popular, que se dedicou à causa congolesa. Julés Chomé foi casado com a advogada e engajada feminista Francine Lyna³⁵⁵; ambos eram envolvidos na luta pelos direitos humanos e igualdade sociais,

³⁴⁸ Descrição sobre o periódico no portal de documentos CongoForum. Ver: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected> (04/03/2015)

³⁴⁹ Fonte-livro comentado por Guy De BOECK, onde ele faz uma apresentação de Jules Chomé, o autor do livro *La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)*. Presence Africaine, 1959. Disponível em http://www.pcco.tv/sites/default/files/flipdf/Chom%C3%A9%20Kimbangu_0.pdf

³⁵⁰ É interessante destacar a adoção do nome Mupenda Bantu por Jacques Celeumans, pois aponta o perfil militante anti-colonial e a identidade congolesa e africana do hebdomadário. Por exemplo, temos a letra "M" que significa algo que é, o termo "Upendo" indica amar, de acordo com dicionário swahili, e segundo Obenga, o termo "Bantu" refere-se, em relação à estrutura sócio-política de algumas sociedades, a mulheres e homens livres, que formam de fato a comunidade da aldeia. OBENGA, Théophile. *Le Zaïre: civilisations traditionnelles et Culture moderne* (Archives Culturelles d'Afrique Centrale). Paris: Présence Africaine, 1977.; Dicionário Swahili-francês, disponível em : <http://www.congoforum.be/updocs/Swahili%20Fran%C3%A7ais.pdf>

³⁵¹ Dentre os principais livros de Jules Chomé, destacamos o "La passion de Simon Kimbangu" e o "La Crise Congolaise".

³⁵² Fonte-livro comentado por Guy De BOECK, onde ele faz uma apresentação de Jules Chomé, o autor do livro *La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)*. Presence Africaine, 1959. Disponível em http://www.pcco.tv/sites/default/files/flipdf/Chom%C3%A9%20Kimbangu_0.pdf

³⁵³ Fonte-livro comentado por Guy De BOECK, no qual há uma apresentação de Jules Chomé, o autor do livro *La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)*. Presence Africaine, 1959. Disponível em http://www.pcco.tv/sites/default/files/flipdf/Chom%C3%A9%20Kimbangu_0.pdf

³⁵⁴ Sobre Jules Chomé ver pequena biografia escrita por Michel Bailly. Disponível em : <http://archives.lesoir.be/un-avocat-et-juriste-democrate-militant-me-jules-chome-t-19920110-Z04VCW.html>

³⁵⁵ Francine Lyna foi uma grande militante, engajada nas causas da luta pelo desarmamento, pelos direitos da mulheres, pelos direitos humanos e contra as desigualdades sociais. Foi Fundadora e presidente do "

possuíam estreita relação com o Partido comunista Belga e o movimento socialista. J. Chomé foi um dos principais responsáveis pela fundação e veiculação do *Congolaises*. Apesar do silenciamento da historiografia e de outras literaturas, Chomé, sem dúvidas, teve importante papel ativo, junto aos congolezes na luta cotidiana contra o colonialismo. É importante destacar, como apontado por Guy De Boeck, o desconhecimento e a não visibilidade de notáveis sujeitos que lutaram contra o sistema colonialista, os quais permanecem, até os dias de hoje, à margem da história, sobretudo, da historiografia acerca da história do Congo.³⁵⁶ Essas abordagens, muitas vezes, concentram as suas análises sobre o posicionamento de Lumumba, por eles considerado “radical”, e sobre a intervenção militar belga já nos seus primeiros dias de independência da República Democrática do Congo, destacando, em contrapartida, a contribuição da atuação belga no desenvolvimento político e social, em detrimento da depredação ocorrida na colônia.

Pois bem, o movimento anti-colonial e a luta pela independência contaram com a participação de grupos não homogêneos, com pensamentos, ideologias e nacionalidades muitas vezes distintas, mas unidas pelo desejo do fim do colonialismo. Apesar da importância da atuação dos próprios congolezes no anti-colonialismo e na busca pela libertação, eles também contaram com a participação e apoio de outros atores sociais que se articulavam, fortalecendo e divulgando o anti-colonialismo no continente africano e fora dele. Além de Jules Chomé e Jacques Ceulemans, existiram outros belgas que defenderam a independência e que se engajaram na luta anticolonial, como: Placide Tempels³⁵⁷ e Antoine Rubbens³⁵⁸. Estes são conhecidos na bibliografia, e pelo que se percebe, foram chamados, no período, de “amigos da independência”, tendo em vista o apoio e a participação destes, em prol da independência do Congo.

No ano de 1959, os motins e as manifestações de diversos cunhos intensificaram-se e foram retratadas não só em jornais africanos, mas também no âmbito internacional, como, por exemplo, no *Jornal do Brasil*, no qual é possível encontrar notícias sobre esse período de agitação no Congo.³⁵⁹ O hebdomadário africano *Remarques Congolaises* trazia, abaixo da contracapa, um trecho do filósofo racionalista René Descartes, retirado do "Discurso sobre o Método": "C'est la puissance de distinguer le vrai d'avec le faux qui est propement ce que l'on

Rassemblement des Femmes pour la paix (RFP)", atuou pelos direitos das mulheres na Nações Unidas, e contribuiu ativamente para revistas militantes como o Cahiers marxistes. Ver também: <http://www.lalibre.be/actu/belgique/francine-lyna-une-grande-juge-d-instruction-51b8fc6fe4b0de6db9ca7248> (acesso em 27/09/2015)

³⁵⁶ Fonte-livro comentado por Guy De BOECK, no qual é feita uma apresentação de Jules Chomé, o autor do livro *La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)*. Presence Africaine, 1959. Disponível em http://www.pcco.tv/sites/default/files/fillpdf/Chom%C3%A9%20Kimbangu_0.pdf

³⁵⁷ Placide Tempels era um missionário franciscano que ficou muito conhecido por seu livro "La Philosophie Bantoue".

³⁵⁸ Antoine Rubbens era um intelectual muito influente na Bélgica, dentre outros cargos, foi membro titular da Académie Royale des Sciences d'Outre-mer da Bélgica em 1947, professor emérito na Faculté Universitaire Sint Aloysius, em Bruxelas e cofundador da Université Catholique de Bruxelles. Centre Équatoria/Centre de Recherches Culturelles Africanistes. Antoon rubbens (1909 - 2000): notice biographique / par Honoré Vinck. Disponível em: <http://www.aequatoria.be/04frans/032biobiblio/0321RUBBENS.htm>

³⁵⁹ Neste período já havia uma significativa imprensa no Congo que contava com jornais, rádio e outros impressos, no entanto, muitos deles são de difíceis acesso e ainda não estão digitalizados, o que demanda uma visita ao país na continuação desta pesquisa. Podemos citar também as revistas *Civilizações*, fundada em 1952 pelo Instituto de Sociologia Bruxelas, e a *Aequatoria*, criada em Coquilhatville (agora Mbandaka), a partir de 1938, que trazem uma perspectiva colonialista e a *Eurafrica* ou *Remarques Congolaises*, cuja opinião anticolonista propagou um posicionamento mais ofensivo na mídia em relação à independência. DESLAURIER, Christine. "LA DOCUMENTATION AFRICAINE À BRUXELLES" Les fonds du ministère belge des Affaires étrangères (Burundi, Congo, Rwanda). *Afriqué & histoire*, 2003/1. Vol.1, p.223-234.

nomme le bon sens ou la raison."³⁶⁰ Esta citação, após o nome "Remarques Congolaises/ Courrier hebdomadaire d'information et de documentation congolaises", está presente nas edições, com as quais se está trabalhando nessa pesquisa, como marca de identidade e posicionamento da revista. É provável que a referência ao filósofo francês René Descartes esteja relacionada à valorização de uma determinada concepção de verdade, como elemento intrínseco à razão, evidenciando a sua defesa pela transparência dos fatos.

As edições do periódico passaram a ser publicadas a partir de 17 de fevereiro de 1959, no entanto, encontraram-se disponibilizadas somente as edições, a partir de dezembro de 1959. A equipe da redação intitulava-se "euroafricana", e definia a publicação semanal (Courrier hebdomadaire), como um panorama da imprensa congolosa, cujo objetivo consistia em situar os problemas econômicos e políticos belgo-congolares do Congo. No periódico, podiam ser encontradas crônicas semanais, assinadas por "Mupenda Bantu", que era o próprio Jacques Celeumans, e as reflexões de Jules Chomé e, também, havia uma sessão chamada "Tribune Libre", cuja escrita era aberta a todas as opiniões. Para eles, o periódico "Il ne s'agit donc pas d'une simple compilation journalistique mais d'un inventaire, critique, réfléchi-souvent commenté"³⁶¹, no qual observam-se um forte engajamento político, uma preocupação social e uma crítica ao sistema colonial. Além do que, a revista comunicava, em letras garrafais, aos seus leitores que a sua aquisição era uma forma de apoio, por "DÉGAGER LA ROUTE VERS DES OBJECTIFS COMMUNS AUX AFRICAINS ET EUROPÉENS".³⁶²

As edições desse hebdomadário constituem parte de um acervo digitalizado que compreende o período entre 1959 até 1960. Entretanto, algumas das edições não estão presentes no acervo. No recorte para esta pesquisa, trabalha-se com todas as publicações de Dezembro de 1959 e as de Janeiro, Fevereiro, 10 de Março, 31 de Março, e 9 de Junho de 1960. Além disso, é utilizada também a publicação especial de independência do Congo, datada dos dias 7 e 14 de Julho de 1960. Nestas edições, observa-se o destaque sobre a efervescência política interna da colônia, os embates políticos, as possibilidades de caminhos para a independência e a atuação dos sujeitos e partidos, envolvidos no processo de libertação congolosa.

Silêncios e ruídos do 30 de junho de 1960

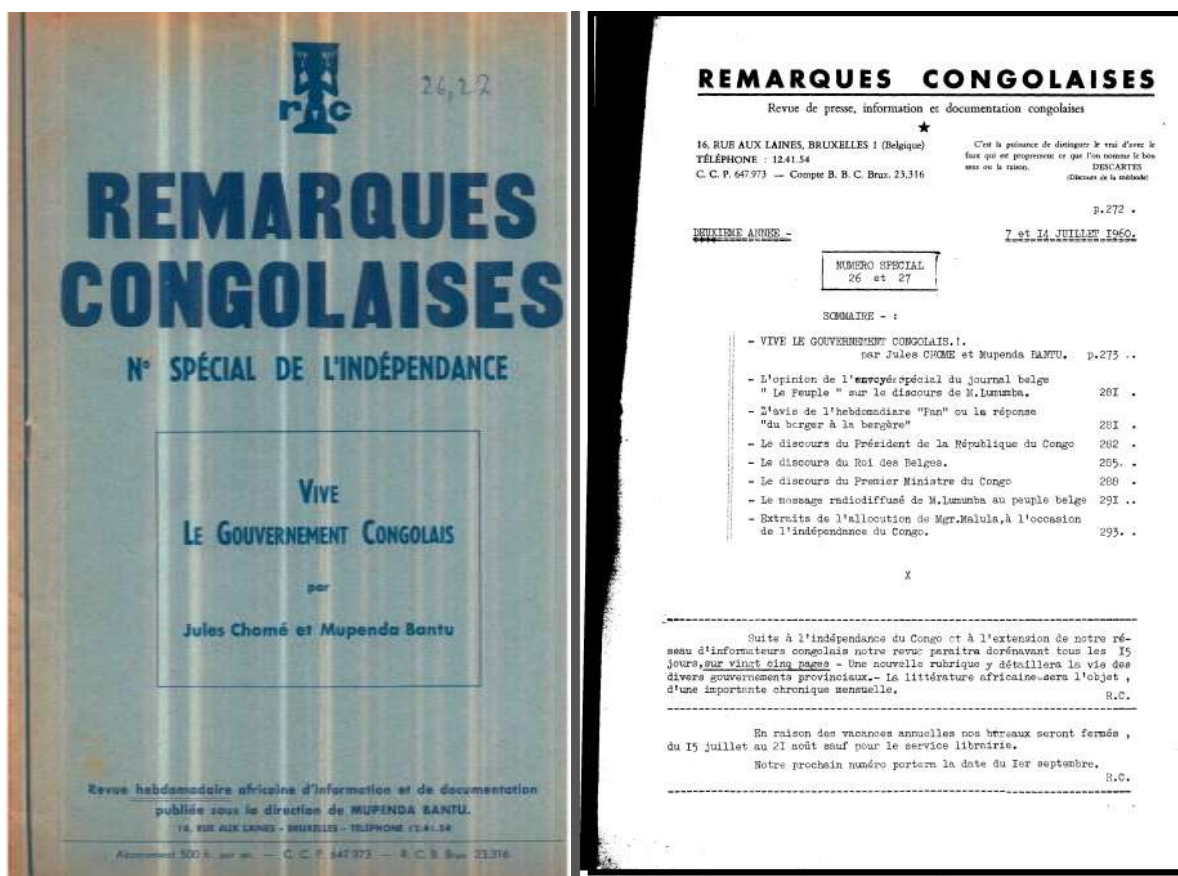
Na edição especial de independência, a *Revue hebdomadaire africaine d'information et de documentation* intitulada "*Vive le Gouvernement congolaise!*" produzida por Jules Chomé e Mupenda Bantu, o hebdomadário, comemorava a formação do governo congolês. Esta edição de número especial, dos dias 7 e 14 de Julho de 1960, trazia os seguintes textos no índice da sua publicação: 1) Vive le Gouvernement Congolais; 2) L'opinion de l'envoyés spécial du journal belge "Le Peuple" sur le discours de M. Lumumba; 3) L'avis de l'hebdomadaire "Pan" ou la réponse "du berger à la bergère"; 4) Le discours du Président de la République du Congo; 5) Le discours du Roi des Belges; 6) Le discours du Premier Ministre du Congo; 7) Le message radiodiffusé de M. Lumumba au peuple belge; 8) Extraits de l'allocution de Mgr. Malula, à l'occasion de l'indépendance du Congo.

³⁶⁰ "É o poder de distinguir o verdadeiro do falso que é precisamente chamado de bom senso ou razão."

³⁶¹ Tradução livre da autora: "Portanto, não é apenas uma compilação jornalística, mas sim um inventário, crítico, reflexivo - muitas vezes comentado." Remarques Congolaises, 1959. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁶² "(...)liberar a estrada em direção aos OBJETIVOS COMUNS PARA AFRICANO [grifo como esta no original] e Europa(...)" Remarques Congolaises, 1959. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

Imagem 3.1 – Edição Especial de Independencia do Congo-RDC do Remarques Congolaises, 1960.



Fonte: *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960.

A publicação dedicava-se às questões em torno da concretização da independência, bem como: um artigo sobre o governo congolês, assinado por Chomé e Mupenda Bantu, a repercussão do discurso de Lumumba na cerimônia de independência no jornal belga "Le Peuple" e no jornal belga, satírico "Pan", o qual representaria a resposta do "pastor e seus seguidores" às palavras do primeiro Ministro. Ademais, a revista trazia também, em sua edição, a transcrição dos discursos proferidos por Kasa-Vubu, Presidente da então República do Congo, de Baudouin I, o Rei dos belgas e o polêmico discurso de Lumumba, Primeiro-Ministro, durante a cerimônia de oficialização da independência; a mensagem de Lumumba rádiodifundida ao povo congolês e o discurso do Cardeal Joseph Albert Malula, pronunciado na televisão Belga, no dia 1 de julho às 19h, sobre a ocasião da independência.

Dessa forma, observa-se que a revista de informação e documentação "*Remarques Congolaises*" dirigia as suas publicações para a atmosfera política, bem como apresentava propostas e discussões sobre o desenvolvimento do movimento nacionalista para a sua concretização. No entanto, nestas edições analisadas, não havia publicações diretas sobre o âmbito social e cultural do período, tal como greves de trabalhadores, do meio urbano e rural, motins, ou notas sobre as manifestações religiosas ou culturais que ocorriam em paralelo, e, mesmo conjuntamente, à luta pela libertação dos congolezes. Nesse sentido, o hebdomadário nos revela que a sua preocupação direcionava-se mais a questões sobre o contexto político daquele período, bem como a formação do Congo, conforme uma nação e da efervescência política dos principais líderes políticos, envolvidos nesse processo. No mais, essas questões tornam-se centrais para analisar o período, ilustrando a multiplicidade de posicionamentos,

perspectivas e abordagens existentes na luta pela libertação de um país, revelando o posicionamento e o estilo da abordagem dos editores.

Somado a isto, o hebdomadário tinha, sobretudo, a preocupação em construir uma memória coletiva nacional, na qual se destacava o desenrolar político para a concretização da libertação do Congo. O estabelecimento de uma memória comum, amparada no sentimento nacional, forma-se, a partir da exaltação de alguns pontos, ao mesmo tempo em que outros são omitidos ou silenciados.³⁶³ Percebe-se, assim, a intenção de contribuir para a formação de uma identidade e memória comuns nacional para fortalecer a coesão social dos congoloses, que estavam vivenciando esse período, afinal "a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva".³⁶⁴

Para mais, a "Remarques Congolaises", defensora do movimento nacionalista anti-colonial, teve o importante papel de compilar, refletir e incentivar os debates políticos no período e fortalecer as identidades e o sentimento nacional, por meio da valorização da experiência e da atuação dos congoloses para a conquista da libertação dos povos e das terras africanas.

"Vive le gouvernement congolais!"³⁶⁵

O artigo principal, assinado por J. Chômé e Mupenda Bantu, o qual abriu a publicação especial de independência, "Vive Le Gouvernement Congolais!", celebrou e refletiu sobre a nova fase da ex-colônia que, no momento da sua independência, recebera o nome de República do Congo. Ao analisar a edição, foi possível perceber que os editores aprovavam e apoiavam o caráter nacionalista do governo, pois destacavam que, em discussões políticas anteriores, a própria Remarques Congolaises já havia mencionado o favoritismo de Lumumba para Primeiro-Ministro e de Kasa-Vubu³⁶⁶ para presidente. Sobre a composição do governo, eles apontavam que alguns nomes não lhes pareciam muito apropriados, entretanto, confiavam na escolha de Lumumba.³⁶⁷

Chomé e Mupenda expressaram a sua preocupação e, de certa forma, criticavam os nomes que ocuparam cargos importantes da formação do primeiro governo congolês, em virtude da sua formação ser composta por representantes de vários partidos. Uma das principais apreensões, certamente, estava relacionada às figuras de Joseph Yav, que ocupou o cargo de Ministro de Assuntos Econômicos e Albert Nyembo, Secretário do Estado da Defesa Nacional, ambos membros fundadores da Confederação das Associações do Katanga e, contrários, ao projeto nacionalista de Lumumba. A inquietação tinha motivos bem consistentes: não se mostravam simpáticos à unidade nacional, eram adeptos da ideia do

³⁶³ POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ "Viva o governo Congolês!" foi título da edição especial de comemoração da independência publicado pela Remarques Congolaises. Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p.286-287.

³⁶⁶ Joseph Kasa-Vubu, líder político engajado nas causas pela independência, foi o primeiro presidente do Congo. Nascido em inícios de 1910, ele perdeu sua mãe ainda criança, não foi batizado em seu nascimento, o que dificulta a precisão de uma data de nascimento oficial. Sua vida política intensificou-se em 1954, quando se tornou líder da ABAKO, partido político de base étnica Bakongo, fundado em 1950 por Nzeza-Landu. No mesmo ano Kasa-Vubu fundou uma Associação de " Bolsa de estudos dos Mayombe". Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer. T.IX, 2015, col. 217-224. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/fr/notices_KASA-VUBU_Joseph

³⁶⁷ Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 274. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

"katanguês autêntico" e membros do partido, que articulou a emancipação da Província de Katanga do Congo onze dias depois da oficialização da independência nacional.³⁶⁸

A ausência de Albert Kalonji, entre os principais nomes que constituíam o governo, foi outro ponto abordado pelos escritores militantes. Albert Kalonji Ditunga, nascido no dia 3 de junho de 1929, foi outro congolês, cuja atuação como funcionário da administração transbordou para o engajamento político. Ele, assim como os outros, era um *evolué*³⁶⁹ e ficou conhecido pelo seu forte posicionamento anti-colonialista, considerado muitas vezes, violento. Ele possuía ríspidas proposições em relação à independência e ao modo como ela deveria ser realizada. Dentre seus posicionamentos, defendia que: "L'indépendance immédiate est le seul moyen de mettre fin au régime actuel. Nous aurons des difficultés et nous aurons faim en chassant les Blancs, mais d'autres pays (Russie, Ghana...) viendront à notre secours."³⁷⁰ Kalonji destacava seu apetite em perseguir os brancos que estivessem no Congo e acreditava que a independência imediata era a única solução para pôr fim ao regime exploratório belga, que, para tal realização, poderia contar com o auxílio de países, como Rússia e Gana.

A representação do Movimento Nacional Congolês MNC-Kalonji era mais influente na região do Kasai, região central do Congo, atualmente dividida em Kasai Oriental e Kasai Ocidental. Albert Kalonji, por meio de um posicionamento xenofóbico, acreditava que a independência deveria ser imediata. A sua postura nacionalista era baseada no fortalecimento de uma consciência congoleza acima das divergências tribais, e os seus discursos, muitas vezes, incentivavam a hostilidade para com os brancos europeus que viviam no Congo. Nesse sentido, o comportamento de Kalonji expressava a sua indignação com a exploração dos povos africanos, pela qual o sistema colonial e a atuação europeia seriam responsáveis. É importante ressaltar que, durante o processo de independência, as posturas em relação à colonização eram diversas e, muitas vezes, muito ambíguas. Entretanto, o sentimento de aversão ao sistema colonial belga tornava-se cada vez mais intenso, avolumando as manifestações, partidos e associações anticoloniais.

Embora tanto Albert Kalonji, quanto Lumumba pertencessem ao mesmo partido, o Movimento Nacional Congolês, cujo principal pressuposto era a união nacional dos povos, Kalonji e Lumumba possuíam consideráveis divergências políticas e pessoais. Apesar de Lumumba ser classificado como radical e perigoso, o líder político rechaçava o comportamento agressivo de Kalonji. Nesse sentido, verifica-se a diversidade de posicionamentos nacionalistas, os quais representam o MNC, que pode ser observado, como reflexo da diversidade de pensamentos, que permeavam todo o território congolês.

Para os autores Jean Omasombo e Benoît Verhagen, o líder político Kalonji, juntamente com Victor Nendaka³⁷¹, tiveram um papel determinante na vida política de

³⁶⁸ Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Biographie Belge d'Outre-Mer. T.IX, 2015, col. 217-224. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/fr/notices_KASA-VUBU_Joseph

³⁶⁹ Segundo o glossário " Congo: colonisation e décolonisation", os "evolúés" eram um pequeno grupo de congolezes que possuíam a carta de mérito cívico e a carta de registro. De modo geral, os "évolués" eram considerados a "classe média indígena" e que possuíam bens materiais diferenciados da população em geral, das massas. As elites políticas de independência são pertencentes a essa categoria social. Congo: colonisation e décolonisation. L'histoire par les documents. Publicação pedagógica. Musée royal de l'Afrique centrale, 2012.

³⁷⁰ OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: Acteur Politique. De la prison aux portes du pouvoir (Juillet 1956- février 1960)**. CAHIERS AFRICAINES/ AFRIKA STUDIES. Musée royal de l'Afrique Centrale. (MRAC). Paris: L'Harmattan, p.379.

³⁷¹ Victor Nendaka Bika, nascido em 7 de Outubro de 1923, iniciou a sua vida profissional em 1941 trabalhando na Companhia Algodoeira Congoleza, mais conhecida como COTONCO. Muito envolvido com as causas trabalhistas, a sua trajetória política, destaca-se, a partir da sua atuação nos sindicatos, associações e partidos que defendiam as reivindicações do povo, os chamados "indígenas". Victor Nendaka obteve a sua carta de matrícula, em 1954, prosseguindo a sua militância nacionalista. . OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN,

Lumumba. Segundo os autores, ambos foram os primeiros colaboradores do partido Movimento Nacional Congolês (MNC) e - antes de se tornarem adversários - influenciaram intensamente Lumumba em sua política.³⁷² Antes de ingressar no MNC, Vitor Nendaka foi o primeiro presidente, eleito em 1954, da Association des Classes Moyennes Africaines (ACMAF)³⁷³ e foi vice-presidente do Comitê da Sessão do Congo Belga da Liga de Ensino em Leopoldville. Em 1959, ele forneceu sala e máquinas de escrever para ajudar na fundação do MNC. A sua contribuição à formação do partido consistiu, não somente em sua experiência política e a sua ajuda estrutural, mas, sobretudo, na ardente defesa da unidade do Congo.³⁷⁴

Albert Kalonji, não menos importante na trajetória e nas conquistas do Movimento Nacional Congolês, participou ativamente da disseminação dos pressupostos nacionalistas do MNC e foi alvo das reflexões da "*Remarques Congolaises*" sobre os escolhidos para a composição do primeiro governo congolês. A revista, por meio do seu artigo em homenagem à conquista da independência, discutiu a atuação feroz de Kalonji, como líder político e a sua conturbada relação com Lumumba.

Apesar de Kalonji ser nacionalista e se auto declarar anti-colonialista, a revista ironizou o seu posicionamento, diante do tamanho ódio que demonstrava às propostas de Lumumba. Para a "*Remarques Congolaises*", uma tentativa de aproximação de Lumumba à Kalonji não seria necessária, posto que o próprio Kalonji fazia questão de reforçar a sua hostilidade em relação ao Primeiro Ministro e não o apoio, o qual se mostrava tão importante para o fortalecimento do seu próprio país, que acabara de se tornar independente. O artigo de Chomé e Mupenda destacava que Albert Kalonji teria, inclusive, enviado um telegrama ao Rei belga Baudouin I, desaprovando o discurso de Lumumba no evento de oficialização da independência. Os escritores criticaram a atuação nacionalista de Kalonji e o seu posicionamento em relação a Lumumba:

Certes, M. Albert Kalonji devrait être récupéré dans le cadre de la politique nationaliste que le gouvernement Lumumba s'est tracé. Mais force nous est de constater que loin de favoriser un rapprochement, M. Albert Kalonji fait ce qu'il faut pour le rendre impossible, lorsque, dans un télégramme au Roi des Belges, il désavoue le discours du Premier Ministre de son pays (dont nous dirons plus loin ce que nous pensons) dans des termes dont la platitude et l'obséquiosité doivent gêner ses meilleurs amis et ses partisans les plus chauds. (V. Libre Belgique, 3 Juillet de 1960).³⁷⁵

Benoît. **Patrice Lumumba: Acteur Politique. De la prison aux portes du pouvoir (Juillet 1956- février 1960)**. CAHIERS AFRICAINES/ AFRIKA STUDIES. Musée royal de l'Afrique Centrale. (MRAC). Paris: L'Harmattan, 2005, p.382-384.

³⁷² Idem, 2005, p 375.

³⁷³ Association des Classes Moyennes Africaines, conhecida como ACMAF, foi fundada em 1954 por congoleses da classe média e, a partir 1957, passou a ser oficialmente representado no Conselho do governo e nos conselhos Provinciais. De acordo com Jacques Vanderlinden, nesse período, a Associação beneficiou-se do inicial apoio de colonos para se estabelecerem e acessarem setores coloniais restritos, o que teria proporcionado maior apoio e confiança dos congoleses a esse grupo. VANDERLINDEN, Jacques. **La crise congolaise: 1959-1960, la memoire du siecle**. Bruxelles: Editions Complexe, 1985, p. 51.

³⁷⁴ OMASOMBO e VERHAEGEN, OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: Acteur Politique. De la prison aux portes du pouvoir (Juillet 1956- février 1960)**. CAHIERS AFRICAINES/ AFRIKA STUDIES. Musée royal de l'Afrique Centrale. (MRAC). Paris: L'Harmattan, p 375.

³⁷⁵ Tradução livre da autora: "Certamente Albert Kalonji devia ser recuperados dentro política nacionalista como parte da política nacionalista que o governo Lumumba planejou. Mas fomos levados a constatar que longe de promover uma reaproximação, Kalonji fez o que foi preciso para tornar isso impossível, quando em um telegrama ao Rei dos Belgas, ele repudiou o discurso do Primeiro Ministro de seu país (o que vamos dizer mais fora o que nós pensamos) em termos do qual o achatamento e subserviência deve dificultar seus melhores

O periódico destaca o difícil comportamento de Albert Kalonji em relação à formação de governo de Lumumba, cuja base nacionalista tendia à incorporação de Kalonji ao quadro do governo, após a conquista da libertação. O *Remarques Congolaises* critica as atitudes de Kalonji e o fato dele ter enviado um telegrama ao rei belga Baudouin I, criticando a atuação de Lumumba, como Primeiro Ministro. Para o periódico, esta atitude evidenciava o desamparo de Albert Kalonji ao governo nacional congolês, afastando-o ainda mais de uma possível incorporação ao quadro político.

Além disso, a reflexão sobre o governo congolês, trazida pela Revista, demonstrava a sua apreensão sobre como Baudouin I poderia reagir ao receber a opinião de Albert Kalonji, o qual era considerado como candidato favorito do governo belga para assumir o posto de Primeiro Ministro. O periódico trazia reflexão sobre as possíveis consequências da ausência e da presença de alguns nomes na constituição do governo. Para eles, a atuação Albert Kalonji e a de Jean Bolikango contribuíram para o fortalecimento da nação congolês. Segundo a revista, ambos tinham aversão à formação do primeiro governo congolês, no qual Lumumba era a figura principal, e não obtiveram cargos relevantes. Sobre Kalonji:

Si nous regrettons malgré tout de ne pas voir M. Albert Kalonji chargé de responsabilités ministérielles dans ce Congo qu'il a contribué à rendre indépendant, il est bien évident que nous n'exprimerons pas de tels regrets concernant l'effacement de M. Bolikango.³⁷⁶

Kalonji e Bolikango militaram, cada um à sua maneira, em prol da libertação e, apesar de se denominarem como nacionalistas, e, apesar do apoio do governo belga, estes, de acordo com o hebdomadário, não eram pessoas apropriados para compor o governo nacionalista congolês de Lumumba. De acordo com os autores Omosambo e Verhaegen, apesar dos posicionamentos de Lumumba e Bolikango serem bem distantes, o último foi um modelo de líder de opinião semelhante ao Lumumba e Kasa-Vubu.³⁷⁷

Jean Bolikango, pertencente à etnia Gombe, nascido em 2 de fevereiro de 1908, foi um grande defensor da Igreja católica e da cooperação entre brancos e negros na administração colonial. A sua trajetória foi marcada pelos trabalhos desenvolvidos na administração colonial. Jean Bolikango iniciou a sua carreira, em 1951, na administração colonial, a qual considerava uma entidade séria, respeitável e importante, ocupando relevantes postos.³⁷⁸ Em 1954 foi nomeado Presidente Geral do *Amis et Parents des Écoles de Scheut* - ADAPES (Amigos e Parentes da Escola de Scheut), instituição missionária católica presente no Congo, desde a dominação Leopoldiana. Em 1958, tornou-se delegado das Missões católicas na Exposição Universal em Bruxelas e, no mesmo ano, foi contratado como

amigos e seus aliados mais fervorosos."Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 274.

³⁷⁶ Tradução livre da autora: "Se ainda não nos arrependemos de ver o Sr. Albert Kalonji não obter cargos ministeriais no Congo, o qual ele ajudou a se tornar independente, é óbvio que também nós não vamos expressar tal pesar acerca da exclusão de Mr. Bolikango."Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 275. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁷⁷ OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: Acteur Politique. De la prison aux portes du pouvoir (Juillet 1956- février 1960)**. CAHIERS AFRICAINES/ AFRIKA STUDIES. Musée royal de l'Afrique Centrale. (MRAC). Paris: L'Harmattan, p. 375.

³⁷⁸ OMASOMBO, Jean; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba: Acteur Politique. De la prison aux portes du pouvoir (Juillet 1956- février 1960)**. CAHIERS AFRICAINES/ AFRIKA STUDIES. Musée royal de l'Afrique Centrale. (MRAC). Paris: L'Harmattan, 2005 p. 386.

jornalista do periódico belga *Infor-Congo*.³⁷⁹ Posteriormente, Bolikango dedicou-se à vida política, defendendo a independência do Congo, a partir da colaboração entre brancos, negros e a administração colonial, incentivando a interação entre o povo e as elites que habitavam o Congo.³⁸⁰ Em 1959, como Comissário Geral de Informação, segundo a *Remarques Congolaises*, Bolikango proferiu um discurso na Rádio Congo Belga, no qual afirmava aos congolezes que:

Je suis à l'information non seulement pour vous informer, mais surtout pour vous former" (Courrier d'Afrique 3/8/1959).

Aux Belges il disait: "A notre tour nous ferons ce qu'il est en notre pouvoir pour devenir des hommes dans le sens où vous nous avez formés" (Courrier d'Afrique 11/6/59).³⁸¹

Segundo tal pronunciamento, Bolikango ressaltava ser o melhor candidato à liderança do Congo, pois estaria à disposição para informar e treinar os congolezes de acordo com os padrões belgas do período colonial. Jean Bolikango via a independência, como algo espontaneamente concedida pelo governo belga. O jovem político também pregava que o povo congolês devia estar preparado para o momento da independência, aproveitando-se das belas experiências adquiridas no período colonial.

Bolikango, considerado o favorito por grande parte dos funcionários da administração colonial, foi muito atuante durante o processo de independência. Em seus discursos, tecia ácidas críticas à postura nacionalista de Lumumba, a qual, segundo a *Remarques Congolaises*, ele classificava como falsa. Por diversas vezes, teria incitado e apoiado a violenta repressão colonial às manifestações de Lumumba e de seus companheiros, ao longo da divulgação de propostas, viagens e discursos sobre o plano de governo que desejavam estabelecer. Na edição especial de independência é ressaltada a forma que Bolikango relacionava-se com o seu concorrente e inimigo político:

Dans une conférence de presse à la Radio Congo belge de Luluabourg, Il mettait aussi ses compatriotes en garde contre les mauvais exemples des africains ayant déjà accédé à l'indépendance et en profitait pour leur faire comprendre que l'indépendance et en profitait pou leur faire comprendre que l'indépendance n'était pas pour demain: "...nous aurons plus de temps que la plupart des peuples d'Afrique pour préparer notre indépendance et nous pourrons dans une large mesure bénéficier des expériences toujours heureuses il faut bien le dire, des jeunes Etats qui nous entourent". Et il ajoutait: "l'indépendance nous a été accordée spontanément par la Blegique dès que nous l'avons demandée" (Courrier d' Afrique 21/8/59)³⁸²

³⁷⁹ Idem, 2005, p.386

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ Tradução livre da autora: "Estou à disposição com informação, não só para informá-los mas, sobretudo, para treiná-lo" (Courrier d'Afrique 1959/03/08). E disse ao belgas: "Da nossa parte, vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para nos tornarmos homens como vocês nos treinou" (Courrier d'Afrique 6.11.59). *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960,p.275. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁸² Tradução livre da autora: Em conferência de imprensa na Rádio Congo Belga Luluabourg, Ele também colocou seu compatriota em cheque contra os maus exemplos de africanos já haviam conquistado a independência, aproveitando a oportunidade para fazê-los compreender que a independência é algo emergencial (para amanhã) "...nós temos mais tempo do que a maioria das pessoas da África para preparar a nossa independência e podermos nos beneficiar com as experiências de sempre fomos felizes, deve ser dito, dos jovens Estados que nos cercam". E acrescentou: "a independência foi concedida a nós espontaneamente pela Bélgica, assim que solicitado" (Courrier d'Afrique 08/21/59)" *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p.276.

Nessa mesma conferência, transmitida por rádio, em 1959, Jean Bolikango, critica a forma com que Lumumba estava reivindicando a libertação. Para ele, Lumumba antecipou-se, sem saber se beneficiar do aprendizado belga, ao reclamar uma independência imediata e prematura.

Apesar de Bolikango acreditar na existência de um acordo espontâneo para a "concessão" da independência, a própria atuação de Jean Bolikango para obter apoio social expressa o decurso da luta pela libertação nacional, carregado de conquistas, disputas e engajamento dos congolezes. Assim, é percebido que a *Remarques Congolaises* não somente amparava a formação do primeiro governo congolês e demonstrava a sua oposição às figuras de Jean Bolikango e Albert Kalonji. Por meio desta edição comemorativa, é possível analisar a reflexão do hebdomadário sobre a repercussão da composição do governo congolês e, sobretudo, a sua crítica à dominação belga no Congo.

A repercussão do pronunciamento de Lumumba na cerimônia de independência

Além do artigo em homenagem à formação do primeiro governo congolês, o hebdomadário *Remarques Congolaises* também discorreu sobre a repercussão do ousado discurso de Lumumba, já como Primeiro Ministro. Seu discurso refutou o altruísmo belga pelo desenvolvimento do Congo e enfatizou o silenciamento das violências presentes nas falas do Presidente Kasa-Vubu e do rei dos belgas, Baudouin I.

Na cerimônia de independência do país, até, então, conhecido como Congo Belga, o Primeiro-Ministro Patrice Emery Lumumba foi o terceiro e último a se pronunciar. O discurso, que não estava previsto na programação oficial da cerimônia de independência, ocorreu após as falas do rei belga Baudouin I e do presidente do Congo Joseph Kasa-Vubu. Autoridades políticas belgas, congolezas presentes na cerimônia e também aqueles que acompanhavam o evento pelos rádios e televisões surpreenderam-se com o tom ácido do pronunciamento de Lumumba. Ele criticou a maneira violenta e discriminatória, com a qual o sistema colonial belga havia sido implantado e mantido desde o período de Leopoldo II.³⁸³

O Batetela³⁸⁴ Patrice Emery Lumumba, nascido no dia 2 de julho de 1925, foi considerado pelos autores Yves Benoit e Pierre de Vos, como o negro que fez o mundo dos dirigentes ocidentais tremer em 1960³⁸⁵, devido ao seu forte pronunciamento que remontou a violenta colonização e a luta cotidiana, pelas quais congolezes e congolezas atravessaram durante cerca dos oitenta anos da dominação belga. O pronunciamento do Primeiro-Ministro Lumumba foi uma resposta aos silêncios presentes na fala do Rei belga Baudouin I³⁸⁶, o qual descreveu a colonização belga, iniciada por Leopoldo II, como uma empreitada bem sucedida de estabelecimento da paz e de enriquecimento moral do Congo, e que deveria ser

³⁸³ NASCIMENTO, Evelyn Rosa do. **Congo Belga: Na colonização a Borracha, Na Independência o Apagar de um passado colonial**. Monografia de conclusão de curso de graduação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2012.

³⁸⁴ Os Batetelas ou Atetelas pertencem ao grande grupo étnico Mongo que habitam o território congolês. OBENGA, Théophile. **Le Zaïre: Civilisations Traditionnelles et Culture Moderne**. Paris: Présence Africaine, 1977, p. 49.

³⁸⁵ BENOT, Yves. **La mort de Lumumba ou la tragédie congolaise**. Collection Afrique Contemporaine (Directeur Ibrahim Baba Kake), Vol. 2. Paris: Éditions Chaka, 1991, p.15.

³⁸⁶ Nascido em 1930, Baudouin I foi o segundo dos três filhos que o Rei belga Leopoldo III e a princesa Astrid tiveram. Sucessor de seu pai e antecessor de Alberto II, seu irmão, Baudouin I foi o quinto rei dos belgas. O Rei belga Baudouin I governou a Bélgica por um longo reinado que vai de 1951 até 1993 sendo caracterizado pela sua forte influência internacional. NASCIMENTO, Evelyn Rosa do. **O Congo Belga: Na colonização a Borracha, Na Independência o Apagar de um passado colonial**. Monografia de conclusão de curso de graduação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2012, p.28.

rememorada por todos os congolese e belgas.³⁸⁷ Nesse sentido, Lumumba recusou-se a se calar, diante do silenciamento das barbaridades cometidas pela Bélgica, no passado colonial, cujas marcas ainda se encontravam tão presentes no Congo. De acordo com a "*Remarques Congolaises*", um nacionalista, como Lumumba, não deixaria o discurso paternalista do rei belga passar em branco. Para a revista, o Rei, tal como um pai que adverte uma criança, acautelava os congolese da emancipação prematura. Eles destacaram que:

Il suffit de lire le discours du Roi des Belges pour se rendre compte que conçu comme un dithyrambe unilatéral et sans nuance, pour le fond, comme une admonestation paternelle à des enfants trop tôt émancipés, pour le ton, il n'était audible pour un nationaliste comme M. Lumumba qu'à la condition d'être un des volets d'un diptyque.

Si le discours royal avait contenu, à côté de l'éloge de l'œuvre des Belges au Congo, quelques réserves au sujet des abus commis et des libertés violées, si le tableau avait été quelque peu balancé, sans doute, M. Patrice Lumumba aurait-il pu s'abstenir d'y apporter des retouches.³⁸⁸

Segundo a "*Remarques Congolaises*", Lumumba não poderia ter outra reação, senão refutar o discurso proferido por Baudouin I, o rei belga. Em nenhum momento, o representante belga desculpou-se sobre a exploração colonial, ou reconheceu a luta dos congolese para o estabelecimento da nação. Ao contrário, Baudouin I silenciou a resistência dos congolese ao sistema colonial e não reconheceu, mesmo na independência, a agência ou a capacidade desses congolese para trilhar, de maneira autônoma, seus próprios caminhos. A "*Remarques Congolaises*" destaca a postura soberba e paternalista do rei Belga, que, em sua fala, aponta a sua incompreensão sobre o desejo pela libertação, colocando em cheque a capacidade dos representantes do povo congolês em administrar o país, convidando estes a demonstrarem à Bélgica que ela poderia confiar o governo aos congolese. Sobre a congratulação da empreitada belga, a revista destacava que:

Mais après un éloge si absolu qu'il rendait proprement incompréhensible le desir d'indépendance des Congolais et après que le Souverain eut dit aux représentants du peuple congolais, à la face du monde: "C'est à vous, messieurs, qu'il appartient maintenant de démontrer que nous avons eu raison de vous faire confiance." Il était impensable que M. Patrice Lumumba ne mette pas les choses au point et n'énumère lui aussi, à la face du monde, quelques unes des raisons justifiant le besoin d'indépendance du peuple congolais.³⁸⁹

³⁸⁷ Idem, p. 32.

³⁸⁸ Tradução livre da autora: "Basta ler o discurso do Rei dos Belgas para se dar conta de que foi concebido como um hino unilateral e nada sutil para a situação, como uma repreensão paternal para crianças que se emanciparam muito cedo, esse tom, era audível para um nacionalista como M. Lumumba, bem como a condição de ser um componente díptico.

Se o discurso real continha, de um lado o elogio ao trabalho dos belgas no Congo, tinha também omissões sobre os abusos cometidos e as liberdades violadas, se a mesa estava um pouco equilibrada, sem dúvida o Sr. Patrice Lumumba ele não se ausentaria de fazer ressalvas." *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 278. Disponível em:

<http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁸⁹ Tradução livre da autora: "Mas depois de todo o elogio [à empreitada belga], o rei se mostrou incompreensível sobre o desejo dos congolese pela independência e depois que o Soberano tinha falado com os representantes do povo congolês, diante do mundo: "São vocês, cavalheiros, que agora, devem demonstrar que tínhamos razões para confiar em vocês."

Era impensável que Patrice Lumumba não enumerasse em linha reta e também, em face do mundo, algumas das razões que justificavam a necessidade de independência do povo congolês." *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 278. Disponível em:

<http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

Desse modo, diante da afronta do rei, Jules Chomé e Mupenda BANTU, a partir do seu artigo, "VIVE LE GOUVERNEMENT CONGOLAIS!", apontam como impensável que Lumumba, como Primeiro Ministro e principal representante do governo congolês, não enumerasse, diante do mundo, as razões, pelas quais a libertação do Congo e do povo congolês eram algo inquestionável.

O rei Bandouin I não se manifestou em relação aos abusos que também ocorreram no mesmo período, bem como a utilização de mão-de-obra forçada, as mutilações, os sequestros de idosos e de crianças, os assassinatos, entre outras. Ao contrário, o Rei exaltou a atuação dos belgas no Congo sobre o período colonial e a Bélgica como nação responsável pela construção e pelo desenvolvimento da sua colônia e pela missão de transformar os congolese em seres humanos civilizados:

Pendant 80 ans, la Belgique a envoyé sur votre sol les meilleurs de ses fils, d'abord pour délivrer le bassin du Congo de l'odieux trafic esclavagiste qui décimait ses populations, ensuite pour rapprocher les unes des autres les ethnies qui, jadis ennemies s'apprêtent à constituer ensemble le plus grand des Etats indépendants d'Afrique, enfin, pour appeler à une vie plus heureuse les diverses régions du Congo que vous représentez ici, unies en un même Parlement.

En ce moment historique, notre pensée à tous doit se tourner vers les pionniers de l'émancipation africaine et vers ceux qui après eux ont fait du Congo ce qu'il est aujourd'hui. Ils méritent à la fois notre admiration et votre reconnaissance, car ce sont eux qui, consacrant tous leurs efforts et même leur vie à un grand idéal, vous ont apporté la paix et ont enrichi votre patrimoine moral et matériel. Il faut que jamais ils ne soient oubliés, ni par la Belgique, ni par le Congo.³⁹⁰

Indecorosamente, Baudouin exalta a atuação belga nas terras congolese, inclusive, no combate aos tráfico de escravos e à degradação dos povos da região, requisitando a admiração dos congolese pela heróica performance dos belgas que teriam dado as suas vidas pelo estabelecimento da paz e do progresso moral e material dos congolese.

No entanto, ao analisar a atuação colonial belga, facilmente, são encontrados os traços da depredação do sistema colonialista. Paralelamente à urbanização belga e às obras, que, atualmente, são pontos turísticos, na Bélgica, a prática de extração da borracha no Congo, o trabalho forçado e a mineração proporcionaram a dizimação de aldeias e povos congolese.³⁹¹

Sobre a postura do rei, o autor Jean-Claude Williame destacou o pessimismo com que o belga apresentou a independência aos congolese: "Discours comme tout peu adapté à un

³⁹⁰ Tradução livre da autora: "Há 80 anos, a Bélgica enviou essas terras seus melhores filhos, assim livrou a Bacia do Congo do tráfico de escravos hediondo que dizimou a população, e aproximou o etnias que antes eram inimigas, constitui o maior de todos os Estados Africano independente, que finalmente, podemos chamar de forma feliz as diversas regiões do Congo que se representam aqui, unidos em um Parlamento.

Neste momento histórico, nossos pensamentos devem se voltar para os pioneiros da emancipação africana e àqueles que antes de tudo fizeram do Congo o que ele é hoje. Eles merecem admiração e seu reconhecimento, pois foram eles que, dedicaram seus esforços e até mesmo suas vidas para um grande ideal, trazendo paz e enriquecendo o seu patrimônio moral e material. Estes nunca devem ser esquecido, nem pela Bélgica ou pelo Congo." Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 285. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodedetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

³⁹¹ Adam apontou as brutalidades cometidas em busca da maximização dos lucros proporcionados pela colheita da borracha, a qual sustentou grandes obras e o enriquecimento da Bélgica: " No entanto o sangue derramado no Congo, a terra roubada, as mãos decepadas, as famílias destruídas e as crianças órfãs sustentaram quase tudo o que se vê. O próprio Palácio Real, com suas colunas trabalhadas, foi reformado e adquiriu seu atual esplendor graças aos lucros auferidos no Congo, assim como o ainda mais nobremente situado castelo de Laeken, onde mora a família real, com sua espantosa coleção de estufas e seus quase 2,5 hectares de vidro." HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 304.

jour de fête!"³⁹² Willieme aponta que o Rei Baudouin I fez questão de frisar os desafios da gestão do recém país, o qual enfrentaria dificuldades diante dos "conflitos tribais", da "atração das potências estrangeiras" e da "inexperiência da população".³⁹³ A sua atitude pouco positiva, em relação ao futuro dos congolese, tal como a necessidade de reafirmação da soberania belga, ante aos congolese, demonstrava o desapeço pelo governo congolês e a desaprovação da libertação do Congo, o qual acreditava ser melhor conduzido sob as mãos do governo belga.

Assim, Lumumba contestou o rei Belga e lembrou ao mundo a experiência dos congolese durante a colonização. Também ressaltou o agenciamento e a resistência dos congolese e congolese, afirmando que a história do mundo ocidental foi construída também, por meio da exploração, da escravização, da humilhação e da dizimação dos povos e dos territórios africanos. Para ele, as brutalidades praticadas pela Bélgica e pelo ocidente na África não deveriam ser esquecidas ou tão pouco silenciadas. Segundo o pesquisador Willieme, o Primeiro Ministro, embora, inconformado com as falas de Baudouin e do Presidente Kasa-Vubu, realizou a sua alocução de forma cortês e digna, a qual fez questão de direcionar "aos congolese e congolese, aos combatentes da independência", considerados por Lumumba verdadeiros heróis da história do Congo.³⁹⁴

Apesar do pronunciamento ter sido considerado por muitos uma afronta à Bélgica e desrespeitoso à figura do rei Belga Baudouin, durante a cerimônia, Lumumba apenas lembrou que a presença belga no Congo também foi caracterizada pela resistência e pelas negociações cotidianas em decorrência da exploração de mão de obra e recursos naturais congolese. Nesse sentido, para a *Remarques Congolaises* o Primeiro Ministro não exagerou ou tampouco mentiu sobre as agressões e as humilhações, vivenciadas no período colonial, o hebdomadário destacou que:

Non certes, le Premier Ministre du Congo n'a pas menti. Il n'a même pas exagéré. Et si un jour une commission d'historiens congolaises dépuillit les archives de la repression coloniale, -à supposer qu'un administrateur prévoyant ou les termites ne les aient pas détruites à la veille de l'Indépendance, - il est probable que l'histoire qu'ils écriraient serait plus tragique que le bref et sobre tableau dressé par M. LUMUMBA.³⁹⁵

Para a *Remarques Congolaise*, Patrice Lumumba não cometeu exagero algum ao falar sobre a exploração vivenciada e a luta cotidiana do povo congolês, pois qualquer historiador ou interessado pela história do Congo que analisasse o período colonial perceberia serem as atrocidades cometidas pela Bélgica mais trágicas do que foi possível enumerar por Lumumba, durante o seu pronunciamento. Desse modo, o hebdomadário apoia a fala do Primeiro Ministro sobre as violências e a degradação, causados ao Congo, durante o Período Colonial. Evidencia-se tanto na fala de Lumumba, quanto no trecho do hebdomadário, a busca pela

³⁹² Tradução livre da autora: "Discurso pouco adequado para um dia de festa!" WILLIAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba. La crise congolaise revisitée**. Paris: Éditions Karthala, 1990, p. 109.

³⁹³ WILLIAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba. La crise congolaise revisitée**. Paris: Éditions Karthala, 1990, p. 109.

³⁹⁴ Idem, 1990, p.111.

³⁹⁵ Tradução livre da autora: "Certamente que não, o primeiro-ministro do Congo não mentiu. Ele também não exagerou.

E se um dia uma comissão de historiadores congolese debruçarem sobre arquivos da Repressão Colonial, - que possivelmente foi destruído às véspera da Independência - é provável que a história eles irão escrever seja mais trágica do que a breve e sóbria imagem pintada pelo Sr. Lumumba." *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 280. Disponível em: <http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

valorização da atuação dos congoleses e congolesas e do reconhecimento da brutalidade que o processo colonial representou para o Congo.

Nesse sentido, a partir dos textos publicados pela Revista, é possível inferir que o teor crítico da fala de Lumumba sobre a empreitada colonizadora, para além de descortinar os silêncios da memória belga sobre a sua história no Congo, apresentava argumentos, embasados na experiência histórica dos congoleses. A revista do período apontou que se uma comissão de historiadores congoleses analisasse os arquivos da repressão colonial, que, provavelmente, foram destruídos às vésperas da independência, constatariam que a história do Congo foi, mais calamitosa que o enunciado por Lumumba. A postura de Lumumba buscava concretizar a soberania da nação congolesa, que, por meio de sua luta, certamente conquistou a independência, e que, a partir daquele momento, deveria ser respeitada nas relações e acordos entre a Bélgica e o Congo. Assim, a revista apoiou o posicionamento do Primeiro Ministro, o qual, ao contrário do presidente Kasa-Vubu, deixou claro a sua opinião. A revista acreditou ser importante publicar a fala de Lumumba para que as divergências fossem explicitadas e acertadas já nesse momento de ruptura. A *Remarques Congolaises* apontava que:

Il était bon, que cet abcès fut crevé, au jour 1 de l'indépendance congolaise.
La douche glacée infligée par le Premier Ministre du Congo à nos représentants officiels était un traitement plus sain que l'aspersion à l'eau de rose à laquelle ils croyaient pouvoir s'attendre.
Nous n'avons pas cessé de le proclamer: Il faut reconnaître ses torts si l'on veut en faciliter l'oubli, si l'on veut bâtir une amitié durable.
Nous n'avons pas reconnu nos torts Il fallait dès lors qu'on les rappelle une bonne fois.
La vérité est toujours utile - La dire c'était déjà prouver qu'on était libre- Maintenant qu'elle est dite, on peut passer l'éponge, on peut construire une amitié dans la liberté et l'égalité.
La vérité est une base plus solide que le malentendu, le mensonge ou la restriction mentale.³⁹⁶

A *Remarques Congolaises*, valorizando o que ela considera como "verdade" dos fatos, ressalta a importância do reconhecimento dos erros e das brutalidades cometidos pela administração belga no Congo, pois os editores acreditavam que, somente a partir desse reconhecimento, os países poderiam, em fim, de igual para igual, estabelecer relações diplomáticas amistosas e de respeito entre as nações.

Le fait qu'il n'ait pas ignoré les aspects négatifs qui' ont hélas présentés dans le passé nos rapports coloniaux avec son pays, donne plus de valeur véritable et plus de

³⁹⁶ Tradução livre da autora: "Foi bom que este abcesso foi perfurado, no primeiro dia da independência congolesa.

O banho de água fria dado pelo Primeiro Ministro do Congo aos nossos representantes oficiais foi um tratamento mais saudável que um borrifar de água de rosas.

Nós [da *Remarques Congolaises*] não paramos de proclamar: Temos de reconhecer os erros, se queremos facilitar o esquecimento, se queremos construir uma amizade duradoura entre os países.

Nós não reconhecemos nossos erros teve de ser recordado de uma só vez.

A verdade é sempre útil - A dizer o que já foi provar que foi livremente expresso Agora, podemos passar a esponja, pode-se construir uma amizade em liberdade e igualdade.

A verdade é uma base mais forte do que as mentiras mal-entendido ou reserva mental." *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, 280.

prix au souhait qu'il a formulé finalement, de voir s'établir "une collaboration durable et féconde entre nos deux peuples dèsormais égaux et liés dans l'amitié."³⁹⁷

Em apoio ao discurso de Lumumba, a *Remarques Congolaises* alegava que a postura do Primeiro Ministro revelava o seu desejo de estabelecer diálogo e relações com o governo belga. Para a revista, a construção de uma relação amigável, de igual para igual, baseada no respeito e na verdade, consistia na melhor via para a caminhada dos dois países que se deparavam com uma nova fase de suas histórias.

Desse modo, o hebdomadário destacava que a atitude de Lumumba, como Primeiro Ministro, em não silenciar os aspectos negativos do passado colonial, revelava o seu apreço pela Bélgica e o seu intuito de formar relações fecundas para ambos os países.

Embora o seu posicionamento político, pautado pela ardente crítica ao imperialismo ocidental enfrentasse frequentemente repercussão negativa, o discurso de independência de Lumumba foi admirado e exaltado por grande parte dos congolese. Diversas opiniões foram publicadas em impressos do período, como os dois trechos de edições especiais sobre a independência, publicados pelo "*Le peuple*"³⁹⁸ e do hebdomadário belga "*Pan*"³⁹⁹, trazidos pela *Remarques Congolaises* em sua publicação. Por meio delas, a revista procurava expressar as discrepâncias sobre o discurso do primeiro Ministro. O trecho retirado do "*Le Peuple*" evidenciava que:

Si le déplorable incident qui a failli ternir les fêtes de l'indépendance s'est terminé d'heureuse façon, c'est au gouvernement congolais qu'on le doit et à son chef M.Lumumba qui a donné à la Belgique une leçon de courtoisie qui effaçait une autre leçon beaucoup moins opportune..... C'était l'heure des toasts... M. Lumumba avec beaucoup de dignité a rendu hommage au Roi et au peuple qu'il représente, pour l'action accomplie au Congo en trois quart des siècles: 'car je ne veux pas que ma pensée soit mal interprétée, a-t-il dit.' " (*Le Peuple*, 1/7/1960)⁴⁰⁰

Para o jornal "*Le peuple*", portanto, Lumumba soube responder educadamente ao discurso de Baudouin I. Representou de forma digna o povo congolês, dando uma lição de cortesia ao Rei belga, ao falar sobre os setenta e cinco anos de colonização. o "*Le Peuple*" frisava que Lumumba não queria ser mal interpretado sobre o seu pronunciamento.

Sobre o ponto de vista do hebdomadário "*Pan*", a revista extraiu o seguinte trecho, intitulado-o de resposta do "pastor e seus seguidores":

³⁹⁷ "O fato dele [Lumumba] não ter ignorado os aspectos negativos, que infelizmente ocorreram no passado das nossas relações coloniais com seu país, dá valor mais real e preço para o seu desejo de diálogo e de estabelecer uma cooperação duradoura e frutífera entre os nossos dois povos, agora iguais e ligados na amizade. *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 281.

³⁹⁸ Jornal socialista belga, criado em 1848.

³⁹⁹ O jornal satírico belga PAN, fundado em janeiro de 1945 por Leo Campion, Jean Leo et Marcel Antoine, foi caracterizado na imprensa belga por seu inconformismo e originalidade humorística. O hebdomadário, cuja função era político e psicossocial, possuía tendência reacionária. « Le phénomène "PAN" », *Courrier hebdomadaire du CRISP* 1961/21 (n° 111), p. A-I.DOI 10.3917/cris.111.a Disponível em: www.cairn.info/revue-courrier-hebdomadaire-du-crisp-1961-21-page-A.htm

⁴⁰⁰ Tradução livre da autora: "Se o incidente infeliz que quase manchar as comemorações da independência terminou com feliz, que é o governo congolês e devemos-la líder M.Lumumba que deu uma lição Bélgica cortesia outra lição que apagou tempo muito menos oportuno..... era brinde ... Lumumba com grande dignidade homenageou o Rei e as pessoas as quais ele representa, nos 80 anos de atuação no Congo ", porque eu não quero que minha opinião seja mal interpretada, ele disse." *Remarques Congolaises*, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 281. Disponível em:

<http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selected>

Il faut s'armer surtout de l'indigence d'hommes politiques qui n'ont su, ni détourner le roi de prononcer une allocution ou ne trouvait pas la moindre allusion au travail fourni par les congolais, ni aux richesses de leur pays, ni devenir les réactions qu'allait inéluctablement provoquer ce déplorable message.

Car, bien entendu tout est là. Malgré son goût de l'éclat, son penchant à la démagogie M.Lumumba n'eût pas commis la "goujaterie" qu'on lui reproche, s'il n'avait pas eu le sentiment que l'ancien maître du pays avait, au même titre, manqué de bienséance (...)

Ce catalogue de vertus et réalisations coloniales, cette façon condescendante d'engager les anciens pupilles de la Belgique à ne pas dissiper leur patrimoine, c'était d'un bout à l'autre le répertoire très complet des choses à ne pas dire.⁴⁰¹

Sobre os discursos pronunciados na cerimônia de independência, o jornal "Pan" concorda que o discurso não teve a sensibilidade de destacar importância do papel dos congolezes ou as riquezas do Congo, sem se atentar às possíveis repercussões que a sua fala geraria. Para este jornal, o primeiro Ministro Lumumba, apesar da sua demagogia, não reagiu com austeridade, acerca do comportamento de Baudouin I, o qual, em uma atitude desrespeitosa, tratou o Primeiro Ministro como se ele não soubesse como conduzir o país, ao destacar que os congolezes deviam cuidar do patrimônio deixado pelos belgas. A postura do rei não só desrespeitou o chefe de estado, mas também negligenciou a capacidade do povo congolês e dos seus representantes, diante da independência do Congo.

Diante das duas perspectivas apontadas pelos jornais belgas, Mupenda Bantu expressou sua consideração final sobre o acontecimento na *Remarques Congolaises*, a fim de concluir a sua análise sobre o que significou a manifestação de Lumumba, durante a cerimônia de independência. Para ele:

A notre avis cette question pertinente est beaucoup plus utile pour l'avenir des rapports belgo-congolais que le déchaînement de la presse belge à l'égard du premier ministre congolais.

Qu'on ne l'oublie, pas les Belges qui sont restés au Congo n'ont rien à gagner dans cette identification du roi au colonialisme, ils ont au contraire beaucoup à perdre si l'entourage du roi ne se voit pas admonester...et appliquer... UN LAVAGE CERVEAU!⁴⁰²

A *Remarques Congolaises* apropriou-se desses dois trechos para criticar posicionamentos negativos sobre a postura de Lumumba, durante a comemoração da independência. O semanário que tinha, claramente, o seu posicionamento em apoio ao Primeiro Ministro e à formação de um estado congolês unido, propôs aos seus leitores uma reflexão sobre a resposta e a elucidação de Lumumba sobre o passado colonial. A revista acreditava que o teor do pronunciamento de rei belga não trazia benefício algum para os belgas que permaneceram morando no Congo e, até mesmo, dificultou o estabelecimento de

⁴⁰¹ Tradução: "É especialmente alarmante que políticos e o Rei não se prepararam no discurso que não fez referência nem as riquezas, nem se preocuparam com as reação que o seu discurso poderiam provocar com a deplorável mensagem.

Pois com certeza tudo estava aí. Apesar do seu gosto e propensão de chamar atenção para si diante de grande público, Lumumba não cometeu nenhuma grosseria que o censurasse, se não tivesse tido o sentimento que o Senhor do país faltasse respeito.

Esse catalogo de realização e atitudes coloniais condescendentes a não destruir o patrimônio deixado, foi de início ao fim, um repertório completo das coisas que não deveriam ser ditas."Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, 281.

⁴⁰² Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 281.

relações de cooperação. Aos que não reconheciam a adversidade da fala de Baudouin e, por conseguinte, desaprovava a postura de Lumumba, a revista afirmava que deviam ter passado por uma lavagem cerebral. Além das análises sobre a formação do primeiro governo belga e as repercussões dos discursos proferidos, a *Remarques Congolaises* publicou, respectivamente, a transcrição dos discursos do Presidente Joseph Kasa-Vubu, do Rei Baudouin I e do Primeiro-Ministro Patrice Lumumba, convidando os leitores a realizarem as suas próprias reflexões e conclusões.

Assim, fechando essa análise, infere-se que Lumumba, por meio do seu nacionalismo e da sua experiência, intercedeu pelo reconhecimento da assolação colonial às terras e aos povos congolese, os quais não se conformaram com o apagamento da memória e da luta congolese. Defendeu até a sua morte a dignidade dos povos negros e africanos, bem como a união destes para a libertação do continente africano.

Entretanto, o sonho de Lumumba custou-lhe a própria vida. Ele foi preso no mesmo ano, brutalmente torturado, assassinado e teve o seu corpo decomposto por ácido, um ano após a sua nomeação, como Primeiro Ministro, em 1961.⁴⁰³ As torturas e o cruel assassinato de Lumumba tinham claramente o objetivo de servir como exemplos às lideranças anti-coloniais. Dessa forma, sobre o desempenho da Bélgica, Depelchin destaca que:

Assim como o corpo de Lumumba, eles desejavam fazer desaparecer o país. Como con Lumumba, como con gobierno colonial y la esclavitud anterior, el proceso de acabar con personas, grupos e incluso con un país que se niega a cumplir la receta, en África y más allá, ha sido el mismo: fustigar.⁴⁰⁴

Depelchin apontou que a necessidade da Bélgica em assassinar Lumumba refletia a sua intenção de não somente apagar o seu legado de depredação na África. A atuação de Lumumba representou a luta do continente africano pela liberdade e o resgate do humanismo, tanto para àqueles que estiveram sob a condição de colonizado, como a de colonizador.⁴⁰⁵ Pode-se observar que o assassinato do Primeiro Ministro teve apoio direto ou indireto das potências internacionais, sobretudo a ONU, as quais não intervieram sobre a brutalidade cometida contra a liderança nacionalista. O governo belga tinha medo e, por intermédio da grande repressão ao anticolonialismo suprimia, os posicionamentos contrários à sua atuação no Congo. O desagrado causado pelo discurso e pela figura de Lumumba estava relacionado ao que ele significava: a disputa por uma memória, em que tivesse lugar a experiência dos congolese no combate ao colonialismo e como agentes ativos na luta pela libertação do Continente Africano.

⁴⁰³ DEPELCHIN, Jacques. **Por una recuperación de la historia africana: De África a Haití a Gaza**. Barcelona: Oozebapp, 2011.

⁴⁰⁴ Idem, 2011, p. 75.

⁴⁰⁵ BENOT, YVES. **La mort de Lumumba ou la tragédie congolaise**. Collection Afrique Contemporaine (Directeur Ibrahima Baba Kake), Vol. 2. Paris: Éditions Chaka, 1991, p.179.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos neste trabalho de conclusão de mestrado, o caráter ativo dos agentes congolese e, também, a sua transitoriedade pelo continente. Percebemos os africanos, como sujeitos do processo de independência dos seus próprios países e continente e, também, observamos o seu contato constante com culturas e países diversos, dentro da própria África. Percebemos, aqui, que os movimentos anti-coloniais, foram, sobretudo, lutas que visavam à reconquista da dignidade humana e, ao mesmo tempo, inauguravam o processo de descolonização mental e ideológica dos submetidos à lógica colonialista, colonizados e colonizadores.

Dentro dessa perspectiva, ressaltamos a importância dos estudos da História da África para repensar a escrita da História mundial. Concordamos com Feierman que “não é mais possível defender a posição de que os processos históricos entre os povos não-europeus possam ser vistos como meras conseqüências de influências encadeadas que emergem de um centro europeu dominante”.⁴⁰⁶ Assim, por meio do trabalho de pesquisa e análise dos discursos de Patrice Lumumba e dos documentos digitalizados do arquivo do Estado belga, procuramos demonstrar a importância da atuação dos africanos, durante o processo de luta pela libertação do continente e como este processo pode ser analisado, como movimento que influenciou e interferiu nos contextos internacionais. Mais especificamente, evidenciou-se a independência do Congo Belga, conhecido atualmente como Congo-RDC, sobretudo, como consequência dos movimentos internos, organizados pelos próprios congolese, diante de um favorável contexto internacional de período pós-guerras.

Considerando a complexidade e a pluralidade de movimentos e associações políticas existentes, durante o processo de independência do Congo-RDC, ainda há muitas questões que precisam ser iluminadas, sobre o perfil político, social e cultural dos sujeitos e grupos que participaram do processo de luta anti-colonial. Desse modo, muitas questões foram trazidas por este trabalho para serem desdobradas e aprofundadas em futuras pesquisas.

Houve no Congo um movimento que buscava a libertação dos povos congolese e africanos da dominação e da depredação do sistema colonial europeu. No entanto, ao analisarmos esse processo, verificamos que o colonialismo e a resistência do governo belga em manter o Congo como sua colônia, representava a manutenção da dependência econômica e política que a Bélgica tinha dos povos e dos recursos presentes nas terras congolese.

O processo de luta pela libertação do Congo está localizado entre o reconhecimento da sua emancipação e do silêncio das violências cometidas pelo estado belga durante a sua colonização. Assim, observamos a intervenção belga e a sua não aceitação da sua própria independência e o medo de sustentar-se sem o poder econômico e os aparatos políticos que a dominação sobre o Congo lhe conferiu, durante décadas de atrocidades e de exploração colonial. A colônia congolese foi responsável pela construção do Estado Belga, como potência europeia e por seu enriquecimento ao longo de várias décadas.

⁴⁰⁶ FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (eds.) **Africa and the disciplines: the Contributions of Research in Africa to the Social Sciences and Humanities**. Chicago: University of Chicago Press, 1993. Tradução Elisangela Mendes Queiroz, p.10.

BIBLIOGRAFIA

- APPIAH, Kwame Antony. **Na casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, (1997) 2010.
- BEEL, G. Histoire du Congo. Formation de la Nation Congolaise. Destinée aux élèves d'écoles du Congo. Maison d'éditions AD.WESMAEL-CHARLIER (S.A) NAMUR - Belgique, 1963.
- BENOT, Yves. **La Mort de Lumumba ou la tragédie congolaise**. Collection Afrique Contemporaine (Directeur Ibrahima Baba Kake), Vol. 2. Paris: Éditions Chaka, 1991
- BIRMINGHAM, David. **A África Central até 1870: Zambézia, Zaire e o Atlântico Sul**. (capítulos da Cambridge History of Africa) Angola: ENDIPU/ UEE (tradução de Jorge Manuel Fragoso), 1981.
- BITTENCOURT, Marcelo. A criação do MPLA. **Estudos Afro-Asiáticos**, 32: p. 185- 208, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, dezembro de 1997.
- BRAUN, Ken. Le Grand Kallé: Joseph Kabesele and the creation of modern congolese music. p.7. Disponível em: http://www.accent-presse.com/IMG/pdf/STCD3059_itunes_Vol-2_Fra.pdf
- BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique. Identidade, colonialismo e libertação**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. São Paulo, USP, 2007.
- CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CHAKRABARTY, Dipesh. **Subaltern Studies and the Postcolonial Historiography**. Duke University, 2000. Disponível em: <http://www.libcom.org/files/subaltern.pdf>
- CHOMÉ, Jukes. **La passion de Simon Kimbangu (1921-1951)**. Paris, Ed.: Presence Africaine, 1959.
- COOPER, Frederick. Work, Class na Empire: An African Historian's Retrospective on E. P. Thompson. **Social History**, Vol. 20, No. 2 (May, 1995).
- CORNEVIN, Robert. Le Congo ex-belge. In: **Revue française d'histoire d'outre-mer**, tome 49, n°175, deuxième trimestre 1962. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3406/outre.1962.1355>
- COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança. A África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, São Paulo, EDUSP, 1992.
- COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o Libambo: A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
- DEPELCHIN, Jacques. **From the Congo Free State to Zaire: How Belgium Privatized the Economy. A History of Belgian Stock Companies in Congo-Zaire from 1885 to 1974**. Trad. Ayi Kwei Armah. Dakar, Senegal: Codesria, 1992.
- _____. **Por una recuperación de la historia africana. De África a Haití a Gaza**. Barcelona: OZEBAP, 2011.
- _____. **Silences in African history: Between syndromes of discovery and abolition**. Dar Es Salaam: Mkuki na Nyota Publishers, 2005.
- DESLAURIER, Christine. « La documentation africaine à Bruxelles. Les fonds du ministère belge des Affaires étrangères (Burundi, Congo, Rwanda)», *Afrique & histoire*1/2003 (Vol. 1), p. 223-234
- Disponível em : www.cairn.info/revue-afrique-et-histoire-2003-1-page-223.htm.
- DRIVER, Felix. "Henry Morton Stanley and his critics: geography, Exploration and Empire". *Past and present*. In: **Oxford Journals**, n°133, Nov. 1991.

FARIAS, P.F. De Moraes; “Afrocentrismo: Entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural.” Casa das Áfricas. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003), pp.317. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Afrocentrismo-entre-uma-contranarrativa-historica-universalista-e-o-relativismo-cultural.pdf>

FERREIRA, Muniz Gonçalves. **A África Contemporânea: dilemas e possibilidades**. Disponível em : http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/africa_contemporanea.pdf

FRY, Peter. Culturas Da Diferença: Sequelas das Políticas Coloniais Portuguesas e Britânicas na África Austral. *Afro-Ásia*, Edição: 29-30 (2003).

FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O’BARR, J. (editors). **Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

GAMAL, Mokhtar(ed.). **História Geral da Africa, II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010.

GONÇALVES, Antônio Custódio. Simbolização do processo político e dinamismo sociocultural numa sociedade tradicional: abordagem histórica e sistêmica. **Análise social**. XX (84), 1984)-5.

GORDIMER, Nadine. **Tempos de reflexão: de 1954 a 1989**. São Paulo: Globo, 2012.

HENRY, Elise. Le Mouvement Géographique, entre géographie et propagande coloniale . **Belgeo [En ligne]**, 1 | 2008, mis en ligne le 19 octobre 2013, consulté le 09 septembre 2015. Disponível em: <http://belgeo.revues.org/10172>

HOSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ILIFFE, John. **Os Africanos: história dum continente**. Lisboa: Terramar,1999

GERARD-LIBOIS, J. & VERHAEGEN, Benoit. TOME I. La Table Ronde, pour connaître, pour comprendre tout. **Le Dossier du CRISP (Centre de recherche et d'Information socio-politiques)**, Congo 1960.

JOUAN, Quentin. Recruter au katanga. réalites et discours de la Bourse du Travail du katanga (1914-1922). **Travail Final de l'UCL (Université Catholique de Louvain)**.

KALY, Alain Pascal. O ensino da História da África no Brasil: o início de um processo de reconciliação psicológica de uma nação? IN: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs). **Ensino de história e culturais Afro-Brasileira e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

KINSANGANI, Emizet François. **Civil wars in the Democratic Republic of Congo (1960-2010)**. Boulder, CO and London: Lynne Rienner Publishers, 2012.

LEMARCHAND, René. Limits of Self-Determination: The Case of the Katanga Secession', **American Political Science Review**, lvi, no. 2 (June 1962)

LUCA, Tania Regina de. História dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAZRUI, Ali A. ; WONDJI, Christophe (Ed.). **História Geral da África. VOL.VIII. África desde 1935**. Sessão I. Brasília: UNESCO, 2010.

M’BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e Civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)**. Bahia: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2011.

M'BOKOLO, Elikia. O "separatismo catanguês". In: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (coord.). **Pelos Meandros da Etnia. Etnias, tribalismo e Estados em África**. Portugal : Ed. Pedago e Ed. Mulemba, 2014.

MAESTRI, Mário. **História da África Negra pré-colonial**. São Paulo: Mercado Aberto, 1988.

- MBU-MPUTU, Norbert Xson. **Patrice Emery Lumumba : discours, lettres, textes, Newport**. Editions Mediacomx, 2010, Paperback, 204 pages, 2010
- MUNANGA, Kabengele. A República Democrática do Congo - RDC . **Casa das Áfricas**. Disponível em:<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>
- Nanda, Meera. “Contra a destruição/desconstrução da ciência”. In: WOOD, Ellen M. & FOSTER, John B. (orgs). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- NIANE, Djibril Tamsir (ed). **História Geral da Africa, IV: História Medieval**. Brasília: UNESCO, 2010
- NKRUMAH, Kwame. **Challenge of the Congo**. New York: International Publishers, 1967 [70].
- NDAYWEL è NZIEM, Isidore. **Histoire générale du Congo: de l'héritage ancien à la République Démocratique**. Bruxelles: CGRI/Duculot-Afrique Éditions/Agence de la Francophonie, 1998.
- NGOY-KANGOY, H. Kabungulu. **Parties and political transition in the Democratic Republic of Congo**. South Africa: EISA RESEARCH REPORT N°20, 2006.
- OBENGA, Théophile.Le Zaire. **Civilisations traditionnelles et Culture moderne**. Paris: Presence Africaine, 1977.
- OMASOMBO, Jean Tshonda; VERHAEGEN, Benoît. **Patrice Lumumba:acteur politique: de la prison aux portes du pouvoir**. Paris: Harmattan; Tervuren: Musée Royal de l 'Afrique Centrale, 2005.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.
- SLENES, Robert W. Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: "Creolization" and identity politics n the black south Atlantic, c.a 1700/1850. In: BARRY, Bobacar; SOUMONI, Elisée; SANSONE, Livio (Editors). **Africa, Brazil and the construction of Trans-Atlantic Black Identities**. SEPHIS/Africa World Press, Inc, 2008
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SOUZA E MELLO, Marina de, VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Revista Tempo**, Número 6: Escravidão e África Negra, , 1998.
- SOUZA, Marina de Mello e. Religião e poder no Congo e Angola, séculos XVI e XVII, universo mental e organização social. In: SOUZA , Laura de Mello e; FURTADO, Júnia Ferreira e BICALHO, Maria Fernanda. (Org.). **O governo dos povos**. São Paulo: Alameda, 2009.
- THORTHON, John. **The Kongolese Saint Anthony Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706**. Cambridge University Press, 1998.
- UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África. In: BOAHEN, Albert Adu (org.) **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- VANDERLINDEN, Jacques. **La crise congolaise: 1959-1960, la memoire du siecle**. Bruxelles: Editions Complexe, 1985
- VAN LIERDE, Jean. **La pensée politique de Patrice Lumumba**. Paris Ed.: Éditions Presence Africaine, [1963] 2010.
- WILLAME, Jean-Claude. **Patrice Lumumba. La crise congolaise revisitée. Les Afriques: collection dirigée par Jean François Bayart**. Paris: Éditions Karthala, 1990.

ZERBO, Yacouba. La problématique de l'unité africaine (1958-1963), **Guerres mondiales et conflits contemporains**, 2003/4 n° 212, p. 11. DOI : 10.3917/gmcc.212.0113)

LISTA DE FONTES

Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Classes des Sciences Morales et Politiques, N.S., XXXVIII-2, Bruxelles, 1969. Jules Cousin, pionnier, chef d'entreprise et homme de bien (1884-1965) par VAN DEN STRAETEN. Disponible em:

http://www.kaowarsom.be/documents/MEMOIRES_VERHANDELINGEN/Sciences_morales_politique/Hum.Sc.%28NS%29_T.XXXVIII,2_VAN%20DER%20STRAETEN%20E._Jules%20Cousin,%20pionnier,%20chef%20d%27entrEprise%20et%20homme%20de%20bien%20%281884-1965%29_1969.pdf (accès em 9/07/2015)

Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Académie Royale des Sciences Coloniales, 1957. (accès em 11/10/2015)

Biographie Belge d'Outre Mer, T. VII-A, 1973, col. 462-476. Académie Royale des Sciences d'Outre Mer. Disponible em:

http://www.kaowarsom.be/documents/bbom/Tome_VIIa/Tshombe.Moise_Kapenda.pdf (accès em 9/07/2015)

Biographie Belge d'Outre-Mer, Tomo VII-C, 1989, col.231. Académie Royale des Sciences d'OutreMer Disponible em: http://www.kaowarsom.be/en/notices_koeckx_jean (accès em 21/11/14)

Biographie Belge d'OUtre-Mer.T.IX, 2015, col. 217-224. Académie Royale des Sciences d'Outre-Mer. Disponible em: http://www.kaowarsom.be/fr/notices_KASA-VUBU_Joseph (accès em 24/07/2015)

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Académie Royale des Sciences Coloniale. (accès em 11/10/2015)

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques.

Centre Æquatoria/Centre de Recherches Culturelles Africanistes. Antoon rubbens (1909 - 2000): notice biographique / par Honoré Vinck. Disponible em:

<http://www.aequatoria.be/04frans/032biobiblio/0321RUBBENS.htm>

La Guerre froide touche aussi le Congo... Lettre, 1960. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. (accès em 11/10/2015)

La Guerre froide touche aussi le Congo... Lettre, 1960. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponible em:

<http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=200&l=fr>

« Le phénomène "PAN" », Courrier hebdomadaire du CRISP 1961/21 (n° 111), p. A-I. DOI 10.3917/cris.111.a. Disponible em: www.cairn.info/revue-courrier-hebdomadaire-du-crisp-1961-21-page-A.htm (acesso em 16/06/2015)

Le problème de la jeunesse désœuvrée 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponible em: <http://expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=199&l=fr#anchor> (acesso em 11/10/2015)

LOUWERS, M. O. L'article 73 de la Charte et l'anticolonialisme de l'Organisation des Nations Unies. Mémoires. — Collection in - 8. Tome XXIX, fasc. 2. SECTION DES SCIENCES MORALES ET POLITIQUES. Bruxelles: Institut Royal Colonial Belge, 1952. (acesso em 11/10/2015)

Manifeste de l'Abako pour l'indépendance, s.d. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. Disponible em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr> (acesso em 11/10/2015)

Minute d'une lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponible em: <http://expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=198&l=fr#anchor> (acesso em 11/10/2015)

Remarques Congolaises, N° Especial de l'Indépendance. Revue hebdomadaire africaine d'information et documentation publié sur la direction de Mupenda Bantu, 1960, p. 286-287. Disponible em:

<http://www.congoforum.be/fr/congodetail.asp?subitem=21&id=191081&Congofiche=selecte> d (acesso em 14/08/2014)

Anexos

Anexo A: Manifesto pela independência da ABAKO⁴⁰⁷



⁴⁰⁷ Manifeste de l'Abako pour l'indépendance, s.d. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. Disponible em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr> (acesso em 05/052015)

Anexo B: Carta endereçada a Paul sobre a inquietação na colônia⁴⁰⁸

29 DEC 59

Mon cher Paul, *Silet*

Reçois mes meilleurs souhaits pour l'année qui commence. Je te souhaite, ainsi qu'à Madeleine et à tous tes enfants et petits enfants une année vraiment heureuse, remplie des meilleures joies. Je prie Dieu d'accomplir largement ces vœux que je lui recommande.

Je te souhaite aussi des tracas modérés. À ton niveau les tracas sont inévitables et nombreux : puissent-ils tous trouver assez aisément les solutions convenables. Parmi ces tracas, ceux que soulève le Congo ne sont certes pas les moindres. Les événements ont pris un rythme extrêmement rapide et je ne crois pas qu'il soit encore possible de les arrêter ni même de les freiner beaucoup, au moins sur le plan des principes. Mais je reste persuadé que sur le plan des réalisations pratiques, sur le plan de la mise en œuvre des institutions nouvelles nous rencontrerons du bon sens et un désir d'aide efficace qui permettront de pallier à beaucoup de risques. Je suis convaincu qu'une volonté de franche collaboration avec les nouvelles autorités politiques permettra à ce pays de continuer à marcher dans la voie du progrès. Ce sera sans doute moins facile qu'auparavant, car il faudra expliquer, discuter, convaincre, et au début il faudra vaincre beaucoup de préventions. Et si nous parvenons à intéresser des capitaux non belges au Congo, dont les exigences établiraient que ce que nous demandons comme garantie est normal, je suis persuadé que les activités administratives, sociales, économiques, culturelles et religieuses se poursuivront d'une manière très satisfaisante.

Il est un peu tôt pour tirer des conclusions sur le voyage du Roi. Je suis passé par Stanleyville peu après la visite du souverain. Manifestement il y avait une détente dans l'excitation des milieux noirs, qui se caractérisaient par une xénophobie inquiétante. Les milieux européens restaient très pessimistes et de nombreux retours de famille en Europe étaient envisagés à brève échéance. Le Roi fait très grosse impression sur tous ceux qui l'approchent. Mais je doute que le projet caressé par certains, selon lequel une union personnelle dans le Souverain réglerait les rapports Belgique-Congo, ait actuellement une chance d'être acceptée par les milieux politiques africains. À l'égard de l'accueil de la population européenne a été très chaude. Mais le monde noir était pratiquement absent et en tout cas assez indifférent. Les journaux de Léopold la radio ont certainement majoré les faits...

Encore tous mes vœux - et avec l'espoir de te rencontrer bientôt en Afrique.

⁴⁰⁸ *Le problème de la jeunesse désœuvrée 1959*. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponível em : <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=3&l=fr> (acesso em 05/05/2015)

Anexo C: Carta de Jules Cousin para Jean Jadot⁴⁰⁹

J. COUSIN
B.P. 898

Elisabethville, le 18 mars 1960.

Mon cher Jean,

Dans ma lettre du 7 mars, j'ai promis de t'écrire à nouveau quand j'aurais plus de temps. J'ai été fort housculé ces derniers jours et je le suis encore maintenant. Des tas de petits événements imprévus se sont produits.

Au sujet des bagares qui ont eu lieu durant le week-end entre les partisans de la Conakat (fédéralistes) et les partisans du Cartel (Congo uni), il est à noter que les seules victimes sont des partisans de la Conakat. Le massacre a été organisé par des commandos, exactement suivant la formule communiste. Nous savons d'ailleurs qu'à Kolwezi, les gens du Kasai avaient formé des cellules. Je suppose qu'il en a été de même à Elisabethville. Ces commandos avaient reçu des instructions d'incendier les habitations des principaux leaders de la Conakat.

A l'heure actuelle, on ignore le nombre de morts. Le Gouvernement s'efforce de diminuer les résultats de ces bagares, mais je crois qu'en réalité, il y a au moins 30 morts et 150 blessés.

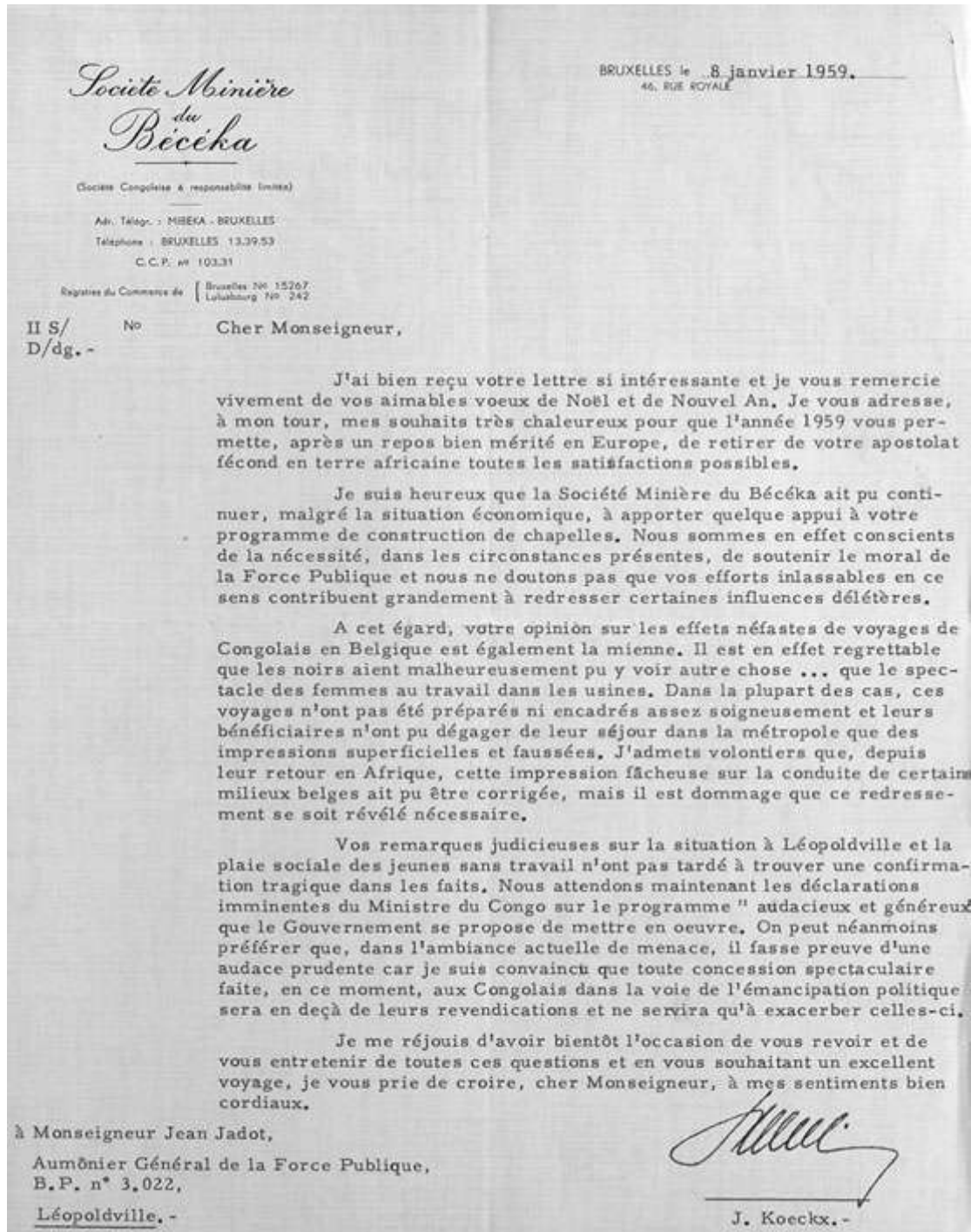
Il n'y a pas de doute que c'est la présence de Lumumba à Elisabethville qui a provoqué ces incidents tragiques. Cet individu, qui est protégé d'une manière scandaleuse par le Gouvernement, a une influence formidable sur les masses. Certains le considèrent comme un petit Hitler et, personnellement, je suis convaincu que c'est un communiste 100 % et que les méthodes qu'il emploie sont des méthodes qui lui ont été apprises par les communistes. Je crois même qu'il est assisté ~~en fait~~ par les communistes européens et noirs, des gens qui ont été formés à Moscou et à Prague.

Dans la période préélectorale, il se montre très prudent, et a l'air de prêcher le calme et l'entente entre Belges et Congolais, mais je sais de source certaine que lorsqu'il est allé à Kipushi, il a tenu des propos tout différents. Il a annoncé à son auditoire de Congolais que dans 6 ans il n'y aurait plus d'européens au Congo et que tous les Congolais auraient leur voiture. Il est à remarquer que c'est exactement ce qu'Hitler déclarait aux Allemands avant la guerre et c'est alors qu'il a créé les usines devant fabriquer les "Volkswagen".

Du fait que dans les centres extra-coutumiers ce sont les partisans de la Conakat qui ont été victimes, il en résulte une irritation très grande à l'intérieur, c'est-à-dire dans les régions coutumières et ils sont décidés non seulement à boycotter, mais même à chasser tous les indigènes d'origine Kasai et même les Baluba du Katanga qu'ils considèrent comme des étrangers dans le haut-Katanga.

⁴⁰⁹ La Guerre froide touche aussi le Congo... Lettre, 1960. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponible en: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&l=fr> (acceso em 05/05/2015)

AnexoD: Carta de Jean Koeckx para Jean Jadot⁴¹⁰



⁴¹⁰ Lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille . Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&l=fr> (acesso em 03/06/2015)

AnexoE: Carta sobre o problemas dos jovens desempregados⁴¹¹

Léo le 20 juillet 1959

4800

Mon cher Paul,

4800

Il reste difficile de se faire une opinion exacte sur l'état des esprits. Il y a incontestablement une détente, aussi bien chez les européens que chez les noirs (sauf chez les Bakongo) - mais dans quelle mesure est-elle stable ? Elle me paraît cependant suffisante pour que tu puisses envisager d'entreprendre prochainement un voyage avec la certitude que ton passage contribuera à renforcer le moral des habitants de ce pays et à concentrer leurs efforts sur les problèmes économiques. Ces problèmes commencent à sérieusement préoccuper beaucoup d'Africains et dans certaines régions, comme le Kayumbe, semblent même être à l'origine d'une certaine méfiance à l'égard des menées des politiciens. Pour ma part je souhaite vivement que tu viennes faire une tournée d'inspection des grandes affaires du groupe de la Société Générale.

Quelques gros problèmes politiques et sociaux se posent d'une manière particulière en ce moment. C'est d'abord le problème de la jeunesse désœuvrée. Il est navrant de constater qu'au bout de six mois on n'a pratiquement rien fait et que des milliers de jeunes gens abordent l'âge adulte sans aucun espoir dans la vie. D'ici dix ans ces garçons formeront une masse d'électeurs aigris et révolutionnaires. Il est absolument nécessaire qu'on s'attaque franchement à ce problème à l'échelon Congo tout entier et qu'on cherche à le résoudre en étroite coordination avec le nouveau plan décennal, qui est centré sur la production agricole.

C'est ensuite le problème des forces de l'ordre. Un différend, qui peut devenir très grave, se dessine entre le Général et les autorités gouvernementales. Celles-ci, devant la situation budgétaire, veulent que la F.P. consacre tous ses moyens aux tâches de gendarmerie et à cette fin mette en veilleuse son côté armée de guerre, en renonçant notamment à l'armement lourd et aux manœuvres stratégiques, toutes choses très coûteuses. Le Général ne se plie pas à ces volontés et veut assurer la mission de gendarmerie au moyen de crédits supplémentaires, sans porter atteinte aux possibilités strictement militaires de la F.P.. Le tempérament combattif et même explosif du commandant en chef me fait craindre des incidents regrettables, d'autant plus qu'il a déjà indisposé pas mal d'autorités civiles en émettant des jugements assez radicaux sur certaines attitudes politiques.

C'est aussi les projets d'action politique caressés par les milieux d'anciens combattants et pour lesquels M. de Ryckman de Betz, de l'Union Minière, serait rentré récemment en Belgique en vue d'obtenir d'importants subsides. Ce qui m'inquiète ce n'est pas tellement l'action des A.C. comme telle que surtout la personnalité de celui qu'on cite comme devant être chargé de conduire cette action, un certain M. Verniers, de Léopoldville, ancien directeur de l'Organisme Régulateur du Ciment, garçon extrêmement dynamique et généreux, mais manquant nettement de jugement et de pondération. Comme il est probable qu'une participation sera demandée aux affaires coloniales, je crois nécessaire de mettre en garde contre un choix malencontreux de dirigeant.

J'espère que la situation charbonnière te cause moins d'ennui et que malgré toutes les difficultés tu pourras trouver quelques jours de repos.

Je te prie de croire, mon cher Paul, à mes sentiments les meilleurs.

⁴¹¹ « C'est d'abord le problème de la jeunesse désœuvrée. Il est navrant de constater qu'au bout de six mois on n'a pratiquement rien fait et que des milliers de jeunes gens abordent l'âge adulte sans aucun espoir dans la vie ». Minute d'une lettre, 1959. AGR, Archives Jean Jadot, portefeuille 1. Disponible en: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&l=fr> (accès en 03/06/2015)

Anexo F: Delegação africana durante a Primeira Guerra mundial⁴¹²



Anexo G: Soldados africanos durante a Primeira Guerra Mundial⁴¹³



⁴¹² Photo de la Campagne africaine pendant la Première Guerre mondiale, Baron Dhanis, s.d. AGR, Evans Deglain, n° 19/9. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=3&l=fr> (acesso em 06/06/2015)

⁴¹³ Photo de la Campagne africaine pendant la Première Guerre mondiale, s.d. AGR, Evans Deglain, n° 19/12

Anexo H: Congolese jogando futebol com europeus⁴¹⁴



Anexo I: Jogadores de futebol no Congo, do time Les Diablos Verts⁴¹⁵



⁴¹⁴ Match de football interracial, photographie [1950-1959]. AGR, Archives Sibéka, n° 4994. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=1&l=fr>(acesso em 07/05/2015)

⁴¹⁵ Les foyers sociaux et le sport devaient remonter le moral des ouvriers. Les Diablos Verts, photographie [1950-1959]. AGR, Archives Sibéka, n° 4989. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=211&p=384&l=fr#anchor> (acesso em 07/05/2015)

Anexo J: Delegação congolosa na conferência da Table Ronde⁴¹⁶



Anexo K: Delegação belga na conferência da " Table Ronde⁴¹⁷



⁴¹⁶ La délégation congolaise à la table ronde économique, 1960. AGR, Archives Sibéka, n° 5020. Disponível em :

⁴¹⁷ La délégation belge à la table ronde économique, 1960. AGR, Archives Sibéka, n° 5020. Disponível em: [http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=212&p=387&l=fr#anchor\(acsso em 03/09/2015\)](http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=212&p=387&l=fr#anchor(acsso em 03/09/2015))

Anexo L: Cartão de acesso a conferência da Table Ronde⁴¹⁸



Anexo M: Jean Bolikango discursando para os congoleses sobre a eminente independência (1959)⁴¹⁹



⁴¹⁸ Carte d'accès à la Table Ronde de Luc Somerhausen, 1960. AGR, *Collection expansion belge d'outre-mer*, n° 86. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=3&l=fr> (acesso em :03/09/2015)

⁴¹⁹ Discours du commissaire général adjoint à l'Information, J. Bolikango, à propos de l'indépendance imminente, lors d'une manifestation à Yangambi. Photographie, 27 octobre 1959. AGR, *Archives INEAC*, n° 7398b. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&l=fr> (acesso 03/09/2015)

Anexo N: Público assistindo ao discurso de Bolikango durante uma manifestação em Yangambi, na Província Oriental do Congo⁴²⁰



Anexo O: Trabalhadores na mina da Província do Katanga⁴²¹



⁴²⁰ De petits groupes d'évolués et d'universitaires mettent en avant l'appartenance ethnique pour remporter les élections qui précèdent l'indépendance. Discours du commissaire général adjoint à l'Information, J. Bolikango, à propos de l'indépendance imminente, lors d'une manifestation à Yangambi. Photographie, 27 octobre 1959. AGR, Archives INEAC, n° 7398b. Disponible en : <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=215&p=392&l=fr#anchor> (accès en 03/09/2015)

⁴²¹ Exploitation d'une mine au Katanga, (photographie) 1909. AGR, Archives Hubert Droogmans, n° 238. disponible en : <http://www.expocongo.be/content.php?m=5&r=2&doc=72&l=fr> (accès en 05/05/2015)

*Anexo P: Convite para Festa de independência do Congo*⁴²²



Anexo Q: Conselho dos representantes políticos na cerimônia de independência, 30 de junho de 1960⁴²³



⁴²² Invitation aux festivités à l'occasion de l'indépendance du Congo, 1960. AGR, *Collection expansion belge d'outre-mer*, n° 85. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=3&l=fr> (acesso em :03/09/2015)

⁴²³ Le Roi Baudouin reçoit les membres du *Conseil de Législation*, 1960. AGR, *Archives Sibéka*, n° 5020. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&l=fr> (acesso 03/09/2015)